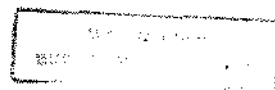


Neli Edite dos Santos

A Crítica Jornalística sobre Clarice Lispector (1943 - 1997)

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
1999



5600266

Neli Edite dos Santos

A Crítica Jornalística sobre Clarice Lispector (1943 - 1997)

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Prof^a Dr^a Adélia Bezerra de Meneses.

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
1999

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Sa59c

Santos, Neli Edite dos

A Crítica Jornalística sobre Clarice Lispector (1943-1997) / Neli Edite dos Santos. – Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Adélia Bezerra de Meneses

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

I. Crítica Literária. 2. Lispector, Clarice, 1920-1977. I. Meneses, Adélia Bezerra de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Folha de Aprovação

Profª Drª Adélia Bezerra de Meneses

Prof. Dr. Joaquim Alves de Aguiar

Profª Drª Suzi Frankl Sperber

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Neli Leite dos
Santos

e aprovada pela Comissão Julgadora em
31 / 08 / 99.

Drª Adélia Bóledo Bezerra de Meneses

A Maria Edite, Neide Maria e Geralda Maria, com saudade.

A Maria Abadia, com admiração.

A quem, de travessia em travessia, conquista uma outra condição, dedico a afirmação da vontade de viver, aqui convertida em pensamentos e palavras.

Agradecimentos

À Adélia, pela paciência e zelo que sempre teve comigo. Mesmo quando enveredei por descaminhos ou me isolei no silêncio, você, orientadora e amiga, confiou em mim, deixando abertos os canais de interlocução e reservada *a pasta vermelha*. Muito obrigada!

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária, pela oportunidade de apurar a acuidade e o gosto literários, sobretudo aos que contribuíram com sugestões.

À Tia Ordalha, pelo incentivo constante.

Ao Ernesto, à Tânia, à Onília, à Maria Joana, à Virgínia, ao Cleude, ao Toni, à Tânia (do Mateus), ao Toninho, à Osana, à Cida, ao Ronaldo, à Jussara, ao Luiz, à Deise e à Fatinha, que são minha *terceira perna*, pelo cuidado comigo; à Regma, pelas conversas *periódicas* sobre *periódicos*.

À turma da pós, especialmente Vilma, Margarete, Mailde, Antônio, Cido e Paola, solidários na experiência de pesquisador incipiente.

À Rosana, à Joana, à Vilma, à Marileuza, à Elzimar e à Maria Alice, pela torcida; e porque, no intervalo das aulas, também partilhamos projetos, dissabores e desvarios.

À Heloísa, pela forma carinhosa de intervenção.

À CAPES e ao FAEP/UNICAMP, pelo financiamento de parte da pesquisa.

"Para que haja o eterno prazer de criar, para que a vontade de vida afirme eternamente a si mesma, é preciso também que haja eternamente o 'tormento da parturiente'."

Friedrich Nietzsche

Para que este estudo ganhasse materialidade, foi preciso que se afirmasse em mim a vontade de viver

Sumário

Resumo.....	09
Considerações Iniciais.....	10
Parte I - Panorama da Crítica Jornalística Brasileira.....	20
Parte II - A Estréia de Clarice Lispector.....	37
. Brilha o Livro Cor-de-Rosa.....	41
. As Críticas Fundantes.....	54
. Influências Estrangeiras.....	66
Parte III - O Clima Lispector.....	80
. À Porta da Sociedade das Sombras.....	86
. A Cidade Sitiada e Alguns Contos.....	94
Parte IV - A Reconsagração de Clarice Lispector.....	103
Parte V - O Mistério Clarice Lispector.....	115
. A Via Crucis do Corpo.....	117
. A Hora da Estrela.....	127
. A Promoção do Mito Clarice Lispector.....	135
Considerações Finais.....	149
Anexo 1.....	159
Anexo 2.....	160
Anexo 3.....	161

Abstract.....	162
---------------	-----

Bibliografia.....	163
-------------------	-----

1. Artigos de Jornais e Revistas

. Década de 40.....	164
. Década de 50.....	168
. Década de 60.....	169
. Década de 70.....	180
. Década de 80.....	197
. Década de 90.....	207
. Sem data.....	210

2. Estudos sobre Clarice Lispector.....	211
---	-----

3. Revistas Temáticas.....	213
----------------------------	-----

4. Respaldo Teórico Geral.....	214
--------------------------------	-----

5. Inventário.....	216
--------------------	-----

6. Filmografia e gravações.....	217
---------------------------------	-----

7. Obras de Clarice Lispector.....	217
------------------------------------	-----

Resumo

Esta dissertação pretende apresentar uma trajetória da crítica jornalística sobre Clarice Lispector, desde sua estréia, em 1943, até os anos 90, a fim de identificar alguns de seus elementos constituintes, indicar possíveis caminhos para a sua compreensão e propor parâmetros adequados para a sua inserção no conjunto da fortuna crítica clariceana.

Tomando por pressuposto que a crítica jornalística pode ser um importante elemento no processo de recepção, especialmente quando propõe critérios para a interpretação das produções literárias, são comentadas algumas das respostas dadas pelos críticos ao desafio de ler Clarice Lispector e apresentá-la aos leitores.

Considerações Iniciais

Clarice, um enigma indecifrado.

*Vinte anos após sua morte, a obra de Clarice Lispector
desafia os intérpretes e encanta os leitores.*

Márcia Bechara. Estado de Minas, 09/12/1997.

“*Clarice, um enigma indecifrado*” é o título de um artigo de Márcia Bechara, publicado em 09/12/1997, no jornal **Estado de Minas**, em homenagem aos vinte anos de falecimento de Clarice Lispector - 1977/1997.

Há nele, pelo menos, dois aspectos que ajudam a elucidar como a crítica jornalística, de modo geral, tem manifestado dificuldade em tratar a obra de Clarice Lispector, sua biografia e o acervo de leituras que compõem sua volumosa fortuna crítica.

O primeiro diz respeito ao uso incorreto ou inadequado de informações. Para a data de nascimento, a colunista segue a orientação das mais recentes e autorizadas pesquisas biográficas, as quais apontam 1920 como ano de nascimento da escritora, porém foge dessa orientação ao comentar que Clarice Lispector publicou o primeiro romance, **Perto do Coração Selvagem**, aos 17 anos. Ora, sendo o romance publicado ao final de 1943, na ocasião, a escritora contava 23 anos; aparentemente, operação matemática básica.

Uma explicação para tal desajuste é a necessidade - ou a pretensão - de provocar no imaginário do leitor certo tipo de afeto por Clarice Lispector, não por algum valor particular de sua criação, mas por um dado incorreto, que em nada lhe acrescenta ou diminui a importância literária. Grosso modo, esse “equivoco” reforça a imagem pública de Clarice Lispector como *uma virtuose*, tão jovem já nos propondo *enigmas*. Cumprindo um papel estratégico, a precocidade aparece como uma prova de distinção e excelência.

O segundo aspecto refere-se à flagrante dificuldade da comentarista em utilizar um critério adequado de tratamento do texto clariceano tal como ele se constitui - um trabalho artístico de expressão e composição. O artigo apresenta o literário como se o mesmo fosse uma transposição imediata de dilemas existenciais ou uma série de enigmas propostos por alguém que, de tão extraordinário, tem sua condição de pessoa destituída em prol daquela de produto.

É prova dessa dificuldade a ausência de atitude analítica da comentarista em relação ao trabalho ficcional realizado por Clarice Lispector. Em duas situações diferentes, nota-se sua acomodação ao indiscriminado uso de associações. Na primeira, percebe-se que, a partir de determinada seleção de dados biográficos e sua combinação com certas citações da obra, a comentarista funde-as sob único jargão - *indecifráveis*. Na legenda estampada sob foto da escritora, lê-se: "*Clarice Lispector nunca foi uma mulher como as outras: como na literatura, sua beleza era única e epifânica*". Para compor essa simbiose às avessas, Márcia Bechara mistura trechos dos livros **A Paixão Segundo G.H.**, **A Hora da Estrela** e **A Descoberta do Mundo** a depoimentos da escritora sobre a própria personalidade e monta uma espécie de labirinto, valendo-se dele para reafirmar a inacessibilidade de Clarice Lispector e de sua produção literária. Procedimento questionável porque não há benefício algum em desrespeitar os limites entre a vida e a produção de artistas, principalmente quando isso implica perda de traços essenciais das identidades de uma e de outra e danos ao leitor - exposto a uma situação construída a partir de um pressuposto enganoso.

Em uma outra situação, M. Bechara compara o romance **A Paixão Segundo G.H.** a um diário de uma dona de casa sem, no entanto, dar conta do motivo que lhe permitiu tal

associação. Visto que as noções de diário e de dona de casa são bastante referenciais, valeria a pena a sugestão de pistas que indicassem ao leitor as bases da comparação. A idéia de diário não soaria imprópria se servisse para sugerir que o romance se mostra múltiplo como o trabalho de uma dona de casa, desdobrando-se em seu ir-e-vir das tarefas cotidianas; que no diário se pode desenvolver e expressar livremente um pensamento, semelhante à experiência da personagem G.H. em seu itinerário da paixão. Porém, Márcia Bechara não constrói ponte alguma.

O tom geral do texto permite afirmar que o trabalho artístico de expressão e composição realizado por Clarice Lispector foi destituído de sua dimensão sócio-cultural e sua literariedade, negada. Sem dúvida, um diário, como instrumento a serviço da memória que se quer pulsante, também lida com matéria viva, mas pertence a uma natureza diferente da natureza da literatura - essencialmente criação, transformação. Não se pode tratar um diário como se trata um texto literário ou um texto literário como se fosse um diário - como faz Márcia Bechara. Ainda mais porque, em *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector não constrói um roteiro da vida cotidiana; antes, interessa-lhe descobrir o seu reverso - caótico, contraditório, sem possibilidade de apreensão pela linguagem:

Eu tenho à medida que designo - e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la - e como não acho. Mas é de buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me

*poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.*¹

Por se tratar de uma escritora renomada, existir uma fonte de pesquisa extremamente rica e acessível, ser o **Estado de Minas** um jornal de porte médio - tiragem variável entre 100 mil exemplares em dias úteis e 150 mil exemplares aos domingos -, oriundo de um pólo cultural, e estar o artigo publicado em primeira página, seria justo esperar dele o uso adequado de informações e um certo cuidado com o tratamento dos textos literários. Expectativa esvaziada. Antes, o artigo denuncia uma visão deturpada da comentarista em relação à escritora, à obra e à fortuna crítica.

“Clarice, um enigma indecifrado” é típico exemplo da problemática condição da crítica jornalística atual, que, acomodada em jargões, tende a estigmatizar obra e escritora e a restringir-se ao mínimo - lembrar uma data, por exemplo. Sem dúvida, a homenagem àqueles que contribuíram e contribuem para a cultura de um povo pode desempenhar, entre outras, a função de divulgar e rever o papel exercido pela figura homenageada. Dessa forma, a homenagem torna-se educativa e oportuna ocasião para revitalizar e redimensionar os motivos que fizeram e fazem a figura reverenciada digna de lembrança.

Isso, porém, não ocorreu no artigo em questão. O texto de Márcia Bechara apresenta dados biográficos incongruentes, tece comentários suspeitos e, à medida que se constata a manipulação das obras citadas, deseduca o público, pois reforça a idéia de veneração a Clarice Lispector como se ela fosse uma entidade - de beleza *única e epifânica*

¹ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* 15ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 180.

- sem, no entanto, esclarecer em que ela consiste. Embora o subtítulo anuncie como tema do artigo o tratamento do *enigma indecifrado*, o que ali se lê é uma colagem de fragmentos cujo resultado está longe de corresponder ao que se espera de um comentário crítico.

Sem dúvida, não se cobra da colunista resolução desse enigma, mas é de se esperar que apresentasse razões para assim classificar escritora e obra e desconsiderar a larga contribuição da crítica para a compreensão das mesmas. Como se, passados 20 anos do falecimento de Clarice Lispector, nada de esclarecedor tivesse sido produzido pela crítica ou por pesquisadores de diversas áreas. Uma conclusão falsa. Fruto, certamente, de certo modismo, de certa tendência que teima em situar Clarice Lispector na categoria dos veneráveis e, portanto, ilegíveis.

Muito provavelmente, grande parte dos leitores de "*Clarice, um enigma indecifrado*" nem suspeitam de sua trama. Esse e tantos outros artigos que têm ocupado o espaço da crítica jornalística - a princípio, destinado à formação de leitores - resultam de uma realidade complexa, constituída, entre outros aspectos, do descompromisso com o público, que, em sua grande maioria, não dispõe de recursos suficientes para selecionar o joio do trigo.

O que se percebe, atualmente, é uma forte tendência da crítica para celebrar escritora e obra como se, constatado e legitimado seu valor literário pelos críticos das gerações passadas, nada mais houvesse a dizer, restando à crítica atual a função de eco. Uma atitude extremamente nociva porque, ao recobrir de confetes seu objeto, o sufoca e impede de construir novos leitores.

A crítica, que ocupa o espaço da reflexão sobre o estético e não o faz, é instrumento de perpetuação dos interesses predominantemente comerciais de um sistema econômico fundado no consumo. Um problema que se mostra, com maior evidência, quando ocorre a descaracterização do fazer crítico e se trata o literário como se fosse mais um produto exposto na vitrine, o leitor, um consumidor, e a crítica, uma outra forma de publicidade.

A crítica que prefere o enaltecimento, a mitificação, deixa de lado algumas atitudes fundamentais - a ponderação, os procedimentos analíticos, o compromisso com a formação e o apuramento do gosto literário do público - e, desvirtuada, desempenha um papel determinado na sociedade do espetáculo. Uma preferência que, conforme análise da moderna sociedade de consumo empreendida por Guy Debord, resulta da tirania das imagens e da submissão ao forte império da mídia. Segundo este pensador, o **espetáculo** conquistou todos os domínios - da arte, da economia, da política, da vida cotidiana -, passando a organizar consciente e sistematicamente o modo de vida moderno, pois toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção apresenta-se como uma imensa acumulação de espetáculos - o que era vivido diretamente, tornou-se uma representação².

Partindo dessa realidade, o presente trabalho apresenta alguns dos caminhos traçados pela crítica jornalística no exercício de leitura da produção clariceana - particularmente, no que se refere às reações dos críticos frente aos lançamentos de **Perto do Coração Selvagem**

² DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espectáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 13.

(1943), *O Lustre* (1946), *A Cidade Sitiada* (1949), *Alguns Contos* (1952), *Laços de Família* (1960), *A Paixão Segundo G.H.* (1964), *A Via Crucis do Corpo* (1974) e *A Hora da Estrela* (1977) e ao crescente processo de mitificação de Clarice Lispector e sua produção por certa tendência da crítica jornalística, a partir da morte da escritora em dezembro de 1977.

A fim de viabilizar tal proposta, foi necessário, primeiramente, averiguar a possibilidade de tornar um produto fragmentado, disperso e precariamente conservado, como o recorte de jornal, em material de estudo. Confirmada esta possibilidade, por meio de pesquisa em diversos arquivos de periódicos e em programas informatizados, foram selecionados e reproduzidos recortes jornalísticos sobre o tema disponíveis em instituições como Banco de Dados do Jornal Folha de São Paulo, Biblioteca Municipal de São Paulo Mário de Andrade, Arquivo Público Municipal de Uberlândia, Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia, Biblioteca Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem, Arquivo Edgard Leuenroth do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Arquivos-Pasta "*Clarice Lispector*." do Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) e do Museu-Arquivo de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro). Como referência bibliográfica, foi utilizada também a pesquisa de Glória Maria Cordovani, *Clarice Lispector: Esboço de uma Bibliografia*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1991.

Averiguada a existência de condições materiais para a realização da pesquisa, procedeu-se à coleta de recortes jornalísticos, 798 referências, que constituem o *corpus* da pesquisa. Para a organização dos recortes, adotou-se o critério cronológico, visto que o estudo está centrado nas reações da crítica aos lançamentos dos oito títulos anteriormente citados. A utilização desse critério favoreceu perceber a existência de maior movimento da crítica jornalística quando Clarice Lispector começa a ser percebida pelo mundo literário, ao final de 1943 e durante 1944; quando são lançados *Laços de Família*, em 1960, e *A Paixão Segundo G.H.*, em 1964; e no período seguinte ao falecimento da escritora, em dezembro de 1977.

Em função disso, o trabalho está estruturado em cinco partes.

A primeira traz uma breve retrospectiva da crítica jornalística brasileira, do final do século XIX até a primeira metade do século XX. Visto que a pesquisa abrange a crítica jornalística destes últimos cinquenta anos e que o organismo maior de que é parte, o jornal, sofreu profundas transformações neste período, uma visão panorâmica da trajetória da crítica jornalística, até meados do século XX, favorece o discernimento de seus elementos constituintes e, desde logo, permite a delimitação de alguns dos aspectos condicionantes de sua existência a partir da segunda metade do século XX.

A segunda parte enfoca reações de diferentes críticos à publicação do romance *Perto do Coração Selvagem* - o lirismo crítico, os aspectos literários ressaltados e a importância das leituras propostas por Antonio Candido, Sérgio Milliet e Álvaro Lins para a crítica futura.

A terceira parte trata da expectativa de sucesso criada em torno da publicação do romance **O Lustre**, 1946, da frustração que a acompanha e do crescente arrefecimento do interesse da crítica pela produção de Clarice Lispector, manifesto nos poucos comentários referentes às publicações de **A Cidade Sitiada**, 1949, e **Alguns Contos**, 1952.

A quarta parte destaca o movimento de reconsagração de Clarice Lispector, com os livros **Laços de Família** e **A Paixão Segundo G.H.**, respectivamente, 1960 e 1964, quando é redescoberta pela denominada crítica universitária, que procede a uma revisão de toda a produção anterior da escritora.

A quinta parte apresenta as divergentes posições da crítica de 70 frente ao tom exterior e explícito de **A Via Crucis do Corpo**, 1974, e **A Hora da Estrela**, 1977, e elucida os elementos constituintes do processo de mitificação de Clarice Lispector, que, apesar de já existir desde a sua estréia, toma exagerada dimensão após seu falecimento.

Voltar-se para a reação da crítica jornalística, buscando identificar de que elementos se constituem as leituras propostas, implica, portanto, dedicar atenção aos fatores que incidem sobre a dinâmica de funcionamento cultural de cada época - os valores eleitos e defendidos, os compromissos assumidos, as expectativas cultivadas, as relações mantidas com os sistemas cultural e social. Por isso, além dos textos de crítica jornalística materializada em forma de comentário, ensaio, resenha ou artigo, foram reunidos no *corpus* de análise outros tipos de texto próprios do universo jornalístico, que dizem da vida literária de uma época - notas, entrevistas, boletins, depoimentos - e que, por mecanismo diferente do da crítica, também dão visibilidade a escritores e livros.

Parte I

Panorama da Crítica Jornalística Brasileira

Uma observação panorâmica da trajetória da crítica jornalística brasileira permite percebê-la, já nas origens, em pleno século XIX, como uma valiosa colaboradora no processo de sistematização ocorrido em favor de nossa literatura, mas que, pouco a pouco, frente ao turbilhão da massificação instalado no cenário cultural brasileiro, ainda na primeira metade do século XX, e às complexas adversidades daí decorrentes, tem seu valor de expressão cultural germinante, autêntica e autônoma posto em xeque.

Para situar como tal realidade se constitui, é preciso retornar, particularmente, ao período em que é estreito o vínculo entre jornalismo e literatura e ocorre intensa aceleração no desenvolvimento das letras brasileiras, com a fundação dos cursos jurídicos³. Segundo Nélson Werneck Sodré, a partir da segunda metade do século XIX, as Academias de Direito têm uma atuação fundamental na proliferação de periódicos literários, o que influi decisivamente para a particularização da crítica literária como atividade consoante com o esforço de ampliação da cultura impressa no país⁴. Nas Academias, são gestados intelectuais que se dedicariam à reflexão crítica e à sedimentação das estruturas a partir das quais, logo nas primeiras décadas do século XX, florescerá uma crítica literária organizada e fecunda.

Nessa fase, imprensa e literatura confundem-se. A imprensa não tem ainda sua própria linguagem e nem seu papel específico. Mesmo assim, ela exerce uma função importante no sentido de promover a ampliação - real ou potencial - daquilo que se cria e pensa, tendo em vista que, nela, os homens de letras divulgam seus trabalhos e aproximam-se do público. Sobretudo, pelo *folhetim* que, publicado no rodapé dos jornais, expõe ao

³ Sobre a história da imprensa no Brasil, utiliza-se a versão de Nélson Werneck Sodré: **História da Imprensa no Brasil**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.

⁴ Cf.: SODRÉ, op. cit., pp. 223 a 249.

domínio público tanto produções literárias - entre outros: *A Moreninha* (*Jornal do Comércio*), de Joaquim Manuel de Macedo; *Memórias de um Sargento de Milícias* (*Correio Mercantil*), de Manuel Antônio de Almeida; *Inocência* (*A Nação*), de Visconde de Taunay; *O Ateneu* (*Gazeta de Notícias*), de Raul Pompéia; *A Mão e a Luva* (*O Globo*) e *Iaiá Garcia* (*O Cruzeiro*), de Machado de Assis; e, mais tarde, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (*Jornal do Comércio*), de Lima Barreto - quanto críticas - artigos sobre as questões políticas, sociais, literárias do dia.

Note-se que a crítica desse período encampa uma diversidade de áreas, visto não estar totalmente estabelecida a especificação do conhecimento⁵. Uma prática hoje questionada pelo seu aspecto amadorístico e considerada falha por se valer, demasiadamente, das impressões, mas, por outro lado, louvável, à medida que revela o empenho dos críticos daquele período em dinamizar a vida intelectual de seu tempo e estendê-la ao público. Seja como for, essa crítica favorece ao saber, advindo dos livros e transmitido pela palavra escrita ou falada, pleitear espaço na vida cultural brasileira.

No Brasil da virada do século XIX para o XX, não há ainda público para absorver uma literatura impressa em livros, e o folhetim, gradualmente, colabora para a conquista de público para esta absorção. Não obstante a relevância de tal serviço, questiona-se o sucesso do folhetim, associando-o à argúcia de uma trama montada para prender a atenção do público e possibilitar sua dispersão ante a realidade e seus conflitos. Isso era considerado um

⁵ "O parlamentar era homem de letras e de imprensa; o romancista era também teatrólogo e todos eram poetas". ROMERO, Sílvio. Apud: SODRÉ, *História da Imprensa no Brasil*, p. 241.

indicativo de falta de comprometimento com a verdade, ou a verossimilhança; elemento, segundo a concepção da época, indispensável à ficção.

Apesar da pertinência de tal censura, sob a perspectiva da literatura como representação da realidade e não como meio de evasão da mesma, há que se reconhecer o relevante papel desempenhado pelo folhetim para a descentralização da apreciação literária e para a conquista de leitores - *“Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria.”* - ⁶; ainda mais porque nele foram divulgados alguns dos romances ainda hoje caros à tradição narrativa brasileira, como os anteriormente citados.

O folhetim é um poderoso atrativo do jornal. Antonio Candido analisa que, aos poucos, ele tem seu tamanho diminuído e adquire certa gratuidade; depois, entra francamente pelo tom ligeiro, deixando a intenção de informar e comentar, para assumir a de divertir⁷. Diante dessas modificações, tanto a chamada **crítica de rodapé** quanto a **crônica**, veiculadas no folhetim, adquirem feições particulares. Essa desenvolve-se como gênero singular, com uma linguagem mais leve e distanciada da lógica argumentativa ou da crítica política, e aquela assume a função de informar e comentar.

O que hoje consideramos crítica jornalística tem raiz firmada nessa crítica de rodapé à qual se pode relacionar o trabalho de três gerações de críticos.

⁶ SODRÉ, op. cit., p. 243.

⁷ CANDIDO, Antonio. *A Vida ao Réz-do-chão*. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para Gostar de Ler: Crônicas*. Edição Didática. São Paulo: Ática, 1979-80, pp 4 - 13.

A primeira geração exerce a atividade crítica na virada do século XIX para o XX. Sua consciência histórica e crítica, aplicada à compreensão da realidade brasileira, torna-a particularmente importante na constituição da crítica brasileira como área específica. É uma geração que se esforça para acompanhar as transformações ocorridas no mundo ocidental e, como meio de combater certa estagnação sentimentalista - herança do romantismo -, busca subsídios em métodos positivistas. Entre os nomes dessa geração, destacam-se os de José Veríssimo e Araripe Júnior. Ambos fazem crítica literária no rodapé do *Jornal do Brasil* e ajudam-no, desde seu aparecimento, em 1891, a ocupar lugar especial na imprensa brasileira. José Veríssimo, como Sainte-Beuve⁸, também publica às segundas-feiras. A partir de 1895, seu trabalho no rodapé do *Jornal do Brasil* é continuado por Araripe Júnior, visto, na ocasião, ter assumido a direção da *Revista Brasileira*⁹.

Ambos os críticos exercem a crítica jornalística de maneira regular e pertencem à geração que estrutura o pensamento crítico brasileiro - José Veríssimo preocupou-se em discutir a evolução da literatura brasileira e a formação de uma cultura nacional autônoma, e

⁸ Charles Augustin Sainte-Beuve (1804 - 1869), autor da série de *Causeries du Lundi*, é considerado pai da crítica jornalística. O crítico francês definia-se como um observador sem preconceitos - "um homem que sabe ler e que ensina os outros a lerem". Começa a fazer resenhas críticas para *Le Globe*, em 1827, e assim fixou sua concepção de crítica: "Por sua natureza, o espírito crítico é fácil, insinuante, móvel e compreensível. É um grande e límpido rio que serpenteia ao redor de obras e de monumentos da poesia, como ao redor dos rochedos, das fortalezas, dos outeiros cobertos de vinhedos e dos vales frondosos às suas margens. Enquanto cada um desses objetos da paisagem permanece fixo em seu lugar e pouco se preocupa com os outros, enquanto a torre feudal desdenha o vale e o vale ignora o outeiro, o rio vai de um a outro, banha-os sem parti-los, abraça-os com uma água viva e corrente, 'compreende-os', reflete-os; e, quando um viajante quer conhecer e visitar esses vários sítios, ele o conduz em um barco; leva-o com cuidado e mostra-lhe sucessivamente todo o espetáculo cambiante de seu curso." APUD: BRUNEL, P. et alli. *A Crítica Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 43 - 45.

⁹ SODRÉ, op. cit., p. 267.

Araripe Júnior buscou um método que permitisse a análise do contexto e do temperamento do autor na produção literária. Isso permite divisar o quanto a qualidade da crítica jornalística esteve associada à compreensão da realidade que o crítico demonstra e sua capacidade de reação a ela.

A segunda geração, atuante nos primeiros decênios do século XX, toma o cuidado de não dissociar os aspectos ético e estético do contexto histórico. Sob influxo do movimento modernista, os críticos dessa geração adquirem uma visão singular do momento literário do qual fazem parte - constituído, entre outros aspectos, pela renovação dos meios de expressão, pela ruptura com a linguagem considerada tradicional, pela consciência do caráter ideológico das produções culturais.

Conforme análise de João Luiz Lafetá, ainda predominam nessa crítica certo *diletantismo generalizado* e certa dependência do gosto do público e suas possibilidades de entendimento, pois:

*(...) não é menos certo que o veículo condiciona importantes dados da mensagem e que o jornal, visando transmitir fatos e opiniões ao maior número possível de pessoas, pelo seu próprio caráter, força a existência de um certo perfil típico, de um 'modelo' de abordagem da obra literária.*¹⁰

¹⁰ LAFETÁ, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974, p. 34.

Também Mário de Andrade denuncia a covarde subserviência de jornais e revistas à “*magra dieta espiritual de seus leitores*”¹¹. Como crítico literário no **Diário de Notícias**, experimenta a pressão em prol desse *modelo* e contra ele protesta.

O traço que permite perfilar os críticos da segunda geração é o esforço conjunto de enfrentar o desafio de conciliar necessidade jornalística e método de crítica literária. Entre outras vertentes, há quem veicule, mediante a crítica, um modo particularmente consciente de ver o mundo - Mário de Andrade (**Diário de Notícias**); quem se preocupe com a natureza da crítica - Alceu Amoroso Lima (que, usando o pseudônimo Tristão de Athayde, escreve para **O Jornal**); quem se dedique a informar o público sobre os livros, os autores e os acontecimentos literários - João Ribeiro (responsável pelas notas críticas da seção *Registro Literário*, do **Jornal do Brasil**) e Agripino Grieco (colaborador do jornal **Gazeta de Notícias**).

A terceira geração é formada por críticos que fazem das décadas de 40 e 50 um marco na trajetória da crítica jornalística brasileira. Esses decênios testemunham a fase áurea de críticos que já atuavam antes, como por exemplo, Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Tristão de Athayde e Sérgio Buarque de Holanda - substituto de Mário de Andrade no rodapé do jornal **Diário de Notícias** -, e o ingresso de novos talentos na vida social e cultural do país, entre outros, Antonio Candido, Lourival Gomes Machado e Paulo Emílio Sales Gomes¹².

¹¹ ANDRADE, Mário. *Advertência*. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1974, p. 4.

¹² Cf. PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Juntos, novos e veteranos, constroem o que de melhor a crítica literária brasileira em geral e a crítica jornalística em particular possuem!

Aos novos, formados pelo incipiente sistema de produção intelectual empreendido pelas Faculdades de Ciências Sociais e Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo¹³, cabe processar a substituição do diletantismo e do *amadorismo* reinantes por atitudes acalentados no seio acadêmico - cientificidade e profissionalismo.

É uma geração historicamente marcada pela percepção da atividade crítica como instrumento de inserção social e cultural, que faz da crítica um terreno onde se ergue uma plataforma cultural e intelectual, um espaço de criação, embates e produção de conhecimento¹⁴. Um projeto ainda hoje considerado entre os mais sólidos já empreendidos no país, no que diz respeito à legitimação de uma forma - o ensaio - e de uma área de estudo - a crítica cultural.

Os novos entendem que a colaboração constante em jornais e revistas poderia ser um meio dinâmico de buscar atualização, exercitar possíveis articulações entre os fenômenos sociais e culturais e experimentar meios para a sua compreensão. Tomados de espírito crítico e cientes da complexidade do papel a desempenhar, constroem uma identidade particular; ao ponto de receberem do veterano Oswald de Andrade a alcunha de *chato-boys*¹⁵ - jovens e comportados universitários que “*liam aos três anos*” e “*tinham Spengler*”

¹³ Para conduzir a implementação desse sistema são convidados os professores Jean Maugué, Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Roger Bastide.

¹⁴ NEME, Mário. **Plataforma de uma Geração**. Porto Alegre: Globo, 1945.

¹⁵ “Digressão Sentimental sobre Oswald de Andrade”. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp. 57 - 92.

*no intestino aos vinte*¹⁶. Sem dúvida, uma forma provocativa e lisonjeira de traduzir um pouco das reações provocadas pelos rumos que essa geração atribui ao legado recebido e pelo modo, até então apenas esboçado, de pensar as questões de seu tempo.

O trabalho realizado por essa geração de críticos mostra-se sintonizado com as transformações em curso no terreno dos estudos literários. A partir da década de 40, o tratamento do objeto literário passa a ser uma fonte de preocupação, em certa proporção, generalizada. Afrânio Coutinho, por exemplo, manifesta-se contra o amadorismo e o impressionismo flagrantes na crítica jornalística e propõe uma reorientação dos estudos literários de modo a moldá-los ao espírito científico¹⁷. Grosso modo, as restrições de Afrânio Coutinho à crítica jornalística, descontados os exageros oriundos de pendências outras, têm o mérito de evidenciar as tensões que ensejaram as transformações pelas quais a crítica jornalística passaria¹⁸.

Sob influxo de uma mentalidade acadêmica - em grande parte promovida pelas faculdades criadas no Brasil a partir da década de 30 -, a crítica literária apura seus instrumentos de análise e busca ainda novos instrumentos em outras áreas correlatas; uma tentativa de responder à emergente necessidade de compreensão da realidade brasileira associada à prática de pesquisa literária.

Concomitante a esse movimento interno da crítica, também é alterada a sua condição dentro do jornal. O jornal passa por profundas modificações em suas estruturas e isso altera

¹⁶ Cf.: PONTES, op. cit., p. 74.

¹⁷ COUTINHO, Afrânio. *A Crítica*. Salvador: Universidade da Bahia. Vol 5. 1958.

¹⁸ Cf. MENESSES, Adélia Bezerra de. *A Obra Crítica de Álvaro Lins e sua Função Histórica*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 24.

sensivelmente o tipo de vínculo entre crítica literária e jornal, tornando-o ainda mais problemático.

O jornal, já ao final da primeira metade do século XX, reestrutura-se como grande empresa gerenciada sob perspectiva dos interesses de seus anunciantes. Conforme analisa Sodré, por intermediário das agências de publicidade estrangeiras, são canalizadas para os meios de comunicação altas quantias¹⁹. A indústria e o comércio - também empresas estrangeiras²⁰ - aplicam enorme capital em publicidade, fazendo desta política de investimentos um negócio vantajoso e um indicativo de seu poder de influência.

Está em curso a implantação de um sistema de financiamento dos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. Um processo que faz emergir novas necessidades de aquisição de tecnologia apropriada à produção em grande escala e de divisão do trabalho conforme a especificidade das áreas.

Não obstante a pressão para implementar o pragmatismo como *modelo jornalístico*, a crítica jornalística continua cumprindo um papel dentro do sistema literário - receber, *mal saída do forno*, a produção literária de seu tempo. Uma operação delicada, sutil e até difícil, pois lida com o emergente, não tem como aliada a distância temporal entre o surgimento da

¹⁹ As agências **MacCann Erickson do Brasil** e **Lux**, por exemplo. A distribuição dos anúncios nos jornais era feita por agências as quais acompanhavam o andamento de papéis no Rio de Janeiro e em São Paulo. Essas agências surgem em função do extraordinário volume de publicidade comercial que aflua à imprensa. Como intermediárias especializadas, as agências de publicidade - ou escritórios - são encarregadas de organizar a publicidade e distribuí-la à imprensa. Essa divisão de trabalho deu a elas enorme poder e ascendência sobre a imprensa que delas passou a depender, justamente por serem os anunciantes quem sustenta financeiramente os jornais. Cf. SODRÉ, op. cit., p. 404.

²⁰ A título de ilustração: Coca-Cola Export Co., Johnson e Johnson, Gillette, Colgate-Palmolive, Atlantic, Esso Standart do Brasil, Eno Scott Browne, Nestlé, Souza Cruz, Cia. Antártica, Brahma. Cf. SODRÉ, op. cit., pp. 403-406.

obra e sua absorção pelo meio. Privada deste tipo de mediação, que lhe subsidiaria interpretar o passado face à potência relativista do presente, diminuindo a margem de risco inerente ao julgamento que deve formular, cabe à crítica jornalística estar atenta à vida literária de seu tempo e sensibilizar-se com seus movimentos, a fim de melhor absorvê-los.

Não raro, a crítica jornalística é acusada de insuficiências literárias, julgamentos equivocados, confusão de gêneros, ausência de teoria, gosto pelo pequeno. Uma postura que revela certa inconformidade com sua natureza híbrida e a crença de que essa característica atrela sua existência a uma condição de precariedade.

É de fato preocupante a possibilidade de a crítica jornalística aderir à lógica mercantil do veículo ou desviar-se de suas funções formativa e informativa. Para não perder de vista tal preocupação - válida porque mantém alerta a consciência de que a crítica jornalística não goza de total liberdade -, é importante lembrar que, tanto quanto qualquer outra expressão do pensamento e da apreciação estética, sempre existirá, na base do exercício regular da crítica jornalística, o risco. Colada ao seu esforço de compreensão e julgamento, está também a iminência do acerto ou do equívoco.

A crítica jornalística tanto pode colaborar para o sucesso de um escritor e sua produção - por exemplo, o artigo que José Veríssimo publica, em 31 de dezembro de 1902, no *Correio da Manhã*, consagrando *Os Sertões*, de Euclides da Cunha²¹ - quanto pode servir para confundir o público, principalmente nas ocasiões em que se deixa dominar por motivos alheios ao plano estético e não adota critérios adequados à especificidade da obra em questão - como ocorreu com Múcio Teixeira que, como crítico literário de *A Imprensa*,

²¹ SODRÉ, op. cit., pp. 293-294.

acusava de medíocre a obra de Machado de Assis²². Uma avaliação que permite refletir também o aspecto da intencionalidade do crítico e do uso da jornalística como instrumento a serviço de interesses extra-literários e como espaço a que comparecem elementos de determinada ordem ideológica.

Nélson W. Sodré analisa que a imprensa brasileira, ao final da primeira metade do século XX, já estava totalmente desvinculada da literatura, estabelecida em moldes capitalistas e organizada em torno da divisão interna do trabalho - os assuntos culturais, políticos, esportivos, sociais e econômicos passam a ocupar lugares distintos²³. É uma fase em que a imprensa conquista importância particular e condições de existência adequadas ao emergente modelo industrial e comercial e tem potencializado seu poder de manipular opiniões, conduzir preferências, mobilizar sentimentos, arrasar reputações ou construir notoriedades.

O jornal, ao se colocar como a grande expressão da vida moderna, urbana e tecnologicamente desenvolvida, força suas partes constituidoras a se adequarem à dinâmica do aqui-agora e à adoção da síntese e do fragmentário como fórmulas básicas.

No decorrer da própria história, ele vem construindo uma relação paradoxal entre sua transitoriedade fundante, que rapidamente o transforma em sucata (real ou potencial), e sua essencial urgência para transformar em agora o que subjaz em estado de latência. Para isso, ele assume sua face efêmera e luta contra limitações de tempo e espaço, insurgindo-se contra eles e manipulando-os ao sabor dos apelos de cada momento, visto almejar, ao

²² SODRÉ, op. cit., 274 - 275.

²³ Ibidem, pp. 391 - 449.

produzir hoje os acontecimentos e as notícias de amanhã, muito mais do que o registro ou a divulgação dos fatos cotidianos da vida contemporânea, mas a antecipação e até a criação deles.

Certos princípios - brevidade, novidade, inteligibilidade, eficácia -, garantem ao jornal seu fluxo diário e o cumprimento de objetivos pragmáticos e imediatistas; mas também revelam o comprometimento do jornal com a sociedade de consumo que representa, a construção e a manutenção de consensos, a estagnação do pensamento e a ausência de reflexão crítica. Um problema complexo, abordado por Walter Benjamin sob a perspectiva da relação entre a crise da comunicação - no sentido de transmitir e incorporar a experiência narrada - e a ascensão da imprensa. O crítico observa que a imprensa substitui o antigo relato, que permitia a incorporação do acontecido à vida, pela informação, que dificulta ou impossibilita o processamento de conexões, e desta pela sensação, refletida na atrofia progressiva da experiência partilhada. Segundo ele:

Se a imprensa se propusesse a agir de tal forma que o leitor pudesse apropriar-se das informações como parte de sua experiência, não alcançaria, de forma alguma, seu objetivo. Mas seu objetivo é outro, e o alcança. Seu propósito consiste em excluir, rigorosamente, os acontecimentos do âmbito no qual poderiam atuar sobre a experiência do leitor. Os princípios da informação jornalística (novidade, brevidade, inteligibilidade e sobretudo ausência de qualquer conexão entre notícias

*isoladas) contribuem para este efeito, tanto como a paginação e o estilo lingüístico (...).*²⁴

Na crônica intitulada *Os Jornais*, datada de maio de 1951, Rubem Braga aborda um outro aspecto desse mesmo problema: a virulenta necessidade do jornal de promover notícia torna-o por demais aderente à face desgraçada da vida, e o mantém indiferente às notícias que poderiam acender, nos leitores, a expectativa de encontrar no jornal algo que verdadeiramente servisse de complemento para sua própria experiência.

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

*- Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja por exemplo: em um subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico.*²⁵ (grifos meus)

Esses elementos, constitutivos do tipo de jornalismo existente entre nós, afetam também a crítica jornalística e abrem margem a que se avaliem certas características suas - a

²⁴ BENJAMIM, Walter. *Sobre alguns Temas de Baudelaire*. In: **A Modernidade e os Modernos**. Trad. Arlete de Brito. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 40.

²⁵ ANDRADE, Carlos Drummond [et al.]. *Op. cit.*, pp. 46-47.

adequação conceitual e vocabular às possibilidades de compreensão do público pretendido, a produção constante, a vinculação com o atual - como indícios de aviltamento de sua função formadora; de superficialidade da mensagem; e de submissão aos interesses de mercado. Mais que possibilidades, isso acaba efetivando-se no território da crítica jornalística, já no final da primeira metade do século XX. Sérgio Milliet, no artigo *26 de Março* de 1955, assim expõe o problema:

*(...) 'morra a crítica, viva a santa publicidade'. As páginas literárias estão enquistadas de cartazes, é verdade, e de cartazes organizados maliciosamente à custa da própria crítica condenatória: frases isoladas do contexto, epítetos elogiosos apresentados sem a contrapartida das restrições etc. Essa malícia dos comerciantes da literatura é que faz da crítica séria uma crítica leviana e a essa malícia não são sempre estranhos os próprios autores, mais impressionados às vezes com o nome repetidamente impresso do que com a possível opinião da crítica.*²⁶

Uma situação que aparece como reflexo da agressiva onda publicitária que então invade o Brasil e vem fomentar um tipo de consumo moldado em padrões típicos da economia globalizada. Tal disposição marca nosso ingresso na era da técnica espetacular cujo ordenamento fundamenta-se nos estímulos sensoriais - a imagem mostra-se mais

²⁶ MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. 8^o volume. São Paulo: Martins, 1995, pp. 190-191.

eficiente na criação de desejos e no convencimento do que a racionalidade verbal, sobretudo em se tratando de um país com alto índice de analfabetismo.

Estavam criadas as condições de possibilidade para que o consumo fosse proporcional à produção em grande escala. Nesse sentido, a eficácia da informação passa a ser medida pela sua penetração e efeito no meio, pela quantidade de pessoas afetadas. Essa outra disposição do jornal faz lembrar que a crítica jornalística é membro de um organismo maior. Um organismo que se presta aos mais variados tipos de absorção e que empreende inúmeros esforços para cativar e manter cativo seu público.

A crítica jornalística, como uma espécie de antena, deveria selecionar aspectos merecedores de reflexão, atribuir-lhes valor, polemizar sobre questões as mais diversas e captar a atenção do público leitor de jornais para a vida literária de seu tempo. O crítico que escreve para o jornal, ao julgar e refletir sobre o acontecimento literário, trabalha, nesse sentido, como elemento ativo e ativador do sistema literário, catalisando tendências de gosto e demandas da sociedade.

Visto que o sucesso ou o fracasso são dados subtraídos de configurações específicas, fluídas de estratégias políticas, sociais e culturais, de comportamentos próprios do mundo do consumo, o juízo emitido pela crítica jornalística funciona como indicativo da possibilidade de um ou de outro. Vale destacar, entretanto, que o sucesso ou o fracasso não advêm, apenas e necessariamente, da qualidade verificável do objeto, mas do fato de nele serem reconhecidas necessidades de um tempo e grupo específicos. Um texto literário valorizado pelas instâncias culturais de legitimação aparece em meio a mercadorias mais ou

menos padronizadas e a situação concreta em que um texto é recebido não está totalmente livre do jogo do mercado e suas regulamentações.

A crítica jornalística de que trata este estudo transita nesse terreno minado. Conforme se pretende demonstrar nas quatro partes seguintes.

Parte II

A Estréia de Clarice Lispector

Muito do que encantara o homem do século XIX e início do XX - a eletricidade e sua força motora, o automóvel e a sedução da velocidade, a descoberta de insuspeitadas potencialidades químicas e biológicas, a invenção da aeronave - mostrou, logo na primeira metade do século XX, alguns de seus mais ásperos avessos: duas grandes guerras, a constatação de insuperáveis prejuízos por elas causados à humanidade e o surgimento de um modo de viver desagregado.

Tais vivências fazem germinar um tipo específico de crise a qual tem em suas origens certo desencanto com a utilização destrutiva das maravilhas criadas e certo desnorteamento ante os fundamentos da modernização tecnológica - a quantificação e a reificação, por exemplo.

Essa crise vai sendo incorporada pela literatura que se revela uma de suas mais legítimas expressões. Contudo, diferente do que ocorreu no século XIX, já não é mais possível à literatura criar, sustentar ou promover qualquer tipo de totalidade. A realidade circundante gera uma perplexidade frente ao dismantelamento da precisão dos limites, das unidades, das certezas. A idéia de literatura como forma de apreensão e compreensão de uma realidade controlável e definitiva é substituída pela noção de literatura como metamorfose na qual incongruências, fragmentos e ausências - de sentido, ordem, linearidade e estabilidade - transformam-se em andaimes para a construção não de uma, mas de várias possibilidades de mundo: novas necessidades, novas formas de expressão e composição.

A literatura do século XX já não oferece a realidade objetivamente apreendida e representada, mas impressões e entrecruzamentos advindos da postura interrogativa, da

necessidade de inventar outras possibilidades, da pluralidade do mundo e das rápidas e, freqüentemente, caóticas modificações do estado das coisas. O processo sobrepõe-se ao resultado.

Quanto à realidade brasileira da primeira metade do século, Antonio Candido analisa que a evolução de nossa vida espiritual regia-se pela dialética do localismo e do cosmopolitismo que ora se manifestava na afirmação premeditada e até violenta do nacionalismo literário, ora no conformismo frente aos padrões europeus²⁷. O processo de integração progressiva da experiência literária, gradativamente, constitui-se pela tensão entre o dado local, apresentado como substância da expressão, e os moldes herdados da tradição européia, apresentados como forma da expressão.

A partir de 1922, inaugura-se um novo momento na dialética do universal e do particular. O Movimento Modernista assume e reinterpreta a ambigüidade fundamental do Brasil - ser constituído por heranças culturais indígenas, africanas e européias - e o primitivismo, até então motivo de desconforto, deixa de ser considerado empecilho à elaboração de uma cultura formalizada.

Tal pensamento consolida-se durante os decênios de 20 e 30, período em que o quadro literário brasileiro se define pelo esforço de construir uma literatura universalmente válida pela atuação e integração nos problemas do momento e pela fidelidade ao dado local - o que enseja o surgimento de uma outra atitude em relação às preocupações formais e técnicas. Já a partir de 1940, ocorre uma recusa da tendência localista. Ganha forma literária

²⁷ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Cultura de 1900 a 1945*. IN: **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7ª ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1985, pp. 109 a 139.

o anseio de generalização e os problemas de técnica adquirem significação mais ampla, associada à necessidade de libertação de realidades objetivas.

É nesse contexto de redimensionamentos que, ao final de 1943, surge o romance **Perto do Coração Selvagem**, de Clarice Lispector. O livro representa o ingresso da prosa brasileira no terreno da exploração das problemáticas existenciais, aproxima o nome de sua autora ao de outros já consagrados pela tradição do romance moderno - Franz Kafka, James Joyce, Virgínia Woolf, Marcel Proust, Katherine Mansfield - e o transforma em promessa de novas conquistas. A perspectiva de superação do velho - no caso, a tradição de cunho socializante da prosa de 30 - pelo novo e da absorção de elementos esteticamente desfronzeirizados - a exploração dos embates humanos diante da consciência de sua condição - pela ficção brasileira são elementos positivamente valorizados pela crítica de 40.

Perto do Coração Selvagem aparece como uma espécie de convite, o primeiro que oferece Clarice Lispector, ao conhecimento das fontes da própria existência, à descoberta de outras realidades que não as exteriores. Nele, **Joana** é revelada: signo de transformação das limitações próprias da condição humana em potência demiúrgica; expressão paradoxal de resistência frente à evidente perda de poder e controle de realidade - *“eu (...) posso tudo”*²⁸. Enquanto essa heroína às avessas vai construindo sua certeza de que *“(...) de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo”*²⁹, o leitor vai sendo convocado a seguir na trilha romanesca, frouxamente traçada, em busca do desafio

²⁸ LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 52.

²⁹ Ibidem, p. 216.

de chegar o mais perto que se suporta do selvagem coração da vida. Clarice Lispector estréia como uma gestante de seres inquietantes e indomados.

Para mostrar as principais reações da crítica de 40 em relação a esse romance, são apresentados os textos em três grupos distintos: o primeiro formado por artigos que trazem apreciações sobre o romance de estréia influenciados pelo efeito da lembrança de uma imagem encantatória de Clarice Lispector; o segundo constituído pelas críticas que fundaram parâmetros de interpretação da produção clariceana validados pelas críticas contemporânea e futura; o terceiro composto por críticas que abordam o tema da influência da literatura européia sobre a criação de *Perto do Coração Selvagem*.

Brilha o Livro Cor-de-Rosa

Quando a gente pega o livrinho tem a impressão de que vai ficar em presença de um romance cor de rosa para moças bem comportadas.

Só depois, lá dentro, é que vamos ter a primeira surpresa, encontrando aquela citação de Joyce. Ora, uma citação de James Joyce é sempre uma advertência muito séria.

E esse primeiro romance de Clarice Lispector, esse livro de capa cor de rosa com um minúsculo desenho do Santa Rosa, edição da 'Noite Editora' do Rio, e que tem este nome 'Perto do Coração Selvagem', esse romance é qualquer coisa de surpreendente, de inesperado, no panorama das nossas letras.

Reinaldo Moura. *Clarice Lispector*. Correio do Povo. 23/03/44.

Clarice Lispector, a princípio, não consegue contrato para publicar seu primeiro livro. Não obstante, ao final de 1943, **Perto do Coração Selvagem** aparece pela Editora A Noite, do Rio de Janeiro.

Superada a dificuldade inicial de publicação, os lançamentos de autora e livro no mercado se processam com base na lógica das políticas culturais e editoriais vigentes. Simultaneamente, o acontecimento implica os ingressos de uma nova autora no sistema literário brasileiro e de um novo produto no mercado de bens de consumo. O mesmo produto que é submetido ao apreço das instâncias de aceitação e legitimação culturais o é também às regras da sociedade de consumo.

O cultural e o comercial, embora possam parecer dicotômicos, ocorrem mediados por fatores os mais diversos e nem sempre classificáveis como pertencentes a um ou a outro campo. O fato do romance ser considerado *diferente*³⁰ por grande parte dos críticos pode ser tão esteticamente significativo quanto comercialmente³¹.

Nesse sentido, a crítica jornalística atua, pelo fato mesmo de ter como uma de suas tarefas apresentar ao leitor de jornal notícias da vida literária, como alavanca para a projeção dos novos na vitrine de seu tempo.

Entre os textos publicados nesse momento, percebe-se que as reações à novidade representada por **Perto do Coração Selvagem** trazem embutidas a concepção de literatura

³⁰ São várias as expressões adjetivas e os adjetivos usados para indicar o valor do romance: surpreendente, inesperado, insólito, estranho, singular, de corte pessoal, forte, selvagem, bonito, lírico, poético, viril, vigoroso, por exemplo.

³¹ Cf. “*Os mil exemplares que apareceram em fins de 1943 esgotaram-se logo, para grande surpresa da escritora, que não esperava acolhida boa por parte do público, ciente de que se tratava de romance diferente dos que se publicava na época.*” In: GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice. Uma vida que se conta.** 2ª ed., São Paulo: Ática, 1995, p. 173.

que o crítico tem e os valores por ele defendidos. Os textos que mais claramente manifestam admiração por Clarice Lispector e o efeito de surpresa causada pelo livro dão mostras de que o terreno já estava pronto para receber a estreante e seu livro inovador.

O primeiro artigo de que se tem notícia foi publicado por Adonias Filho, em 31/12/1943, sob o título *Perto do Coração Selvagem*³². Nele, o autor procura transmitir a emoção sentida com a leitura do romance e provocar no leitor experiência semelhante à que teve. Sem dúvida, muito do lirismo que envolve o artigo deve-se ao fato de Adonias Filho ser, também, um alquimista da palavra. Ao se valer de processos semelhantes aos utilizados por Clarice Lispector, o escritor-crítico dá ao seu texto um ar poético, insinuante, verdadeiro testemunho de uma leitura embevecida. Aspecto observável também em outros textos nos quais os autores se revelam encantados pela jovem escritora e pela prosa poética de *Perto do Coração Selvagem*, conforme se nota na carta pública dirigida à escritora por Ary de Andrade:

Lembro-me ainda de certa tarde de verão, lá por 1940, em que vi entrar na sala de Álvaro, na redação de 'Dom Casmurro', uma rapariguinha loura, muito loura, frágil e leve, de uns olhos slavos e dona de uma voz estranha e pesada demais para a quase diafanidade do corpo que a carregava. Na apresentação de praxe, ouvi-lhe e disse-lhe algumas palavras banais. Ficou, porém, ressoando nos meus ouvidos a sua voz a que, mais tarde se associaram lembranças físicas mais marcantes. Ah! a sua voz, Clarice, ninguém mais a esquece depois de ouvi-la uma vez. Tenho certeza. (...).

³² Seção No Mundo dos Livros. Indicação hemerográfica incompleta.

Desde então, fiquei aguardando a publicação do livro. Torci muito. Hoje vejo - que alegria! - não foi em vão. Pois aí temos o seu já famoso romance. Lendo-o, ouvi outra vez a sua voz, aquela voz inesquecível. Uma voz cheia de mistérios e pesada de revelações. Voz nova. Voz que marca. Voz que fica. E poesia também, poesia que muita gente gostaria de poder assinar... Música interior, essa música que todos possuímos, mas que somente as criaturas raras como você têm capacidade, não só de captá-la do fundo do ser, mas de no-la transmitir íntegra, fresca e pura.

É por essa voz, é por essa poesia, é por essa música, pelas descobertas que você nos revela, Clarice, que lhe quero agradecer no meu e em nome de todos os que só aprenderam a admirar a beleza, a luminosidade e o cintilar da estrela, sem nunca indagar do mistério da sua origem. Por que repetir os elogios do estilo? Por que falar da estrutura nova do seu livro, ou apontar as suas inumeráveis revelações originais? Não.

Quero apenas pedir-lhe permissão para beijar-lhe as mãos, profundamente agradecido, pela alegria que você me dá de, ao contemplar seu livro, como a uma gema raríssima, poder exclamar maravilhado:

- Muito obrigado. Muito obrigado.³³ (grifos meus³⁴)

³³ In: *Carta a Clarice Lispector. Síntese*. Ano III, setembro de 1944, nº 33, p. 25

³⁴ Na quinta parte deste estudo, será abordado o processo de mitificação de Clarice Lispector, particularmente sua associação a uma imagem estelar e o jogo de contrastes entre luz e mistério, brilho e escuridão, que envolve a projeção de sua imagem pública. Termos como beleza, estrela, mistério, revelações, acima destacados, acompanham a crítica clariceana e vão, pouco a pouco, se constituindo em definição comum a ela e sua produção.

Ao narrar, poeticamente, o momento em que a conheceu, o autor manifesta uma atitude de quase adoração. Um sentimento que é convertido em um estilo semelhante ao de Clarice Lispector - a repetição da palavra *voz* provoca efeito semelhante a um eco que repercute no interior do texto e, pela expressividade e intensidade das palavras, sugere certa atmosfera de encantamento e envolvimento com o ambiente. Na cena evocada, Clarice Lispector surge envolta em luz e escuridão, vinda de um mundo irreal. O crítico usa o mesmo recurso adotado por Clarice Lispector, que prefere insinuar, convidando à formação de imagens insólitas, a definir.

Já o colunista Edgar Proença, em artigo publicado em 20/02/1944, na coluna Um Minuto de Palestra, do jornal *Estado do Pará*, depois de apresentar aos leitores os atrativos da escritora, chega a profetizar o sucesso de *Perto do Coração Selvagem* sem, segundo declara, tê-lo tido em mãos. Para ele, “*a beleza intelectual e expressiva da jovem escritora carioca*” é suficiente para formar a certeza de seu sucesso literário e para credenciá-lo a tecer comentários sobre os qualificativos do romance. Ou seja: os valores atribuídos à criadora valem também para a criação.

Situação semelhante viveu o crítico português João Gaspar Simões. Em artigo intitulado *Clarice Lispector: existencialista ou suprarrealista*, publicado em 01/10/1950, no jornal *A Manhã*, o crítico evoca, ao modo dos românticos diante da amada, a lembrança da primeira vez que viu a escritora:

Conheci Clarice Lispector uma noite, fugazmente, em Lisboa. Vinha do Rio de Janeiro e dirigia-se a Nápoles. Foi isto há uns cinco anos. Havia calor. Era no verão. As janelas do quinto andar do prédio em que vivia Ribeiro Couto estavam

abertas sôbre as colinas de Lisboa. E Clarice Lispector entrou no salão onde a aguardávamos como uma dessas imagens que já trazem em si o princípio de seu próprio desvanecimento: são tão belas que não podem durar. Impossível dizer de que cor eram os cabelos dessa imagem fluida. Não retive dela um único pormenor. Apenas sei que era bela e que a sua presença ficou para sempre naquele salão onde nunca mais entrei que não a visse.

*Pouco tempo depois recebi, remetido da Itália, se bem me lembro, o seu primeiro livro - Perto do Coração Selvagem - que pouco antes aparecera no Rio de Janeiro sob o mesmo signo de fluidez que presidira ao próprio aparecimento da sua autora em Lisboa em certa noite de verão. Era um livro fosforescente, espécie de fogo-fátuo, qualquer coisa como o relâmpago de uma consciência no meio das trevas de uma noite tropical. Li-o com a mesma sensação de presença fluida que experimentara quando entrevira a silhueta de Clarice Lispector desenhada no céu de estrelas que forrava as janelas do salão de Ribeiro Couto, abertas sobre as invisíveis colinas de Lisboa.*³⁵

³⁵ João Gaspar Simões, pela aliteração /f/, evoca a fluidez da imagem rememorada. Recurso bastante utilizado por Clarice Lispector, como nos seguintes trechos de **Perto do Coração Selvagem** nos quais a aliteração de /s/, com sua sonoridade arrastada, projeta em nós a repercussão das cenas: “Sentiu-se um galho seco, espetado no ar. Quebradiço, coberto de cascas velhas. Talvez estivesse com sede, mas não havia água por ali perto. E sobretudo a certeza asfixiante de que se um homem a abraçasse naquele momento sentiria não a doçura macia nos nervos, mas o sumo do limão ardendo sobre eles, o corpo como madeira próxima do fogo, vergada, estalante, seca. Não podia acalentar-se dizendo: isto é apenas uma pausa, a vida depois virá como uma onda de sangue, levando-me, umedecendo a madeira crestada. Não podia enganar-se porque sabia que também estava vivendo e que aqueles momentos eram o auge de alguma coisa difícil, de uma experiência dolorosa que ela devia agradecer: quase como sentir o tempo fora de si mesma, abstraindo-se.” (LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem** pp. 33-34).

É de conhecimento público que a beleza singular de Clarice Lispector causou suspiros e provocou admiração em diversas pessoas, em diferentes tempos e lugares. Porém, um problema surge à medida que se percebe uma dissolução da independência do livro em relação a Clarice Lispector. Ao se fazer referência a ele, como se fosse reflexo e/ou extensão das características da personalidade da escritora, o literário passa a ocupar o (des)lugar de eco. Mistério, brilho e fluidez, segundo percepção desses leitores, estariam, assim, reproduzidos no romance como manifestação dessa persona.

Os textos de Adonias Filho, Ary de Andrade, Edgar Proença e João Gaspar Simões, dão testemunhos de leituras em que a emoção, quer provocada pela leitura do romance quer pela lembrança da imagem encantatória de Clarice Lispector, ensejou uma reação afetiva da parte deles. Uma experiência que, em muito, influenciou nas suas percepções do literário.

É inegável que a obra guarda relações mediatas com seu autor, mas os lugares ocupados por eles são distintos um do outro. Não obstante, essas leituras parecem ter sido realizadas em um espaço de encontro do passado - a presença encantatória de Clarice Lispector - com os presentes - o contato com **Perto do Coração Selvagem** e o texto que diz desse contato. A postura crítica, como algo que demanda certo distanciamento em relação ao objeto focalizado, sucumbe diante do poder diluidor da memória afetiva que pode influir e até impossibilitar a aplicação de critérios de julgamento.

Nos casos citados, houve um desvio de foco do livro para os traços da personalidade da escritora, produzindo uma predisposição para confirmar na obra aquilo que, segundo eles, já se percebia na autora: beleza, mistério e inteligência. **Perto do Coração Selvagem** cumpre, nessa perspectiva, função de espelho, através do qual se

materializam as impressões causadas pela presença de Clarice Lispector. Resguardado o lirismo crítico, resultante de uma *perturbação*, há que se ressaltar o entusiasmo como aspecto característico da recepção de *Perto do Coração Selvagem* pela crítica jornalística. Entusiasmo que rende à estreante a positiva designação de “*maior estréia feminina de todos os tempos, na literatura brasileira*”³⁶ e que se transforma em importante instrumento de captação de simpatias e leitores.

Nesse sentido, o *Concurso de Melhor Romance de 1943*, realizado pelo jornal *Folha Carioca* - que também premiou os melhores dos gêneros conto e tradução-, durante todo o primeiro semestre de 1944³⁷, também favorece ampla divulgação de escritora e livro. Participam da eleição populares, escritores, homens de imprensa e intelectuais, sendo nominal o voto dos três últimos. Durante o período correspondente à realização do concurso, cerca de dois meses, são divulgados resultados parciais³⁸ e comentários valorizadores da posição alcançada pela estreante em comparação a escritores já consagrados no quadro literário brasileiro³⁹.

³⁶ *Dois minutos no país das letras, Jornal do Brasil*. Outubro de 1944. Indicação hemerográfica incompleta.

³⁷ O jornal *Folha Carioca* começa a circular em 1944 e a realização de tal concurso rende-lhe, no mínimo, a associação do novo jornal à vida literária e social brasileira. Como veículo de dinamização e promoção cultural, esse jornal aparece alinhado à idéia de participação popular na vida cultural.

³⁸ Os primeiros resultados parciais divulgados trazem o romance *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, em 1º lugar; *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, em 2º lugar; e, *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, em 3º lugar. Essas colocações logo seriam alteradas e o romance de Clarice Lispector assumiria definitivamente a ponta.

³⁹ Em artigo de 15/04/1944, portanto 3 semanas antes da divulgação do resultado final da eleição, Luiza Barreto Leite comenta o episódio da dificuldade inicial de publicação do romance e o sucesso alcançado pelo mesmo como uma espécie de lição para quem não apostara no livro: “*Clarice Lispector, porém, escreveu um romance diferente, uma história íntima, difusa, repleta de poesia e nada objetiva. Os editores não acreditaram nem nela nem no livro. Este foi publicado pelo ‘A Noite’, sem nenhum interesse comercial. Veio, então, a surpresa. Surpresa para os críticos, para os editores e para o público. Clarice Lispector está colocada no concurso da FOLHA CARIOCA, em*

Ao final do processo, em 03/05/1944, a **Folha Carioca** anuncia colocação, quantidade de votos que cada livro concorrente havia conquistado e os nomes de alguns eleitores mais conhecidos do público da época⁴⁰.

Perto do Coração Selvagem ganha o concurso, com 457 votos - entre os que lhe concederam seu voto, constam os nomes de: Ledo Ivo, João Dornas Filho, Marques Rebelo, Lúcio Cardoso, Dinah Silveira de Queiroz, Murilo Rubião, Fernando Sabino, Alfonsus de Guimarães Filho, Manuel Cavalcanti, Odalio Amorim, Adonias Filho, Euryalo Canabrava, Xavier Placer, Andrade Muricy e Hélio Peregrino.

O segundo colocado, **Terras do Sem Fim**, de Jorge Amado, fica com 378 votos - entre outros, recebe votos de: Graciliano Ramos, Néelson Werneck Sodré, Antônio Accioly Netto, Frederico Chateaubriand, Raul Lima, Genolino Amado, Arthur Ramos e Dias da Costa, por exemplo.

O terceiro colocado, **Fogo Morto**, de José Lins do Rego, termina com 312 votos - entre outros, foi o escolhido de: Álvaro Lins, Afonso Arinos de Melo Franco, Graciliano Ramos, Moacyr Werneck de Castro, Manuel Bandeira, Francisco de Assis Barbosa, Astrogildo Pereira, Aurélio Buarque de Holanda, Roberto Alvim Corrêa, Carlos Drummond

segundo lugar; acima de Jorge Amado, na opinião dos críticos, e logo abaixo dele, na votação popular! E não houve um crítico, um só que deixasse de reconhecer o grande valor poético e psicológico de seu romance. As editoras dos sucessos deveriam rezar agora um 'mea culpa', pois não há dúvida que, com uma boa publicidade, seu livro venderia tanto quanto o de Dinah Silveira de Queiroz, tão bem recebido por elas". (grifos meus).

⁴⁰ Participaram também do concurso Melhor Romance de 1943, em ordem de classificação: 4ª- **A Quadragésima Porta**, de José Geraldo Vieira; 5ª- **Dias Perdidos**, de Lúcio Costa; 6ª- **O Agressor**, de Rosário Fusco; 7ª- **Fronteira Agreste**, de Ivan Pedro de Martins; 8ª- **Marco Zero**, de Oswald de Andrade; 9ª- **Éramos Seis**, da Sra. Leandro Dupré; 10ª- **Cruz de Carne**, de Valença Leal; 11ª- **Paixão dos Homens**, de Geny Pimentel de Borba.

de Andrade, Otávio Tarquínio de Souza, Lúcia Miguel Pereira, Nélson Rodrigues, Raquel de Queiroz e Ayres da Mata Machado.

Outro acontecimento significativo que ajuda na projeção de escritora e obra é a conquista do *Prêmio Melhor Romance de 1943*, concedido pela **Fundação Graça Aranha** do Rio de Janeiro. Apesar do modesto valor pago, a premiação é valiosa porque a instituição goza de prestígio no ambiente cultural, existindo, conforme comentário de colonistas, uma anuência coletiva quanto ao acerto de suas escolhas. Já em 26/01/1944, o poeta Lêdo Ivo, em artigo publicado no jornal paraense **Folha do Norte**, reivindica para o romance e sua autora ou o *Prêmio Felipe de Oliveira* ou o referido *Prêmio Graça Aranha*; indicando que o meio literário reconhecia o valor do livro e o talento da escritora.

De acordo com as informações veiculadas na época, os critérios - inspirados no ideário modernista, ainda em voga, revitalizados na referência ao espírito do patrono da **Fundação Graça Aranha** - para seleção e premiação das obras foram originalidade⁴¹, modernidade⁴² e novidade⁴³. A obra premiada deveria significar um passo adiante na literatura brasileira, rumo à conquista de novos territórios, e à renovação das técnicas e meios de expressão. Grosso modo, a crítica de 40, quando manifesta insatisfação com a realidade literária e aspira por originalidade, modernidade e novidade, refere-se, principalmente, à saturação do romance regionalista dos anos 30. Naquele contexto, tal postura traduz a substituição das temáticas locais pela exploração de problemas considerados universais e revela qual é o tipo de expectativa vigente.

⁴¹ Jornal **A Manhã**, 13/10/1944. Sem identificação de autoria.

⁴² Jornal **A Manhã**, 15/10/1944. Sem identificação de autoria.

⁴³ Jornal **Folha Carioca**, 18/10/1944, Valdemar Cavalcanti.

Dessa forma, a conquista do **Prêmio Graça Aranha** contribui, de maneira incisiva, para consagrar Clarice Lispector e legitimar seu sucesso:

Não poderia haver melhor escolha, pois Clarice Lispector - que uma outra romancista brasileira considera superior à própria literatura feminina nacional - surgiu dotada das mais difíceis e belas qualidades de ficcionista tanto assim que o seu romance recebeu elogios unânimes de toda a crítica. É realmente um grande romance*⁴⁴. (* Dinah Silveira de Queiroz)

Comparações enaltecedoras, como a acima citada, ressaltam a importância dessa estréia para a Literatura Brasileira. O colunista U.R., por exemplo, comenta, em artigo publicado em 13/10/1944, no **Jornal A Manhã**, o acerto das escolhas anteriores da **Fundação Graça Aranha** e soma aos nomes de figuras já consagradas no mundo artístico contemporâneo - Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Jorge de Lima, Jorge Amado, Murilo Mendes, Érico Veríssimo, Viana Moog, João Alphonsus de Guimarães, o pintor Cícero Dias e o maestro Oscar Lorenzo Fernandez - o nome de Clarice Lispector.

Também Valdemar Cavalcanti, em texto publicado em 18/10/1944, no **Jornal Folha Carioca**, endossa a escolha da Fundação, relembra os ideais de Graça Aranha e saúda a estréia da jovem escritora, sendo o único a noticiar que, antes da estréia como romancista, ela já iniciara sua carreira publicando contos em revista. Em um outro artigo, *Que fazem agora os nossos romancistas?*, publicado no **Jornal do Comércio**, em

⁴⁴ **Jornal A Manhã**, 29/10/1944. Sem identificação de autoria.

01/10/44, o crítico elogia a produção de 1943 ⁴⁵, entre eles **Perto do Coração Selvagem**, e manifesta sua decepção com a safra de 1944.

Os exemplos citados permitem afirmar que a estréia de Clarice Lispector é um sucesso e que seu livro de capa cor-de-rosa brilha tanto quanto já brilhava a constelação de veteranos. Os valores reconhecidos e enaltecidos e as repercussões da conquista de premiações confluem para a construção do sucesso e promovem um determinado tipo de movimento em torno de escritora e romance, projetando-os na vitrine cultural e social de seu tempo.

O lirismo crítico de que se revestiu a crítica laureante certamente cumpriu a função de captar a simpatia de leitores em relação à escritora e de promover a admiração pelo livro, expondo-o à apreciação pública. Baseada em impressões, esse tipo de crítica trabalha com a expectativa de sucesso e pretende acionar o desejo, mais ou menos generalizado, de beleza e distinção. Disso advém o tom apelativo e a ênfase em características pessoais da escritora.

Por outro lado, esse tipo de crítica restringe-se a cumprir um papel promocional, no sentido de que lida fundamentalmente com o sucesso. Como procedimento reflexivo, que propõe critérios de inserção do novo produto no tecido da tradição literária, a crítica laureante deixa a desejar, pois apenas reforça certas marcas do jogo que movimenta a sociedade de consumo. Ocorre aí um deslocamento da função crítica que, frente aos gostos

⁴⁵ Os livros considerados de alta qualidade pelo crítico são: **Fogo Morto**, de José Lins do Rêgo; **Terras do Sem Fim**, de Jorge Amado; **A Quadragésima Porta**, de José Geraldo Vieira; **Marco Zero** (vol. I), de Oswald de Andrade; **O Resto é Silêncio**, de Érico Veríssimo; **Dias Perdidos**, de Lúcio Cardoso; **Mensagem Errante**, de Ciro Martins; **Éramos Seis**, de Snra. Leandro Dupré.

aprioristicamente construídos por uma ideologia, restringe-se à margem exterior do literário.

O sucesso, quando construído com base no apelo ao biográfico e não ao estético, configura-se como uma face do círculo vicioso que se fecha em torno de um novo fetiche. No caso, o crítico, que opta pela apologia de escritora e obra, não partilha suas experiências de leitura e funciona como um canal para a vinculação do mundo literário ao mundo das mercadorias. Gostar de um novo livro ou reconhecer-lhe o valor torna-se fenômeno fundado muito mais em promoção e divulgação eficientes do que na averiguação de sua qualidade.

Tal aspecto não implica necessariamente prejuízo para a formação cultural de uma sociedade, mas indica que, nessa situação específica, a crítica jornalística opera no limite entre a formação de leitores e a persuasão de consumidores. Visto do presente, os testemunhos de Edgar Proença, Ary de Andrade e João Gaspar Simões dão mostras de um comportamento crítico hoje considerado inadequado à concepção de crítica como instrumento de aproximação entre literatura e público. Por outro lado, contêm marcas de um especial momento da história da crítica brasileira em que eram estreitas as relações do crítico com a vida literária de seu tempo; sendo justo pensar que o tom subjetivo de seus textos seja fruto, também, de uma proximidade sem peias do crítico com seu público.

As Críticas Fundantes

Desde pequena, essa menina 'natural' e forte de uma densa seiva interior, vê crescerem lado a lado dentro de si a invenção, a clarividência e a curiosidade. Pouco sensual é certo, mas ainda assim instintiva; direta é verdade e até certo ponto sadia, mas arisca também, amedrontada com a morte. De uma sensibilidade complexa e um poder expressivo inato que frisa a magia encantatória. Poeta, as coisas vivem para ela logo que recebem nomes ou rótulos, e muitas vezes diferentemente da realidade comum (...).

Sérgio Milliet. **Diário Crítico.**

Designam-se fundantes aquelas críticas que, pela criteriosa abordagem de questões nodais do romance clariceano, marcaram um dos momentos seminais da trajetória da crítica jornalística brasileira.

São textos exemplares tanto no que se refere à concepção de crítica jornalística e sua relação com a literatura e o público quanto no que diz respeito, particularmente, à fundação de parâmetros interpretativos para a compreensão do romance clariceano, validados pelos críticos seus contemporâneos e pelos críticos das gerações posteriores.

Incluem-se nessa categoria os artigos dos críticos Sérgio Milliet, Álvaro Lins, Antonio Candido e, como uma espécie de hiato, porque publicado 15 anos após a estréia, Roberto Schwarz.

Joana é o nome da personagem que Sérgio Milliet, no artigo *15 de janeiro*, de 1944, com muita acuidade, denomina *poeta*⁴⁶. Termo algum conseguiu oferecer ao leitor idéia tão apropriada como essa para uma personagem que diz de si própria: “*Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida*”⁴⁷ e que encena atitudes e pensamentos, a princípio, desnorteantes e subversivos. Joana, que não teme chegar perto do selvagem coração da vida, constitui para si um mundo incomum. Sua irredutibilidade ante a ameaça de diluição nos outros e seu poder demiúrgico são aspectos arrolados pelo crítico para indicar ao leitor de que é constituída a novidade inaugurada por Clarice Lispector:

*Se à maioria das pessoas a vida permite, em dadas circunstâncias, um instante de fusão, o que me levou a escrever de uma feita este verso que me comove sempre: ‘Jamais seremos um mais de um minuto’, a Joana não é dada nunca essa possibilidade de diluição, de comunhão integral. Ela é irredutível na sua personalidade ‘cristalina e dura’ de diamante.*⁴⁸

O olhar sensível de Sérgio Milliet também recai sobre o estilo da estreante. Segundo ele, um “*estilo exuberante, de linguagem pessoal de boa carnação e musculatura, de adjetivação segura e aguda, que acompanha a originalidade e a fortaleza do pensamento, que os veste adequadamente*”⁴⁹. Não obstante a admiração, o crítico já aí chama a atenção para o perigo da escritora perder-se na exuberância desse estilo.

⁴⁶ MILLIET, Sérgio. In: *Diário Crítico*. 2º volume. São Paulo: Brasiliense, 1945, p.28.

⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*, p. 72.

⁴⁸ MILLIET, op. cit., p. 29.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 30.

No artigo acima citado e também nos artigos intitulados *11 de março* e *13 de maio*⁵⁰, todos de 1944, o crítico ressalta o contagiante processo criativo utilizado por Clarice Lispector, seu talento para dar vida às palavras; porém, não deixa de apontar que esse mesmo dom poderá lhe causar prejuízos, caso não seja devidamente controlado. Em ambos artigos, a base do projeto narrativo de Clarice Lispector é colocada em questão, justamente porque o crítico entendeu que a riqueza de imagens, a insinuação e o desconcertamento, além de afetarem a organicidade da composição, promovem um achatamento da realidade circundante.

Especificamente no artigo *15 de janeiro*, o crítico chega a afirmar que Clarice Lispector, em alguns momentos, perde o controle de seu processo de criação que se volta contra ela, dominando-a. Tal ressalva será retomada nos artigos intitulados *15 de fevereiro*⁵¹, de 1946, referente ao surgimento de *O Lustre*; *27 de agosto*⁵², de 1949, relativo a *A Cidade Sitiada*; *28 de agosto*⁵³, de 1952, dedicado a *Alguns Contos*.

Nas três ocasiões, o crítico confirma seu receio inicial. Conclui que a falta de domínio do processo de composição provocara, no último romance (*A Cidade Sitiada*), o desmantelamento da mesma, razão pela qual sugere à autora experimentar o poema em prosa - forma na qual, segundo acredita, poderia encontrar expressão mais adequada a seu temperamento.

⁵⁰ MILLIET, *Diário Crítico*, pp. 87-89; 146-150.

⁵¹ MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. 4º volume. São Paulo: Martins, 1946, pp. 40-44.

⁵² MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. 7º volume. São Paulo: Martins, 1953, pp. 33 e 34.

⁵³ MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. 8º volume. São Paulo: Martins, 1955, pp. 235-237.

Essa posição de Sérgio Milliet frente ao modo de composição utilizado por Clarice Lispector pode ser revista, pelo menos, sob dois aspectos.

O primeiro diz respeito à utilização de um conceito de romance inadequado ao objeto em foco. Não obstante serem característicos da crítica de Sérgio Milliet o respeito pela integridade da criação e o esforço para se situar conforme o ângulo do autor, no caso da ressalva a Clarice Lispector, deve-se considerar que a perspectiva pela qual o crítico analisou o romance levou-o a *desconfiar* da opção da autora pelo esgotamento. O processo escolhido por Clarice Lispector busca dar vida nova às palavras pela saturação de seus sentidos conhecidos. Isso implica que a experimentação se torna um procedimento fundante, o que gera, como consequência, certa insegurança perante um terreno, à primeira vista, movediço, ardiloso.

Sérgio Milliet não substitui a sua noção de romance como forma fixa e fechada pelo modo desarranjado e dispersivo de Clarice Lispector tecer a narrativa. Muito embora, em suas interpretações, demonstre ter apreendido os pontos centrais dos três romances, no tocante à criação de um estilo peculiar e utilização do romance como forma adequada à exploração artística da realidade interior.⁵⁴

O segundo aspecto refere-se ao hermetismo, discussão freqüentemente retomada nas reflexões sobre a comunicabilidade da literatura. Quando elogia, em *Perto do Coração Selvagem*, a maneira de Clarice Lispector vestir o pensamento, Sérgio Milliet adianta que *“qualquer imagem em falso, demasiado brilhante, qualquer exibicionismo, mesmo poético,*

⁵⁴ Sobre os princípios adotados por Sérgio Milliet para balizar suas análises, confira o ensaio de Antonio Candido, *O Ato Crítico*, no livro *A Educação pela Noite e outros ensaios*; particularmente, pp. 132 -133.

*o deturpariam*⁵⁵. Para Sérgio Milliet, o problema da adequação do pensamento ao estilo surge da necessidade de manter o equilíbrio na utilização dos recursos, sob pena de tornarem-se empecilhos para a pretendida harmonização entre ambos.

Em artigo posterior, quando comenta algumas das próprias observações, anteriormente anotadas ao pé das páginas de *O Lustre* - “‘mesmo processo’, ‘insistência no truque’, ‘abuso de soluções idênticas’, etc”⁵⁶ -, o crítico demonstra preocupação com os processos estilísticos utilizados por Clarice Lispector. Para além do admirável poder inventivo - modificação do sentido das palavras, por exemplo -, ele considera prejudicial a constância de seu uso que pode transformar em bijuteria a jóia.

Álvaro Lins, no artigo *Romance Lírico*⁵⁷, publicado em 11/02/1944⁵⁸, constrói sua análise de *Perto do Coração Selvagem* a partir da noção *moderno romance poético*. Segundo o crítico, o romance lírico resulta de entrelaçamento do lirismo com o realismo, do sentimento poético com a capacidade de observação, e ajusta-se muito bem a temperamentos femininos como o de Clarice Lispector.

Na avaliação do crítico, em *Perto do Coração Selvagem*, a transfiguração da experiência vital - matéria - em obra resente-se de integridade, porque a predominância do temperamento de Clarice Lispector a impediu de sustentar a realidade própria da obra, ficando a mesma por demais associada à sua personalidade *estranha, solitária e*

⁵⁵ MILLIET, *Diário Crítico*. 2º volume, p. 30.

⁵⁶ MILLIET, *Diário Crítico*. 4º volume, p. 41.

⁵⁷ LINS, Álvaro. *Romance Lírico*. In: *Correio da Manhã*. Fev/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁸ O ensaio posteriormente é republicado, com poucas alterações, sob o título *A experiência incompleta: Clarice Lispector*. In: LINS, Álvaro. *Os Mortos de Sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, pp. 186 - 191.

inadaptada. A colocação do tempo e do espaço no plano da descontinuidade é um aspecto negativamente avaliado pelo crítico, uma prova da dificuldade da autora em lidar com os problemas e solucioná-los sem prejuízos para a forma do romance.

Para o crítico, o romance deve oferecer, como um espelho, uma imagem da vida e, no moderno romance psicológico, cumpre ao romancista dar unidade ao espelho partido - tarefa que Clarice Lispector não realiza. Segundo Álvaro Lins, apenas na primeira parte do romance a escritora teria conseguido lidar com os recursos da ficção; na segunda parte, teria ficado embaraçada, *perdida no próprio labirinto*. A experiência da escritora parece-lhe pedaços de um grande romance, cheios de imagens sem unidade íntima e, por isso, considera *Perto do Coração Selvagem* um livro inacabado, incompleto.

Esse julgamento prova a fidelidade de Álvaro Lins a suas concepções, conforme se observa em um comentário seu sobre as deficiências do romance brasileiro:

*Dir-se-á, porém, e isto é verdade, que os romancistas não podem arrancar obras-primas de um material tênue e pobre, que não podem criar do nada, que as deficiências do nosso romance não são, assim, da literatura, mas da própria sociedade brasileira de que ele é um reflexo e um produto. As nossas figuras humanas não dispõem, na verdade, de bastante complexidade interior para fornecer aos romancistas uma visão em profundidade dos dramas psicológicos, nem a nossa sociedade apresenta bastante densidade sociológica e riqueza episódica para lhes sugerir os panoramas e movimentos sociais dos romances de uma época. Certamente, a Proust teria sido impossível criar o mundo de *A La Recherche du Temps Perdu* se ele só houvesse conhecido as figuras da vida social*

*mundana de Copacabana, Botafogo e Petrópolis, nem Tolstoi teria escrito Guerra e Paz se o seu material fosse a sociedade e a história do Brasil.*⁵⁹

Dáí porque desconfia do desarranjo clariceano, julgando-o um defeito de estreante; uma ameaça à noção, cara a ele, de totalidade⁶⁰.

As restrições de Álvaro Lins ao romance de Clarice Lispector têm motivado reações contrárias. Há os que alimentam polarizações do tipo crítico *versus* escritor; os que desvinculam a posição crítica de Álvaro Lins do contexto de sua análise e, atendo-se a um suposto envolvimento pessoal, promovem junto ao público uma idéia deturpada sobre o funcionamento do sistema crítico-literário.

Tais abordagens alimentam o equívoco de sugerir que a aceitação ou a rejeição de uma obra dependem da posição de um crítico. Na verdade, o crítico é um dos elementos participantes na construção de uma ou outra realidade, e não o único ou o principal. Diversos fatores - históricos, sociais, políticos e culturais - ensejam uma ou outra reação do público em geral e da crítica em particular, e tanto o crítico, o leitor e o escritor estão sujeitos a esses fatores.

Sem dúvida, a propagação desse tipo de postura abre margem para deturpações e deseduca o público. A associação do crítico a uma figura inimiga do escritor e do escritor a uma vítima perseguida pelo crítico equaciona o aspecto cultural e social da criação ao pessoal, limitando todo um processo, que envolve, entre outros elementos, a tradição

⁵⁹ MENESES, *A Obra Crítica de Álvaro Lins e sua Função Histórica*, p. 21

⁶⁰ Sobre os critérios de Álvaro Lins para o julgamento literário, particularmente sua aplicação do princípio aristotélico de unidade, confira: MENESES, op. cit., pp. 61-81.

literária e os valores cultivados por um povo e uma época, a possíveis sentimentos de apreço ou despreço.

No sentido inverso, encontram-se críticos que tentam compreender a posição de Álvaro Lins. Berta Waldman⁶¹ e Benedito Nunes⁶², entre outros, promovem uma revisão da leitura do crítico de 40 e estabelecem um debate sobre a adequação dos parâmetros de avaliação por ele utilizados. A primeira conclui que Álvaro Lins não percebeu a novidade de **Perto do Coração Selvagem**, e, por isso, julgara-o equivocadamente. Benedito Nunes, por sua vez, discorda das restrições apontadas por Álvaro Lins e Sérgio Milliet ao estilo de Clarice Lispector e expõe sua avaliação sobre o tipo de prosa apresentado pela escritora e sobre as opiniões, que ele considera equivocadas, desses críticos.

À medida que Berta Waldman e Benedito Nunes dialogam com a geração anterior, ocorre um confronto que só traz benefícios à própria crítica. Tal procedimento possibilita a resignificação da obra clariceana à luz de realidades outras, de novos instrumentos e perspectivas que a própria história da crítica oferece, dando à literatura e à crítica tratamento coerente com as funções reflexiva e formativa que desempenham.

A crítica de Antonio Candido sobre **Perto do Coração Selvagem** sai publicada no **Jornal Folha da Manhã**, em duas partes - *Língua, Pensamento e Literatura*, em 25/06/1944, e *Perto do Coração Selvagem*, em 16/07/1944. O título da primeira parte do artigo logo indica que o crítico privilegia, em sua análise, a complexa questão da ausência,

⁶¹ WALDMAN, Berta. **A Paixão segundo Clarice Lispector**. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Escuta, 1992.

⁶² NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Quíron, 1973.

entre os escritores brasileiros, de capacidade para fazer da língua um instrumento de pesquisa e descoberta e para ajudar o leitor a se aprofundar na vida e nele mesmo.

Segundo Antonio Candido, na tradição histórica brasileira, nota-se mais o conformismo estilístico do que o trabalho de constituição da expressão e do pensamento literário - com exceção de **Memórias Sentimentais de João Miramar**, de Oswald de Andrade, e **Macunaíma**, de Mário de Andrade. Isso ocorre porque:

Enquanto não for pensada convenientemente, uma língua não estará apta a coisa alguma de definitivo, nem dará aso a nada de mais sólido do que a literatura periférica, ou seja, aquela que dá voltas em torno de um problema essencial sem conseguir por a mão sobre ele. Para que a literatura brasileira se torne uma grande literatura, é necessário que o pensamento afine a língua e a língua sugira o pensamento por ela afinado. Uma dupla corrente, da qual saem as obras-primas, e sem a qual dificilmente se chega a uma visão profunda e vasta da vida dentro da literatura.

Na segunda parte do ensaio, *Perto do Coração Selvagem*, o crítico apresenta esse romance como sendo de exceção, diferente da rotina literária de seu tempo justamente porque foge do conformismo e propõe um outro modo de narrar. Antonio Candido declara-se chocado com a leitura de **Perto do Coração Selvagem** e, principalmente, com a personagem Joana. Neste sentido, o crítico oferece aos leitores uma análise preciosa da batalha vivida pela personagem em seu drama - obcecada por algo que não consegue atingir e inconformada com a impossibilidade de tocá-lo:

A pobre Joana nada pode, como todos nós. Mas possui uma virtude que nem a todos é dada: recusar violentamente a lição das aparências e lutar por um estado inefável, em que a suprema felicidade é o supremo poder, porque no coração selvagem da vida pode-se tudo o que se quer, quando se sabe querer.

Embora conclua que Clarice Lispector realiza um trabalho inferior à intenção, o crítico esclarece que, entre seus méritos, estão o de criar um estilo conveniente para o que tinha a dizer, o de tentar transformar em valores as palavras e o de manter viva, na escrita, a intensidade. Para ele, com **Perto do Coração Selvagem**, a jovem Clarice Lispector já se mostra como um dos valores mais sólidos e originais da Literatura Brasileira, dos poucos que tentaram levar a nossa língua para domínios pouco explorados e colocar seriamente o problema do estilo e da expressão.

Também os críticos Oscar Mendes e Sérgio Buarque de Holanda adotam perspectiva semelhante e partilham da mesma avaliação. Oscar Mendes, no artigo *Um romance diferente*, publicado em 06/08/1944, no jornal **O Diário**, analisa que o trabalho realizado por Clarice Lispector corresponde a um esforço de expressão dos estados poéticos da alma e é, depois de Mário de Andrade, a experiência mais interessante em nossa língua - *mal afeita ainda a descrever certas sutilezas psicológicas*.

Sérgio Buarque de Holanda, anos depois, no artigo *Tema e Técnica*, publicado em 28/05/1950, no **Diário Carioca**⁶³, argumenta que, com a queda do prestígio da narrativa dos anos 30, se torna imperativa a conquista de uma técnica adequada às novas noções de

⁶³ In: **Remate de Males**. Campinas, 9: 177 - 189, 1989.

tempo e de espaço, na perspectiva de modernização que então se materializa. Segundo avalia, escritores como Oswald de Andrade e Clarice Lispector, apesar de não realizarem mais do que experiências, pois “*não chegaram a dar todo o rendimento desejável*”, tiveram o mérito de “*apontarem, ambos, para a possibilidade de renovação do romance*”.

Já o estudo de Roberto Schwarz, intitulado “*Entre ser e parecer*” e publicado no Suplemento Literário de **O Estado de São Paulo**, em 19/09/1959⁶⁴, aparece como uma espécie de hiato no conjunto da fortuna crítica clariceana sobre **Perto do Coração Selvagem**.

Publicado dezesseis anos após a estréia literária de Clarice Lispector, portanto, já distanciado da efervescência do momento, Roberto Schwarz propõe uma interpretação para o romance antes apenas sugerida. Ao eleger a descontinuidade como paradigma de análise de **Perto do Coração Selvagem**, o crítico abre uma fenda, um divisor de águas, em relação às perspectivas de análise até então apresentadas.

Ele é o primeiro a articular objetivamente a ausência de estrutura fixa (começo, meio e fim) ao tema da obra, que, segundo ele, é a descontinuidade entre lucidez e ser

⁶⁴ Em 1965, o ensaio é republicado em livro com cortes, reformulações e alguns esclarecimentos. Comparadas as duas versões, percebe-se que o crítico, embora tenha procedido a algumas modificações significativas, conserva sua interpretação e, principalmente, sua avaliação do romance. Entre as alterações, considero de maior importância o acréscimo de um trecho em que reafirma o valor positivo do trabalho de Clarice Lispector: “*O anseio de escrever um livro ‘estrelado’, em que os momentos brilhem lado a lado sem articulação cerrada, levaria à desordem não fosse ele mesmo significativo. O que é carência em psicologia pode ser virtude em ficção. A falta de nexos entre os episódios torna-se um princípio positivo de composição. Experimentamos a sua existência, como espinha dorsal da narração, quando é desrespeitada; é de sua ruptura que resulta, salvo engano, a única passagem débil do romance: a explicação da viagem de Joana a partir de uma longínqua herança paterna, e a conseqüente ligação dos episódios.*” (O trecho sem itálico já existia). SCHWARZ, Roberto. *Perto do Coração Selvagem*. In: *A Sereia e o Desconfiado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.55.

efetivo - “a solidão da consciência em relação à sua base material”. A justaposição de episódios, o arbítrio da associação como recurso para a expressão de experiências psíquicas e a destituição da função histórica do tempo são elementos positivamente valorizados e por ele considerados decisivos para a interpretação da personagem Joana e de todo o romance:

É freqüente sentirmos que Joana está no limiar da ‘obra’, que suas reflexões e sensações se organizam e tendem à objetivação. Chega a ser pungente o livro quando a personagem percebe que irá dizer, que suas impressões, seu amor, seu ser mais íntimo irão se condensar em palavras: o que lhe sai da boca é um doce murmurar de sílabas desconexas, linguagem puramente expressiva, elementar, anterior à possibilidade de comunicar.

Observador dos *micro-relatos* - como ele próprio definiu o trabalho da autora - e apoiado em Gottfried Benn e G. Lukács, Roberto Schwarz ultrapassa, no que diz respeito, principalmente, ao significado negativo da descontinuidade, as análises dos críticos da geração de 40 e, de modo incisivo, situa Clarice Lispector entre os raros escritores que, “desprezado o circunstancial e focalizado o próprio umbigo, tenham o que dizer”.

O projeto inaugurado por Clarice Lispector em *Perto do Coração Selvagem* representa um rompimento com as estruturas totalizantes. Fazendo livre uso do inusitado, do acúmulo, da repetição, Clarice Lispector promove um desgarramento do tempo e do espaço determináveis. É isso que lhe permite a aproximação, o mais possível, do caos que precede a organização do mundo, buscando sintonizá-lo ao fluxo da consciência.

Tal projeto entusiasma e inquieta os críticos de 40. A forma pulverizada de lidar com o material romanesco, a inesperada ausência de estrutura definida, a ousadia e a ambição, lançam-na rumo ao desconhecido território do conflito entre a necessidade de comunicar as experiências humanas, particularmente as secretas, e o desafio de dar-lhe uma resposta. *Perto do Coração Selvagem* é o primeiro resultado dessa empreitada.

As críticas fundantes caracterizam-se, portanto, pelo empenho dos críticos em ultrapassarem o cor-de-rosa exterior do romance e não se deixarem cegar por seu brilho ou pelo entusiasmo da grata surpresa. É isso que as transformou em ponto de referência obrigatória para os estudiosos da obra de Clarice Lispector e para a confirmação da crítica de 40 como fecundo período da crítica jornalística brasileira.

Influências Estrangeiras

*Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem
coração da vida.*

James Joyce.

Epígrafe de *Perto do Coração Selvagem*.

A hipótese de *Perto do Coração Selvagem* ter sido produzido sob influência do romance *Portrait of the artist as a young man* (1916), do irlandês James Joyce (1882/1941), cria certa tensão entre os críticos, que se vêem na condição de discuti-la revitalizando antigas pendências nos terrenos da cultura e do pensamento brasileiros - entre

outras, o impasse entre a superação, a dependência cultural e a defesa do orgulho nacional diante da tendência para o recalque ou para o sentimento de inferioridade. Tal discussão ocorre em um contexto particularmente complexo.

Durante toda a década de 40, processa-se um intrincado movimento de confronto de forças político-ideológicas e de redefinições de papéis que dão a cor, mais ou menos trágica, do cenário mundial. No Brasil, vive-se um momento de melindrosas modificações no plano político. O início da década encontra o Estado Novo (1937/1945) gozando ainda de frágil estabilidade. As bases do Governo Vargas estão abaladas pelos rumos da II Guerra Mundial, sobretudo a partir de 1942, e pelas pressões exercidas por movimentos oposicionistas e suas reivindicações. A oscilante tendência nacionalista mantida pelo Estado Novo apresenta-se perigosamente próxima à combatida ideologia nazi-fascista; ironicamente, a mesma que força o ingresso do Brasil na guerra contra o fascismo⁶⁵.

Guerra no exterior e crise interna. O Governo de Vargas começa a ser engolido por um controvertido processo de luta pela democratização e pelo crescente confronto de interesses sociais, políticos e econômicos divergentes. Nesse contexto, desfavorável à manutenção do Estado Novo, determinadas posturas dos intelectuais e artistas brasileiros revestem-se de particular teor político. Em Janeiro de 1945, realiza-se em São Paulo o I Congresso Brasileiro de Escritores. Esse evento, um marco na história da intelectualidade brasileira, provoca o acirramento de confrontos entre governo ditatorial e forças

⁶⁵ Cf. MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira. 1933 - 1974*. 8ª ed., São Paulo: Ed. Ática, 1994.

oposicionistas, pois intelectuais, socialistas e comunistas assumem, publicamente, postura contrária à ditadura e favorável à democratização.

Não obstante as transformações em curso nos modos de organização social e política, continuava tendo validade que as atividades intelectuais e artísticas estivessem direcionadas para a absorção de elementos considerados genuinamente nacionais e para a constituição/consolidação de uma consciência da cultura brasileira - visto o desafio da renovação cultural ainda não ter sido totalmente processado.

As noções de nacionalismo, de desenvolvimento cultural, social e econômico e a própria noção de democracia exigiam, diante desse quadro, uma outra disposição de consciências, pois armadilhas ideológicas poderiam estar armadas em todas as áreas de atuação. Sob forte influxo das tendências nazi-fascistas, as discussões em torno dos valores a defender - desenvolvimento, elevação da auto-estima nacional etc -, a sua seleção e as atitudes dela decorrentes geravam também o perigo de, inadvertidamente, servirem de motivo de dispersão frente aos reais problemas a serem enfrentados e de instrumento de propagação de um nacionalismo por demais próximo do modelo totalitário e violento promovido por essas tendências.

Um inquérito realizado no jornal *O Estado de São Paulo*, de meados de 1943 até o início de 1944, sob a direção de Mário Neme e, posteriormente, reunido no volume *Plataforma da Nova Geração*⁶⁶, revela que os rumos do pensamento e da cultura brasileira preocupavam a nova geração. Os depoimentos de Paulo Emílio Sales Gomes e Edmundo Rossi dão mostras disso. Paulo Emílio Sales Gomes assume uma posição bastante

⁶⁶ NEME, Mário. *Plataforma da Nova Geração*.

1
politizada, demonstrando já ter analisado o momento histórico e formado aguda percepção dos conflitos vividos pela sua geração. Ancorado nas principais tendências de pensamento em que se dividiam os jovens intelectuais brasileiros de 40, adota uma perspectiva singular. Por ora interessa destacar a provocante associação estabelecida por Paulo Emílio entre o entusiasmo de certos críticos pelo livro de Clarice Lispector e a questionável dispersão desses em relação à discussão dos problemas que deveriam ser assumidos por sua geração:

Na direita permanecem ainda alguns jovens valores. Que estão derrotados. De uma maneira amena, diga-se de passagem. A derrota consiste na completa não receptividade do ambiente às suas idéias, quando formuladas com suficiente clareza. Seria instrutiva uma análise sobre o comportamento na derrota desses nossos companheiros de geração. A fuga obstinada aos problemas que durante tanto tempo a sua facção cutucou com formulações simultaneamente rígidas e palavrosas, hoje despedaçadas, parece ser a orientação dominante. Essa fuga pode se manifestar de diversas maneiras, e vai em suas manifestações caricaturais, desde o entusiasmo arrogante e ingênuo pelos generais reacionários da Argentina, até a valorização delirante do livro de D. Clarice Lispector. (grifos meus)

Paulo Emílio questiona e denuncia a omissão de seus contemporâneos, ao mesmo tempo em que tece corajosa análise de uma situação problemática. A crítica que faz ao exílio no deleite literário é exemplo disso. Segundo ele, tal atitude revela, principalmente, a vigência de uma pseudocrítica e representa uma fuga diante daquilo que urgia enfrentar. A

valorização delirante do livro de D. Clarice Lispector acaba servindo de escudo, protegendo e/ou eximindo certos intelectuais seus contemporâneos da responsabilidade e da necessidade de defender posições⁶⁷.

Já no depoimento de Edmundo Rossi, redator de *O Estado de São Paulo*, merece destaque seu propósito de apontar o que a literatura brasileira *ainda* não tinha. Ao comparar a produção literária brasileira com a de outras culturas, ele confirma que a literatura estrangeira continuava funcionando como principal medida de aferição do que se produzia aqui:

Depois dos imigrantes, da cana de açúcar, do cacau, do nordeste, veio a crise do café e a fuga para o industrialismo. Os novos tempos baseiam-se nessa crise de transição econômica, que deu à cidade um valor mais positivo, estrangulando o regime dos latifúndios. Mas a cidade ainda não encontrou um John dos Passos. Talvez o urbanismo daqui seja diverso, mas o drama humano parece tão agudo em São Paulo quanto em Chicago. E a máquina chega a parecer aos olhos saudosistas um desastre da civilização. Apesar de tudo, entretanto, literariamente ainda não*

⁶⁷ Também a voz de Sérgio Buarque de Holanda se fez ouvir nesse sentido: "Ao deixar a atividade regular de crítico literário, há mais de seis anos, eu não imaginava retomá-la um dia. Preferi por muito tempo conservar-me o que fora sempre, um bissexto da crítica, sem mais obrigações e responsabilidades do que escrever em horas vagas sobre livros que ocasionalmente me interessavam. O próprio gosto desmedido da pura literatura, das 'belas-letras', pareceu-me não raro participar de algum vício de nossa formação brasileira, que inábil para denunciar nos outros, tentei freqüentemente contrariar em mim mesmo. Se o intelectual tem, com efeito, uma sagrada missão a cumprir, será esta de elucidar os que não sabem ver por inocência e denunciar os que não querem ver por conveniência." (Grifos meus) In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária II, 1947 - 1958*. Organização, introdução e notas: PRADO, Antonio Arnoni. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 33.

*atingimos 1921, que marca a conclusão dos 'Ulisses' de Joyce. (grifos meus) **

John Roderigo dos Passos (Chicago, 14/01/1896), escritor norte-americano, publicou *Manhattan Transfer*, em 1925, no qual analisa o tipo de vida dos habitantes da cidade de Nova York.

O procedimento comparativo, nos moldes aí aplicado por E. Rossi confirma a predominância entre nós de certo sentimento de inferioridade, à medida que por ele se revela a crença em um determinado patamar de elevação cultural e o desejo para si daquilo que se atribui aos outros - as supostamente *já* desenvolvidas culturas norte-americana e européia. Portanto, o que aí se revela é uma das faces da ideologia da cultura brasileira, que tem como característica a prática de tomar como espelho uma outra imagem de desenvolvimento cultural.

Também na euforia de alguns comentaristas do sucesso de *Perto do Coração Selvagem*, percebe-se o anseio por atingir um patamar de desenvolvimento literário semelhante aos moldes da considerada hegemônica cultura européia. Uma nota assinada por L.A.B, publicada na coluna *Estréias*, de *O Cruzeiro*, em 24/06/1944, revela a existência de certo recalçamento, como se fazer literatura de qualidade, *coisa interessante*, no Brasil, devesse causar admiração, fosse algo fora do padrão habitual:

Além do aparecimento nas vitrines das livrarias de novos trabalhos de escritores já com um nome assegurado, livros estes que têm sido procurados por um público que já se convenceu que santo de casa também faz milagre e que nós, brasileiros, podemos fazer também muita coisa interessante. (grifos meus)

Via de regra, o procedimento comparativo foi utilizado como instrumento para compreender e inserir *Perto do Coração Selvagem* no conjunto da narrativa moderna e para abalizar o lugar que ocuparia dentro desta tradição. Nesse sentido, nomes de escritores então sedimentados da tradição européia - James Joyce, Gide, Valéry, Dickens, Proust, Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Checov, Rosamond Lehman, Giroudoux e Dostoiewsky - ocupam a outra bandeja da balança.

O uso desse tipo de procedimento ocorre também em outras situações. Há quem acusa Clarice Lispector de fazer imitação barata, como o colunista que se assina João do Rio⁶⁸:

A condição primordial para que um livro, um quadro, qualquer obra de arte, enfim, possam agradar é a sinceridade do seu autor. Realmente só há verdadeira obra de arte quando há espontaneidade. É preciso que o artista sinta necessidade de exteriorizar seu pensamento e sua sensibilidade. Evidentemente outros fatores suplementares hão de contribuir para que uma coisa se torne verdadeiramente obra de arte. Correntes literárias, sempre as houve em todos os tempos. São apenas formas de expressar o sentimento, de acordo com as tendências do autor ou da época. Em todas essas escolas, em torno dos verdadeiros mestres, forma-se uma farândola de escritores que nada mais fazem senão copiar seu modo de pensar e de

⁶⁸ Não se trata de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921), também conhecido pelo pseudônimo *João do Rio*. Considerado hábil repórter e cronista de seu tempo, Paulo Barreto foi importante figura da imprensa brasileira no início do século XX. Colaborador de várias seções de jornais e revistas, conseguiu se adaptar às novas tendências da imprensa de sua época. Cf. SODRÉ, *História da Imprensa no Brasil*, pp. 251 a 355.

*escrever. É que talvez ainda não estejam suficientemente amadurecidos. Não queríamos que a Sra. Clarice Lispector produzisse uma obra de arte. Isto é uma coisa que compete aos gênios e que acontece poucas vezes num século. Queríamos, apenas, e cremos que não é muito, que a escritora fosse sincera e espontânea. Se ela pretende fazer um estudo da psicologia infantil, do seu modo de pensar e das suas reações diante da vida, aconselhamo-la a que leia esse admirável Proust, onde muito poderá aprender.*⁶⁹

Publicado em 25/03/1944, na *Revista da Semana*⁷⁰, o artigo soa estranho à medida que se percebe uma forte intenção de desmerecer o trabalho de Clarice Lispector, descartando-lhe qualquer elemento digno de apreciação. O tom agressivo do comentário compromete a possibilidade de compreensão de seus argumentos e revela antes um ataque do que um julgamento ou uma avaliação. O autor mostra-se mais preocupado em garantir a precedência e o *status* de mestre do escritor francês, em pregar subserviência a ele, à custa, inclusive, de desrespeito generalizado - os que não se encaixam no seu cânone são pejorativamente comparados a um bando de maltrapilhos. O artigo não traz argumento algum para justificar a designação sarcástica, visto que sinceridade e espontaneidade são termos por demais imprecisos - lembremos a máxima pessoana "*o poeta é um fingidor*".

⁶⁹ *Perto do Coração Selvagem - Clarice Lispector - Rio*. In: *Revista da Semana*. 25/03/1944, i.h.i..

⁷⁰ Fundada no Rio de Janeiro, por Álvaro de Tefé, começa a circular em 20/05/1901 e desaparece em 1959. Logo após sua fundação, passa à propriedade do Jornal do Brasil que a vende em 1915 a Carlos Malheiros Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão. Sob esta direção, adquire feição mais leve e vai gradativamente se adaptando à nova fase da imprensa brasileira que, por volta de 1950, torna-se inequivocamente sensacionalista. Cf.: SODRÉ. op. cit., pp. 251 a 355.

O tipo de abordagem adotado pelo comentarista é um exemplo de comparação equivocada. O legítimo debate sobre a influência cedeu lugar à rotulação apriorística. Um procedimento que poderia favorecer a apreciação de semelhanças e diferenças das produções culturais de povos, tempos e lugares distintos, pode ser também mal utilizado para a afirmação de supostas inferioridade e superioridade.

Por outro lado, há os críticos que usam o procedimento comparativo como estratégia de análise. Eliezer Burla, no artigo *Perto do Coração Selvagem*, publicado em 31/03/1944, em *O Jornal*, defende que houve influência de *Portrait of an artist as a young man*, de James Joyce, sobre o romance de Clarice Lispector e utiliza a noção de filiação subjetiva para desenvolver sua análise comparativa. Admirado com o modo livre de preconceitos e audacioso de Clarice Lispector escrever, o crítico cita trechos em que a exploração da sonoridade das palavras e a superação dos seus usos comuns por Clarice Lispector assemelha-se ao trabalho realizado por James Joyce:

(Clarice Lispector) *'ama' as próprias palavras que pronuncia, repetindo-as, variando-as e abandonando-as com pena... Deste deslumbramento nascem, não raro, paradoxos imprevisíveis, pensamentos soltos, que nos envolvem e nos atordoam como se foram grandes descobertas. Na realidade, porém, não passam de paradoxos inteligentes, mas sem substância, mas tão hábeis que a gente não os percebe de imediato.*

Uma comparação que, segundo ele, justifica a defesa de um lugar de respeito para a jovem escritora entre os da nova geração. Eliezer Burla considera *Perto do Coração*

Selvagem diferente do questionável romance introspectivo nos moldes de Lúcio Cardoso⁷¹ e Otávio de Faria, os quais, conforme aconselha, deveriam conhecer o trabalho de Clarice Lispector.

Já Valdemar Cavalcanti, em artigo publicado em 18/10/1944, na *Folha Carioca*, declara-se insatisfeito com o modo como a abordagem da influência vinha sendo conduzida por críticos seus contemporâneos:

Ela (Clarice Lispector) nos trouxe qualquer coisa de importante, senão de essencial às nossas letras de ficção. A falta de tirocínio literário e de experiência humana, coisas fundamentais à realização de um romance, Clarice Lispector supriu com a coragem individual e a finura psicológica. Não foi apenas uma ressonância de Joyce, a sua obra de estréia, como quiseram deixar entender alguns críticos: foi a definição de uma natureza de prodigiosa seiva natural (...) obra significativa de nosso momento literário. (grifos meus)

Em outro artigo, sem título, também publicado na *Folha Carioca*, em 16/11/1944, Valdemar Cavalcanti declara que os melhores críticos já haviam abandonado a prática da acareação e os que continuavam faziam-no de maneira cautelosa, visto a abordagem da influência requerer atenção redobrada.

A polêmica da influência parece ter tomado tal proporção negativa que a própria escritora, buscando explicar o que, a princípio, não deveria ser explicado por ela, publica, em jornal do Rio de Janeiro, em 24/04/1944, a seguinte justificativa:

⁷¹ O crítico toma como exemplo o romance *Luz no Subsolo*, publicado em 1936.

*Parece-me bem pouco o que posso dizer aqui. Descobri essa legenda, o título do livro e o próprio Joyce quando o livro estava bem pronto. Escrevi-o em 8 ou 9 meses, enquanto estudava, trabalhava e noivava - mas ele não tem influência direta do estudo, do noivado, de Joyce, do trabalho. Escrevi-o há uns dois anos, tateando na escuridão. Que as coisas me permitam renovar sempre a inexperiência.*⁷²

Apesar das dificuldades próprias da abordagem da influência, Lauro Escorel dedica-lhe uma crítica esclarecedora - a única, naquele momento. O crítico publica dois artigos sobre **Perto do Coração Selvagem**. No primeiro, de 02/02/1944, intitulado *Perto do Coração Selvagem* e publicado no jornal **A Manhã**⁷³, Lauro Escorel saúda a estréia da romancista e reverencia a dimensão vertical do humano, encontrado no romance, como seu grande valor positivo⁷⁴. No segundo artigo, intitulado *Prêmio da Fundação Graça Aranha de 1943* e publicado em **O Jornal**, seção Crítica Literária, a 13/10/1944⁷⁵, o crítico questiona veementemente a abordagem da influência tal como estava sendo desenvolvida por seus contemporâneos.

Para Lauro Escorel, a técnica utilizada por Clarice Lispector é antes o resultado da fusão entre uma inteligência aguda e uma rara sensibilidade poética, do que uma adaptação

⁷² Inúmeras vezes, na sua trajetória profissional, Clarice Lispector se viu na condição de esclarecer a questão, tanto no que diz respeito a **Perto do Coração** quanto em relação a outros romances.

⁷³ Republicado com o mesmo título, em 09/02/1944, no **Diário da Bahia**.

⁷⁴ Clarice Lispector, ao comentar os artigos publicados sobre sua estréia, expressou seu apreço ao crítico Lauro Escorel, que lhe enviara cópia do artigo. Cf. GOTLIB, **Clarice: Uma vida que se conta**, p.176.

⁷⁵ Republicado em 29/10/1944, no **Jornal A Manhã** (RJ).

brasileira da técnica de análise interior, realizada pelos autores de *Ulisses*, James Joyce, e de *Orlando*, Virginia Woolf. Seu argumento é que o monólogo interior impõe o abandono da linguagem convencional e faz o pensamento do inconsciente sem preocupação com uma ordem lógica. E esse é o aspecto que permite aproximar Clarice Lispector daqueles escritores. A intuição artística de Clarice Lispector, conforme conclui, advém de um tipo de compreensão sensível, de uma perspectiva particular de conhecimento do humano, visto tratar-se de algo mais profundo, difícil de apreender imediatamente.

Lauro Escorel não se exime de posicionamento e nem tenta escondê-lo no discurso da gravidade e periculosidade do tema. Aliás, posteriormente, Benedito Nunes também se debruçará sobre a questão, aplicando a noção de *afinidade* para a abordagem da influência. Segundo ele, os processos comuns - *o monólogo interior, a digressão e a fragmentação dos episódios* - se harmonizam com o modo de apreensão artística da realidade na ficção moderna e ligam Clarice Lispector aos autores acima citados.⁷⁶

A considerável proporção atingida pela polêmica da influência, entre os críticos de 40, ajuda a compor o significado do surgimento de *Perto do Coração Selvagem* e a entender o quanto o julgamento de um valor depende da disponibilidade do crítico para a acolhida do novo e para o estabelecimento de conexões com outros fios que tecem uma tradição.

Exemplo disso se encontra no procedimento de Erich Auerbach. Em *A meia marrom*, como um enredador, tece aproximações entre *To the Lighthouse*, de Virginia

⁷⁶ NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1995.

Woolf, *À la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust e *Ulysses*, de James Joyce, sem, contudo, hierarquizá-los em comparação a outras tradições culturais⁷⁷. Em sua análise, Auerbach expõe a espécie de trama das possibilidades humanas em que estiveram envolvidos esses três escritores e conclui que os processos utilizados pelo romance moderno estão diretamente associados à própria posição do escritor diante da realidade do mundo que representa.

Acrescentar ao conjunto desses escritores modernos o nome Clarice Lispector, não implica, necessariamente, o estabelecimento de hierarquias e/ou precedências deles sobre ela e *Perto do Coração Selvagem*, como alguns críticos fizeram, e nem retira deles seus traços particularizadores. Em termos comparativos, o que seria relevante, para além da discussão sobre a condição histórico-cultural da língua pela qual cada um se expressou, é a identificação do que os singulariza - os modos como cada um reagiu aos desafios colocados pela configuração outra da vida moderna, o trabalho individualmente realizado e a maneira como, pelo apuramento técnico, cada um soube particularizar o uso desses processos.

A resposta inconfundível de cada artista aos desafios de sua contemporaneidade garante a eles o estatuto de escritor moderno e torna a passagem do *banho* da personagem Joana tão fruto da condição moderna quanto o é a *madeleine* de Marcel Proust ou a *metamorfose* de Franz Kafka, por exemplo. Isso significa que essa condição moderna, comum a todos, retira da tradição européia seu *status* de provedora.

⁷⁷ In: AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 2ª edição revisada. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1987, pp. 471 - 498.

Embora os que consideraram **Perto do Coração Selvagem** ressonância ou cópia não tenham se dado conta, o enfoque da influência, como ocorreu naquele contexto, ajuda a reforçar os sentimentos de inferioridade e de anacronismo literário brasileiro⁷⁸, e permite avaliar que **Perto do Coração Selvagem** trouxe um problema para a crítica. Alguns, fugindo à tarefa de situar o romance à luz da tradição brasileira, preferiram a caracterização típica, tomando como óbvio o que deveria ser submetido a criteriosa análise.

As diferenças posturas diante do surgimento de **Perto do Coração Selvagem** são reveladoras da tensão e do limite a que pode chegar a crítica de uma geração, sobretudo no tocante às questões que envolvem a expectativa do novo, o desejo de superação do considerado velho e o enfrentamento dos problemas da sociedade brasileira também pela crítica literária.

⁷⁸ Confira análise de Antonio Candido. *Literatura e Cultura*. In: **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7ª ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1985. pp. 109 - 138.

Parte III

O Clima Lispector

As primeiras manifestações da crítica em relação a **Perto do Coração Selvagem**, de que se tem notícia, são publicadas entre dezembro de 1943 e fevereiro de 1944. Clarice Lispector pôde, então, acompanhar de perto essa fase da recepção ao seu livro de estréia. A partir de fevereiro, tendo mudado com a família para Belém e lá permanecendo até julho, passa a tomar conhecimento das reações da crítica por meio de amigos, que lhe enviam notícias, recortes e cartas.

Clarice Lispector permanece em Belém cerca de cinco meses e regressa ao Rio de Janeiro em julho, aí ficando por alguns dias até seguir para uma curta estadia em Natal e, em seguida, mudar-se para a Itália. Reside em Nápoles de agosto de 1944 a abril de 1946. Acompanhando o deslocamento próprio da profissão do marido, muda-se, em maio de 1946, para Berna (Suíça).

Entre a saída de Nápoles e a chegada a Berna, a escritora, já consagrada no Brasil pelo sucesso de **Perto do Coração Selvagem**, vem passar um mês no Rio de Janeiro. Alguns jornais noticiam essa passagem, relembram a conquista do **Prêmio Graça Aranha**, concedido ao romance de estréia, as qualidades excepcionais da escritora, a beleza e a inteligência da mulher - poliglota e bacharel em Direito -, e destacam a posição ocupada por seu marido, Maury Gurgel Valente, no quadro diplomático.

Essa ausência física do cenário cultural brasileiro, no momento em que a crítica reage ao seu livro, é, até fins da década de 40, compensada pela razoável frequência com que o nome **Clarice Lispector** é citado em colunas sociais e literárias. Invariavelmente, nessas ocasiões a figura da escritora aparece associada à idéia de extraordinário, diferente, incomum.

Um procedimento que cumpre também a função de promover sua notoriedade e, no limite, sobrepor o inusitado de sua imagem ao brilho do romance⁷⁹.

Uma entrevista realizada por Solena Benevides Viana, publicada em 02/12/1945 e intitulada *Clarice Lispector fala de Nápoles*, ilustra o tipo de tratamento dado pela mídia jornalística à autora de *Perto do Coração Selvagem*⁸⁰. Não obstante o subtítulo⁸¹ da matéria indicar como objetivo colher a opinião da escritora sobre o panorama intelectual da Europa, particularmente a situação da Itália, a repórter dedica 2/3 da entrevista a indagações sobre a vida familiar, a infância, a descoberta do talento literário, o sucesso do romance e o tema da influência. Somente ao final da entrevista retoma o assunto proposto.

Isso permite constatar que o tema anunciado serve de pretexto para abranger outras questões, as quais, apesar da inquestionável relevância, indicam o caráter especulativo da entrevista e sua tendência para a infidelidade em relação aos objetivos anunciados; ainda mais porque a entrevistadora faz questão de advertir os leitores quanto à má fama de Clarice Lispector, já então considerada de difícil trato⁸².

⁷⁹ Além dos sentidos de divulgação e elevação, o termo quer indicar também a construção de uma realidade.

⁸⁰ Indicação hemerográfica incompleta.

⁸¹ "*Clarice Lispector fala de Nápoles - A situação literária do Velho Mundo - Interesse na Itália pelo romance social - Os poetas franceses da resistência - Uma nova liberdade*".

⁸² "Antes de dar início ao interrogatório sobre as letras européias, desejei que a própria autora de '*Perto do Coração Selvagem*' esclarecesse se houve de fato real influência de Joyce na sua obra. Mas, evitando uma pergunta direta que poderia ser mal interpretada, apesar de eu ser da opinião de que não há criação alguma absoluta, indaguei: - Algum autor, nacional ou estrangeiro, contribuiu de forma poderosa na sua formação? - Não sei dizer, - declarou a interrogada - que autores influíram na minha formação. Possivelmente me influenciaram mais os motivos dos escritores, mesmo que eu nada soubesse deles, do que os seus livros. E adiantou: - Cercando a questão mais de perto, eu poderia dizer de fora para dentro, concordando com pessoas que escreveram sobre o meu trabalho, que eu tive influência de Proust e Joyce, o que tem como obstáculo material apenas o fato de eu não ter lido Proust e Joyce antes de escrever o primeiro

Um outro aspecto interessante é o fato de ser essa a primeira matéria jornalística, até o momento localizada, em que aparece uma fotografia da escritora. Antes, eram publicados discretos desenhos, retratos que, ocupando, em relação ao texto, pequeno espaço, cumpriam função ilustrativa⁸³. Em todas as ocorrências desse tipo de registro iconográfico, destacam-se os traços peculiares de seu rosto - olhos oblíquos, maçãs salientes da face, boca levemente cerrada, tudo combinado a um ar de discreto distanciamento.

Na foto em questão, Clarice Lispector aparece em uma pose bastante semelhante a outras que hoje continuam sendo publicadas em jornais e revistas: a cabeça levemente erguida e perfilada sobre um dos ombros, o olhar ligeiramente voltado para o alto e um ar de sutil ausência⁸⁴. A frequência dessa pose indica ser ela uma das preferidas das lentes, talvez porque, nela, se celebre a beleza, um dos mais arcaicos valores culturais atribuídos à mulher.

A interlocução da escritora com seus amigos - particularmente escritores e críticos - é outro fator de promoção do nome Clarice Lispector no circuito cultural brasileiro. A comunicação estabelecida por carta mantém amigos informados das atividades da escritora nos períodos em que esteve fora do Brasil - além dos locais citados, viveu em Torquay e

livro. Como para mim não tem tido importância consciente a questão da influência, é-me difícil sair de meus verdadeiros problemas e analisá-la."

⁸³ Importa comentar que, em meados da década de 40, como resultado de um dos mais importantes movimentos de desenvolvimento técnico da imprensa brasileira do século XX e de aperfeiçoamento dos processos jornalísticos, o jornal começa a substituir o desenho ilustrativo pela fotografia. Reflexo do predomínio da cultura visual, a fotografia vem quebrar a monotonia dos anúncios e cumprir, no início de sua utilização, a função de retratar; pouco depois, rompendo com laços de submissão ao texto, passa a exercer em relação à matéria ora o papel de representar uma realidade ora o de inventá-la.

⁸⁴ Conforme analisa Arlindo Machado, a pose é uma tentativa de fixar no momento aleatório da fotografia a imagem ideal do corpo, pois a câmera tem um poder transfigurador e a imagem que nos dá é sempre uma ficção. Cf: MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular. Introdução à Fotografia*. São Paulo: Brasiliense. 1984.

Washington - e dão mostras não só dos laços afetivos entre eles, mas também da função animadora, informativa e crítica que exerceram entre si.

Um comentário do poeta Manuel Bandeira, em carta⁸⁵ enviada à escritora, em novembro de 1945, permite observar o papel germinador da troca e da divulgação de notícias e a existência de expectativa favorável à publicação de seu próximo livro:

“Estou esperando com grande curiosidade o seu segundo romance. Primeiro, porque tudo que vem de você me interessa. Segundo, porque ouvi dizer que o Alceu Amoroso Lima anda falando que o novo romance ainda é melhor que o primeiro”.⁸⁶

O segundo romance é esperado como se representasse a realização de uma promessa. Instala-se, no meio literário brasileiro, uma predisposição favorável à produção de Clarice Lispector. As portas estão abertas, e a expectativa, construída com base no sucesso de *Perto do Coração Selvagem*, é de que Clarice Lispector se firmasse como grande escritora.

Sob o ponto de vista da recepção, esse conjunto de fatores serve de termômetro para se avaliar o sucesso ou o fracasso de uma obra no contexto de seu lançamento e oferece um testemunho - carregado de imprecisões, representações e intenções - do espírito de uma época. No caso de Clarice Lispector, entrevistas, depoimentos, trocas de informações no circuito literário e o burburinho em relação à sua produção, são, entre outros, constitutivos

⁸⁵ O Arquivo Clarice Lispector do Museu Arquivo de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ) possui organizadas informações sobre correspondência ativa e passiva da escritora e é o tutor de algumas cartas inéditas cuja divulgação ainda não foi liberada pelos herdeiros do espólio. Sobre as correspondências de e para Clarice Lispector confira também os trabalhos de Nádia Battella Gotlib, *Clarice. Uma vida que se conta*; e de Olga Borelli, *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato*.

⁸⁶ GOTLIB, Clarice. *Uma vida que se conta*, p 205.

de um dado horizonte de expectativa, de uma disposição receptiva específica aqui denominada *clima Lispector*:

*“Clarice Lispector publicou um segundo romance - intitulado ‘O Lustre’. Deve ser um grande romance, tão grande como ‘Perto do Coração Selvagem’, que revelou essa romancista que melhor representa a novíssima geração de escritores brasileiros. Criou-se um clima Lispector, na literatura brasileira, e a menina Clarice, com seus olhos parados, seus cabelos de ondina, seus gestos lentos, parece surpreendida com sua notoriedade.”*⁸⁷ (Grifo meu)

Mesmo diante da dificuldade de se operar com essa noção, a combinação de certos elementos de ordem não mesuráveis objetivamente - como os acima citados - e contingenciais - o fato da escritora viver no exterior, consequência de sua condição de esposa de diplomata, e participar de eventos social e culturalmente valorizados - enseja o surgimento de uma predisposição que em muito alarga a possibilidade de boa acolhida a *‘O Lustre’*.

O *clima Lispector* indicava que a publicação de um novo romance não constituiria investimento de grande risco para a editora, visto ter sido estabelecida uma base para sua absorção pelo mercado - quem reconheça, legitime e promova o produto e quem o compre.

Nesta parte do estudo, demonstra-se que, a partir da publicação de *O Lustre*, tem início um processo gradativo de arrefecimento do interesse da crítica pela produção de Clarice Lispector. Aspecto que se torna ainda mais evidente na quase indiferença da crítica

⁸⁷Ano de publicação da nota - 1946. Indicação hemerográfica incompleta.

frente os lançamentos de *A Cidade Sitiada*, em 1949, e *Alguns Contos*, em 1952; conforme se apresenta em segundo momento.

À Porta da Sociedade das Sombras

O Lustre

Romance

de Clarice Lispector

Um romance de que se orgulhará a literatura brasileira

Cr\$ 28,00

(Nota publicitária da Editora Agir, divulgada no *Diário de Notícias* e *O Cruzeiro*, entre fevereiro e março de 1946)

A Livraria Agir Editora promove uma campanha publicitária bastante peculiar antes do aparecimento de *O Lustre* no mercado. Em pelo menos dois periódicos cariocas, *Diário de Notícias* e *O Cruzeiro*, publica o anúncio acima citado, no qual associa *O Lustre* ao sentimento de altivez nacional, e ainda uma citação do trecho inicial do romance:

Ela seria fluida durante toda a vida. Porém, o que dominara seus contornos e os atraía a um centro, o que a iluminara contra o mundo e lhe dera íntimo poder fora o segredo. Nunca saberia pensar nele em termos claros temendo invadir e dissolver a sua imagem. No entanto ele formara no seu interior um núcleo longínquo e vivo e

jamais perdera a magia - sustentava-a na sua vaguidão insolúvel como a única realidade que para ela sempre deveria ser a perdida.

Faz parte do mesmo anúncio um comentário enaltecedor dos valores que fizeram de **Perto do Coração Selvagem** um sucesso e que são prometidos também em relação a **O Lustre**:

Assim começa o novo romance de Clarice Lispector, a consagrada autora de 'Perto do Coração Selvagem', que a crítica foi unânime em considerar como um dos maiores romances dos últimos tempos e que recebeu o prêmio 'Graça Aranha'. Em seu novo livro, O LUSTRE, Clarice Lispector conserva todas as suas qualidades de penetração psicológica, identificação com o misterioso da alma humana, dramaticidade e originalidade de estilo que fizeram dela um dos nossos maiores escritores. Acompanhe o deslizar terrível de Virgínia para o desespero, na atmosfera penetrante, densa e sombria de O LUSTRE.

Além desse, a Agir faz publicar um outro anúncio menor, mas não menos significativo:

LISPECTOR, Clarice - O LUSTRE

É o espetáculo das espumas da vida, esquecidas de Deus e, portanto, de Alegria e de Luz, arrastando inexoravelmente uma alma humana para o abismo da miséria, do sofrimento, do desespero e da morte total. É escrito numa linguagem que é o segredo

da autora. É preciso ler devagar para se penetrar nesse mundo estilístico singular, cheio de mistério e de sugestão. 341 págs. Cr\$ 28, 00.

Percebe-se, no texto, a utilização de estilo semelhante ao de Clarice Lispector e de recursos também explorados por ela, que, procurando algo novo, promove a saturação do já conhecido. Nele, a aliteração sibilante de /s/ e a assonância fechada de /e/ (*espetáculo/ espuma/ esquecidas/ Deus/ desespero*), associadas à escolha de vocábulos que, combinados, potencializam ainda mais a força das palavras (*miséria, sofrimento, desespero, morte*), e tentam imitar a paradoxal exuberância daquilo que surge da destruição. Similar ao clima de decadência característico de **O Lustre**.

Parte de uma engrenagem maior, que aqui apenas cabe indicar, o texto publicitário potencializa seu efeito à medida que consegue associar o anúncio de seu produto ao que considera anseio de seu público. Como uma espécie de operação química, a campanha da Agir vincula um produto cultural à aspiração social de elevação do auto-conceito, almejando estabelecer entre o público e o produto oferecido uma relação de agraciamento. Ao transferir, em nível simbólico, um valor cívico para **O Lustre**, a campanha pretende suggestionar o público ao consumo de um e outro.

Os dois exemplos de nota publicitária têm em comum o tom grandiloquente com que tratam livro e autora. A evocação do orgulho literário, atitude vinculada à afirmação da identidade nacional diante de outras culturas, é um aspecto constituidor da formação e sustentação de nossa reflexão crítica, quer fomentando debates em defesa da nossa

autonomia estética, quer indicando parâmetros para compreensão do “*caráter postiço, inautêntico e imitado da nossa vida cultural*”⁸⁸.

Ambos são expressões da crença na propaganda como *alma do negócio* e permitem constatar que convém às necessidades do mundo espetacular criar notoriedades e promover burburinho em torno delas, mantendo-as visíveis, enquanto se percebe a possibilidade de captar o interesse do público por elas.

Nesse sentido, o lugar social e cultural ocupado por Clarice Lispector, a ela designado por instâncias de legitimação dos valores próprios da sociedade de consumo, é um elemento favoravelmente explorado pela imprensa, em geral, e pela financiadora do segundo livro, a Editora Agir, em particular. Esta porque aposta no sucesso de *O Lustre* e, como consequência possível e almejada, no retorno financeiro do capital investido; aquela porque concede vez e voz a figuras notórias, que despertam admiração e simpatia no público. Uma realidade fragrantemente também hoje. Apenas houve a troca dos agenciadores, no lugar da Editora Agir a Editora Rocco; no papel da entrevistadora Solena B. Viana, diversos comentaristas acomodados ao que, referindo-se a Clarice Lispector e sua produção, denominam *enigma indecifrado* ou *intacto mistério*.

Porém, apesar da atmosfera favorável - a expectativa comum a escritores amigos de Clarice Lispector e o investimento da Agir no sentido de preparar o terreno e promover o sucesso de *O Lustre* -, a repercussão de *O Lustre* é, se comparada ao intenso movimento em torno do primeiro romance, inexpressiva.

⁸⁸ Sobre aspectos formadores da reflexão crítica brasileira, confira-se: *Nacional por Subtração*. In: SCHWARZ, Roberto Schwarz. *Que Horas São?*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 29-48.

Poucos críticos escrevem sobre ele. Entretanto, não é apenas quanto ao aspecto quantitativo que se observa alteração no comportamento da crítica. Em relação ao primeiro romance, o tom de grata surpresa com a renovação dos meios de expressão na prosa brasileira, ali anunciada, é um traço comum à crítica da primeira hora. Um traço que se fundiu à reflexão acerca do particular momento de acomodação da literatura brasileira na exploração dos traços regionais. Em relação a *O Lustre*, o quadro referencial já não é o mesmo. Há uma alteração entre o que se esperava da Literatura Brasileira no início da década de 40 e o que se esperou de Clarice Lispector em 1946. Certamente, é esse um dos fatores que contribuem para o distanciamento da crítica em relação a *O Lustre*.

Entre as reações provocadas pela publicação do segundo romance, destacam-se três tipos: uma que avalia existir, por parte da escritora, certa dificuldade no domínio dos processos de criação ficcional, conforme as críticas de Álvaro Lins, Sérgio Milliet e Gilda de Mello e Souza; outra que considera os dois romances de Clarice Lispector uma admirável reação contra a estrutura tradicional do romance, visão de Almeida Salles; e a que duvida das condições do crítico para o entendimento d'*O Lustre* e aposta no fracasso da crítica diante do mesmo, posição de Oswald de Andrade.

Sérgio Milliet, no artigo intitulado *15 de Fevereiro*, de 1946, publicado no jornal *A Manhã*, considera que os processos estilísticos utilizados pela escritora foram excessivamente explorados, gerando o empobrecimento do mesmo. Segundo o crítico, a original procura de fixação do imponderável estaria levando a autora a trilhar um caminho diferente, sem dúvida, porém, ardiloso; e o estilo, no primeiro romance comparado a uma jóia, pelo desgaste a que fora submetido no segundo, perdia efeito e assemelhava-se à

bijuteria: “*O estilo é sem dúvida o grande triunfo de Clarice Lispector, mas é também a sua maior possibilidade de perdição.*”

Para Álvaro Lins, no artigo intitulado *O Lustre*, publicado no *Correio da Manhã*, em maio de 1946, a autora comete equívoco semelhante nos dois romances. Conforme sua análise, a colocação do espaço e do tempo no plano da descontinuidade, em *Perto do Coração Selvagem*, causa um problema de ajustamento que não é solucionado pela autora; e, em relação a *O Lustre*, ainda censura o que chama *camada de nebulosidade* a qual, provocada por falta de domínio do processo da arte de ficção, impede a definição das suas formas e cenas.

Na visão do crítico, a concentração do sentido do romance em única personagem - Joana de *Perto do Coração Selvagem* e Virgínia d’*O Lustre* - torna as outras personagens simples sombras, privadas de sustentação própria:

Romance, porém, não se faz somente com um personagem, e pedaços de romance, romances mutilados e incompletos, são os dois livros publicados da Sra. Clarice Lispector, transmitindo ambos nas últimas páginas a sensação de que alguma coisa essencial deixou de ser captada ou dominada pela autora no processo da arte de ficção.

Gilda de Mello e Souza, no artigo intitulado *O Lustre*, publicado em 14/07/1946, no jornal *O Estado de São Paulo*, também tece seus reparos a *O Lustre*, tomando por parâmetro normas definidoras e limitadoras do gênero romance. A ensaísta argumenta que cabe ao romance ser romanescos e discursivos, o que não ocorre em *O Lustre*. Na sua

perspectiva, a migração de processos próprios de outros gêneros e, sobretudo, o excessivo uso deles, prejudicaram a consistência essencial do romance e fizeram pairar sobre ele a sombra destruidora do hermetismo ou do cabotinismo.

Tais aspectos anteriormente preocuparam Álvaro Lins que, no artigo *Romance Lírico*, de fevereiro de 1944, já refletia sobre os prejuízos à unidade do romance gerados pelo apelo abusivo aos recursos da poesia. Nesse artigo, justamente por avaliar que esses recursos foram acionados com a finalidade de suprir faltas no processo de estruturação da ficção, classifica *Perto do Coração Selvagem* como uma *experiência incompleta*.

Constitui a base dos julgamentos de cada um dos três críticos uma concepção fechada de romance, uma determinada visão de apreensão artística da realidade e de sua transformação em forma ficcional. Uma posição que, mesmo flexibilizada por uma declarada admiração pelo trabalho inovador realizado por Clarice Lispector, não se deixou alterar, substancialmente, pela obra apreciada.

A avaliação negativa da disformidade, a censura à descontinuidade e ao prejuízo por ela causado à unidade do romance são as bases a partir das quais esses críticos construíram suas interpretações da produção de Clarice Lispector. Todos eles estavam convencidos de que Clarice Lispector não teve necessário domínio dos processos de criação ficcional. Hoje, tais interpretações, no que se refere ao julgamento desses aspectos, já não se sustentam. A crítica foi procurando ambientar-se com a produção de Clarice Lispector e adequar-se a ela. A disformidade e a descontinuidade têm sido reavaliadas e aceitas como processos fundantes de um ousado trabalho de composição, como resultantes de um estilo sem peias.

A posição de Almeida Sales, no artigo intitulado *O Lustre*, publicado no rodapé de crítica literária do jornal **A Manhã**, em 31/03/1946, inscreve-se em uma outra vertente interpretativa. Observando o surgimento de Clarice Lispector no quadro literário brasileiro, o crítico compara sua importância para a nossa ficção e para o alargamento da consciência crítica brasileira à de M. Proust e J. Joyce para a literatura européia.

Segundo ele, o trabalho da autora significa uma reação contra *a carpintaria vigente do romance* e uma excelente oportunidade para polemizar e abrir outras perspectivas de compreensão do romance moderno; ou seja, não se trata de medir até que ponto tais romances correspondem aos padrões do gênero, sua obediência a eles, mas, sim, de perceber como a compreensão desse gênero é alterada diante das modificações ocorridas.

Já o artigo de Oswald de Andrade, intitulado *O Lustre* e publicado no **Correio da Manhã** (RJ), em 26/02/1946, apresenta uma reflexão de ordem metacrítica. Na sua opinião, *O Lustre* é aterrorizante justamente porque remete nossa literatura aos grandes padrões da literatura moderna e força a crítica brasileira a movimentar-se em direção a novos planos, a rever seus parâmetros de julgamento. Talvez porque sua produção literária tenha provocado polêmicas, e até hostilidade, o crítico Oswald de Andrade mostra-se mais sensível ao debate sobre as condições da crítica para a compreensão daquilo que surge como novidade.

Essa análise de Oswald de Andrade adquire, aqui, maior destaque porque permite observar que os críticos seus contemporâneos, na tentativa de absorver a novidade Clarice Lispector e de processar a pluralidade de arestas que dela surgia, foram obrigados a rever suas posições. Algo relevante em se tratando dos aspectos constituintes da recepção, pois raramente a crítica tem refletido sobre suas condições de interpretação da obra clariceana e

assumido, seriamente, que sua leitura gera certo estranhamento e empurra seu leitor para um lugar de desconforto e inquietude.

Tendo em vista que os critérios de recepção utilizados pelos críticos são indissociados da ordem geral em que o romance se inscreve e dos parâmetros que ensejam o julgamento de seu valor, cada um desses artigos exemplifica não só os comportamentos da crítica jornalística em relação a *O Lustre*, mas também que as mesmas estão condicionadas às convicções do crítico, à sua maior ou menor abertura ante as tendências de seu tempo e às contingências que lhes permitem perceber as mudanças enquanto estas se processam.

A Cidade Sitiada e Alguns Contos

Que diria então se pudesse passar, de ver os objetos, a dizê-los ... Era o que ela, com paciência de muda, parecia desejar. Sua imperfeição vinha de querer dizer, sua dificuldade de ver era como a de pintar.

O difícil é que a aparência era a realidade.

Clarice Lispector. *A Cidade Sitiada*.

A escritora tem dificuldades em conseguir editora para *A Cidade Sitiada*. O livro só é publicado em 1949, pela editora A Noite, cerca de três anos depois de acabado. O nome Clarice Lispector, que poucos anos antes, com *Perto do Coração Selvagem*, brilhava no meio cultural brasileiro, já a partir do segundo romance, começa a ser pouco citado. A crítica, que em 1943/44, não lhe poupou elogios, consagrando-a, vai, pouco a pouco,

silenciando-se sobre sua produção e assim se mantém até o início da década de 60, quando a escritora será reconsagrada com a publicação dos contos **Laços de Família**.

Em certa medida, tal comportamento tem sua origem no desprestígio do gênero romance, que nos anos trinta predominara no cenário literário brasileiro, e na ascensão da poesia, que empolga a geração de quarenta, propondo-lhe novas preocupações formais e técnicas. Passado o impacto da surpresa provocada por **Perto do Coração Selvagem**, parece ter permanecido o estranhamento frente a uma literatura desestabilizante, que vinha oferecer aos leitores possibilidades de transpor insuspeitos estados d'alma, colocá-los à beira de seus próprios abismos e deles exigir atitudes inéditas.

Tomando por base que cada obra constrói os seus leitores, entende-se que o público para essa literatura não estava de todo formado. Face a essa situação, a Editora Agir, que apostara no sucesso d'**O Lustre**, não se interessou em renovar contrato com a escritora para a publicação do terceiro romance.

Motivo válido também como hipótese de explicação para as discretas manifestações da crítica por época do lançamento de **A Cidade Sitiada**. Dos quatro críticos que escrevem sobre esse romance, três apresentam-lhe sérias restrições - Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Hollanda e Carlos David - e apenas um avalia positivamente seu trabalho - João Gaspar Simões.

O artigo de Sérgio Milliet, intitulado *27 de agosto*, de 1949, mantém-se fiel à linha de pensamento a partir da qual analisou os dois romances anteriores e é um raro e admirável exemplo, dentro da fortuna crítica clariceana, de crítica convicta, que insiste em confrontar e discutir o que considera problemático na ficção clariceana. Convencido da potencialidade da

escritora e também da sua necessidade de encontrar expressão mais adequada às suas pretensões, o crítico considera **A Cidade Sitiada** a prova definitiva de que Clarice Lispector se perdera no preciosismo das imagens e não conquistara ainda o pleno domínio dos processos de composição, transformando a forma em fórmula - a jóia virara bijuteria

Sérgio Buarque de Holanda, no artigo publicado no **Diário Carioca**, em 28/05/1950, intitulado *Tema e Técnica*, anteriormente comentado, analisa que os resultados obtidos pela prosa de ficção brasileira, no terreno da técnica, ainda não haviam dado todo o rendimento desejável. Cita experiências como as de Oswald de Andrade - **Memórias Sentimentais de João Miramar** e **Serafim Ponte Grande** - e a tentativa de Clarice Lispector como exemplos do empenho em dar voz articulada às mudanças que estavam ocorrendo na condição e na consciência dos homens. Comparando entre si os três romances de Clarice Lispector, o crítico avalia que **A Cidade Sitiada** se ressentia:

(...) de uma dosagem menos habilidosa, mais maciça, daqueles elementos que justamente fizeram a surpreendente novidade entre nós de sua obra inicial.

Segundo sua avaliação, os dois autores negam-se a reforçar a primazia do tema, constante em toda a história literária brasileira, e enfrentam problemas de técnica, tentando apropriar-se de uma forma mais adequada à perda da estabilidade característica dos novos tempos, o que dá às experiências de Oswald de Andrade e de Clarice Lispector o significativo valor de anunciar a reabilitação da arte do romance no Brasil.

No artigo intitulado *Romancista da Solidão*, publicado no jornal **A Manhã**, em 20/04/1952, Carlos David também apresenta restrições ao terceiro romance. Já um pouco

distante do impacto do lançamento, o crítico avalia que **A Cidade Sitiada** representa uma queda na carreira da romancista e, retomando aspectos que considera relevantes em **O Lustre**, principalmente o tema da vida interior, conclui que Clarice Lispector peca porque excede, abusa, das próprias qualidades.

Seu artigo também coloca em questão o aspecto da receptividade do público em geral, pois, conforme sua avaliação, os dois últimos romances: (...) *pertencem à família dos livros que oferecem resistência e poucos leitores poderão gabar-se não ter ensaiado duas ou mais vezes a leitura.*

Esse é um dos poucos artigos que explicita a sutil questão da falta de condições de absorção da nova obra e os problemas por ela gerados para sua significação de no sistema literário.

Já o crítico João Gaspar Simões, no ensaio *Clarice Lispector "Existencialista" ou "Supra-realista"?*, publicado no jornal **A Manhã**, 01/10/1950, classifica **A Cidade Sitiada** como romance conceitual, valorizando a tentativa da autora de criar uma supra-realidade. Na sua perspectiva, Clarice Lispector é a primeira existencialista do romance brasileiro, pois seu método, já adotado em **Perto do Coração Selvagem** - que *"através de sua heroína 'pensava' o mundo por imagens"* -, difere-se do método clássico do romance - *"composição de quadros em que a vida, as personagens, as coisas, as ações, representam como que coisas em si"*. Ao invés da descrição da realidade, o romance existencialista, tal como o faz Clarice Lispector, em **A Cidade Sitiada**, proporciona um *conceito de realidade*. O perigo de tal empreitada é que, quanto mais filosófica a mentalidade do romancista, maior o perigo de exagero na abstração.

Segundo o crítico, isso impõe uma dificuldade aos leitores, que se perdem no indispensável processo recreativo, na sua consciência, do fluxo da vida e são obrigados a um desprendimento de seus hábitos mentais. Uma literatura como a que propõe Clarice Lispector demanda sutileza e persistência suficientes para acompanhar sua leitura. O leitor precisa de sua intuição ou de sua acuidade filosófica, a fim de que possa desconfiar do que ocorre em *A Cidade Sitiada*; enredar-se na estranheza das metamorfoses que ali as coisas impõe à consciência.

Confirma a opinião do crítico português sobre a dificuldade de *A Cidade Sitiada* encontrar leitores o fato dele ser, ainda hoje, o romance menos comentado e estudado pela crítica literária. Texto sitiado, que almeja tudo transformar em corporeidade, continua exigindo do leitor, comum ou especializado, um olhar mais resistente à tentação de significar e mais aberto à aventura plástica:

*As coisas pareciam só desejar: aparecer - e nada mais. "Eu vejo" - era apenas o que se podia dizer. (...) Seu medo era o de ultrapassar o que via.*⁸⁹

Ao final da década de 40, o nome **Clarice Lispector** já não goza de prestígio suficiente para mobilizar, de maneira explícita, o interesse da crítica jornalística. A publicação do livro **Alguns Contos**, em 1953, passa *batida*. Trata-se de um livro publicado graças ao empenho de Simeão Leal, responsável pelos Cadernos de Cultura do Rio de Janeiro e é editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, com 51 páginas e reduzida tiragem, o que certamente dificultou o acesso a ele.

⁸⁹ LISPECTOR, Clarice. *A Cidade Sitiada*, pp. 87-89.

Já nesse livro, foram reunidos os contos que, oito anos depois, em 1960, serão unanimemente consagrados pela crítica no livro *Laços de Família* - "*Mistério em São Cristóvão*", "*Os Laços de Família*", "*Começos de uma Fortuna*", "*Uma Galinha*", "*O Jantar*" e "*Amor*".

Sérgio Milliet, no artigo intitulado *28 de agosto*, de 1952, considera que a escritora se mantém fiel aos processos já utilizados nos romances e que também no conto consegue criar "*pequenas jóias*": *Mistério em São Cristóvão* e *Laços de Família*. Apesar do elogio, o crítico discute o perigo das soluções utilizadas, a criação de uma falsa poesia sobre a arbitrariedade da trucagem e sobre uma técnica malandra. Ao reiterar sua opinião, avalia que a posição de Clarice Lispector é desconfortável, pois sua personalidade *açambarcadora* impossibilita-lhe a expansão nos limites do conto e do romance. Sérgio Milliet julga-a incapaz de estruturar o que tem a dizer em poucas páginas e, embora nela reconheça espontaneidade, censura-lhe a falta de adequação ao meio escolhido, sugerindo-lhe o poema em prosa:

Parece-me que nesse gênero teria sua melhor realização, se exprimiria mais completamente, sem peias. Porque na realidade, Clarice Lispector é principalmente um poeta.

Entre os críticos de 40 e 50, Sérgio Milliet é uma exceção, ele é o único crítico que acompanha a publicação dos quatro primeiros livros da escritora. Tendo em vista que é função do crítico destacar traços caracterizadores da obra, compará-los entre si e avaliar resultados, a atuação de Sérgio Milliet, nesse sentido, apresenta-se extremamente coerente. Mais do que avaliar a adequação e/ou correção de suas posições, a reverência ou a censura

ao trabalho de Clarice Lispector, interessa aprender com sua fidelidade ao exercício da crítica conseqüente, que se realiza com base em critérios nos quais realmente demonstra acreditar. Motivos bastantes para atribuir destaque às suas leituras no conjunto da fortuna crítica clariceana.

Um outro precioso ensaio sobre **Alguns Contos** será divulgado quatro anos após seu lançamento. Em 1º e 04/11/1956, Alexandre Eulálio publica, no **Estado de Minas**, *Maio em São Cristóvão*; uma leitura perspicaz na qual situa o conto *Mistério em São Cristóvão* ao lado das obras-primas de Machado de Assis.

Quando surge **O Lustre**, inteligência, sensibilidade, beleza são valores associados à escritora de sucesso e *arrolados* como garantia da literatura que nele se poderia encontrar. Sobre esse aspecto, Nádia Battella Gotlib comenta que a escritora experimentara, após a publicação do primeiro romance, um certo “*martírio do sucesso*”, tanto pelo reconhecimento crítico da obra quanto pela perspectiva de pertencer à categoria profissional de escritor⁹⁰. Sem dúvida, a jovem Clarice Lispector começava a formar uma compreensão do funcionamento do sistema e, possuidora de uma sensibilidade aflorada, já sentia os efeitos devastadores do mesmo.

Tanto em relação a **Perto do Coração Selvagem** quanto a **O Lustre**, muito se falou na manifestação de uma personalidade *rara, estranha, diferente, insólita* e outros adjetivos similares; porém, poucos críticos, de fato, problematizaram a transformação dessa

⁹⁰ GOTLIB, op. cit., p. 190.

personalidade em matéria e forma artísticas ou se propuseram a entender de que seria constituída, de modo a torná-la realmente significativa no processo criativo.

Os três títulos publicados em 1946 e 1952 não mobilizam, em proporção compatível com a expectativa criada, o meio literário da época. O favorável *clima Lispector* converte-se em uma desconfortável situação para a escritora que, em curto período de tempo, experimenta o *martírio do sucesso*, o desconforto de ter seu trabalho pouco comentado e as conseqüências daí advindas - como a dificuldade para encontrar editora interessada em publicar sua produção posterior.

Clarice Lispector, evitando não cair no uso comum dos recursos de expressão e composição, escrevia *com a ponta dos dedos*. Algo que o leitor e amigo Lúcio Cardoso bem apreendeu, conforme se observa em seu artigo intitulado *Perto do Coração Selvagem*, publicado no jornal **Diário Carioca**, em 12/03/1944:

Tenho escutado várias objeções ao livro, inclusive a de que não é um romance. Concordo em que não seja um romance no sentido exato da palavra, mas que importância tem isto? Por mim, gosto do ar mal arranjado, até mesmo displicente com que está armado. Parece-me um das qualidades do livro, este ar espontâneo e vivo, esta falta de jeito e dos segredos do 'metier', que dá a 'Perto do Coração Selvagem' uma impressão de coisa estranha e agreste. Não será muito fácil nem mesmo à própria autora do romance, repetir idêntica aventura: livros sim, não se improvisam nem se repetem. Temo que ele fique como o espelho mais nítido e mais duradouro da sua autora até mesmo nas suas quedas repentinas e nos seus lances fulgurantes, nas suas confissões e nos pequenos gritos com que a

narrativa é constantemente perturbada. Mas isso é apenas um palpite, pois acho impossível, realmente, prever o que ainda nos poderá oferecer Clarice Lispector.

(grifos meus)

Como uma espécie de feitiço, **Perto do Coração Selvagem** realmente serviria à crítica futura como uma moldura que limita e define as expectativas quanto ao tipo de trabalho apresentado por Clarice Lispector. Uma relação que, mesmo hoje, não foi rompida. Como perturbações, os quatro títulos publicados entre 1943 e 1952 produziram inequívocas marcas no solo literário brasileiro o qual passa a acolher uma escritora imprevisível, que continuou se rebelando ante diversas arbitrariedades.

Parte IV

A Reconsagração de Clarice Lispector



Mas quem sabe se é essa ânsia de boca aberta que o afogado tem antes de morrer, e então se diz que antes de mergulhar para sempre um homem vê passar a seus olhos a vida inteira; se em um instante se nasce, e se morre em um instante, um instante é bastante para a vida inteira.

Clarice Lispector. **A Maçã no Escuro.**

Quando **Laços de Família** é publicado, em 1960, pela Editora Francisco Alves, Clarice Lispector tinha uma imagem pública e sua carreira já literária estava arraigada no terreno da narrativa. Mesmo não sendo uma escritora conhecida do grande público, o nome **Clarice Lispector** freqüentemente aparecia associado à considerada alta literatura. Com a publicação de quatro títulos entre 1943 e 1952 (uma média relativa de 2,25 anos de diferença entre cada lançamento), a escritora demonstra qual era o padrão de suas aspirações artísticas.

Apesar disso, as circunstâncias que antecedem o lançamento de **Laços de Família** indicam existir dificuldade de aceitação da produção clariceana por parte das editoras. Sua situação naquele momento era bastante constrangedora, pois, à medida que não consegue editora interessada, ocorre um desgaste de seu prestígio; ainda mais, considerando-se que, normalmente, o contrato para publicação de novo título de um escritor profissional passa por canais diferentes dos da estréia. Embora Clarice Lispector não pudesse ser considerada

popular, ou popularizada, seu trabalho já contava com leitores fiéis, os quais poderiam incorporar o anseio por um novo livro seu.

Como estava vivendo fora do país, seus amigos desempenham o papel de mediar contatos com as editoras, a fim de providenciar as edições de **Laços de Família** e **A Maçã no Escuro**. Em 1956, Fernando Sabino tenta mediar contrato com a Civilização Brasileira e Otto Lara Rezende com a José Olympio. Por volta de 1959, o primeiro faz contato com a Globo Editora que aceita publicá-los, com prioridade para o livro de contos, mas Simeão Leal - que fora responsável pela publicação de **Alguns Contos**, em 1952 - se recusa a liberar os originais entregues a ele em 1955.

Porém, as condições de publicação tornam-se de tal modo desfavoráveis que a escritora propõe pagar os custos a alguma oficina, solicitando aos amigos que suspendam os contatos com editoras.

Enquanto isso, a Agir chega a responder carta sua confirmando o interesse em publicar o livro de contos. Mas, somente depois de desgastantes idas e vindas, ditos e desditos, é que **Laços de Família** e **A Maçã no Escuro** são publicados pela editora paulista Francisco Alves, respectivamente em 1960 e 1961:

Depois de um longo tempo, Clarice Lispector (O Lustre) volta a publicar livros; e volta cercada de grande expectativa em face do movimento que se formou nos meios literários de um protesto generalizado pela recusa de seu livro Maçã no Escuro, por parte de uma das nossas grandes editoras. Como se recorda, não foi a simples recusa que desencadeou o movimento: afinal de contas, qualquer editora pode recusar os originais que quiser. Foi a devolução dos originais, especialmente

*solicitados para uma edição, quatro anos antes. Resultado: de uma escritora de obra conhecida quase que por um pequeno grupo, Clarice Lispector passou à condição de autora conhecida em todo o País, em face daquela onda.*⁹¹

Em meio a esses dissabores, Clarice Lispector encontra oportunidade de divulgação de seus contos em dois veículos de grande circulação - o jornal **O Estado de São Paulo** e a revista **Senhor**. Com o primeiro, o contrato é rompido, em função de um equívoco⁹², logo após a publicação do primeiro conto. Já com a revista, a escritora manterá vínculo dos mais fecundos. Seus contos e seu nome passam a ter uma visibilidade mais definida, à medida que é ampliado o circuito de divulgação.⁹³

Segundo avaliação da própria escritora: *“Na revista **Senhor**, por exemplo. Todo mês publicavam uma coisa minha. Em termos de popularização talvez tenha sido muito importante”*⁹⁴. Tal prática, conforme se verificaria pouco mais tarde, revela-se bastante fecunda tanto pelo aspecto pedagógico quanto publicitário. A revista funciona, então, como instrumento de formação de leitores e conquista de consumidores. Cientes dessa nova disposição, a Francisco Alves avalia que a escritora estava *madura* para o grande público⁹⁵ e decide nela investir.

⁹¹ MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. **Jornal do Brasil**, 27/03/1960.

⁹² O **Estado de São Paulo** rompe acordo de colaboração porque um jornal carioca também publicou um conto da escritora. Ela defende-se declarando não ter autorizado a publicação. Cf. GOTLIB, **Clarice. Uma vida que se conta**, p. 310.

⁹³ A revista tinha uma tiragem, em 1959, de aproximadamente 25 mil exemplares. Cf. *Ibidem*, p.310.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 310.

⁹⁵ MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. **Jornal do Brasil**, 27/03/1960.

É inegável que as publicações de *Laços de Família* e *A Maçã no Escuro* resultam da persistência da escritora e da fidelidade de seus amigos, nas várias tentativas empreendidas no decorrer de quase cinco anos batendo à porta das editoras. Isso revela também a existência de uma incompatibilidade entre certos valores literários e o que podemos chamar de políticas de incentivo ao consumo. O projeto literário de Clarice Lispector não se enquadra no perfil de produto requisitado pelo mercado. Conforme informa Nádia B. Gotlib:

Paulo Francis foi o que dela esteve mais próximo nesse período. Num depoimento que concedeu à imprensa logo após a morte de Clarice, o jornalista lembra que, em 1959, ela não tinha editor no Brasil: “Tinha fama, sim, mas entre intelectuais e escritores. Os editores a evitavam, como a praga”, o que se devia, segundo Paulo Francis, ao caráter “moderno” de sua literatura, que não seguia o “realismo socialista” e representava a realidade “em relances, indireta e indutivamente.”⁹⁶ (grifos meus)

Tal depoimento, concedido por Paulo Francis à imprensa logo após a morte da escritora, em 1977, reafirma que a produção clariceana não cede aos ditames do mercado. Mesmo que na prática a autonomia do artista não encontre condições de efetivação, o fato de Clarice Lispector recusar as regras predominantemente comerciais - maciçamente

⁹⁶ GOTLIB, op. cit., p. 310.

promovidas pela sociedade de consumo - alarga ainda mais a abrangência de suas pretensões.

Com o êxito de **Laços de Família**, a crítica volta sua atenção para a produção anterior da escritora e passa a acompanhar o lançamento dos próximos títulos. A situação da escritora em 1960 é bem diferente do desconforto experimentado no ano anterior.

A conquista do *Prêmio Carmem Dolores Barbosa* pelo romance **A Maçã no Escuro** (1961) e a segunda edição - popular e comemorativa dos vinte anos de estréia literária - de **Perto do Coração Selvagem**, em 1963, colaboram para a divulgação do nome **Clarice Lispector**. Esse sucesso marca o início de uma outra fase de sua recepção. Entre os estudos publicados sobre **Laços de Família**, logo após seu lançamento, está o de Assis Brasil, dedicado a explicitar o significado inovador da produção clariceana.

Assis Brasil publica, no Suplemento Dominical do **Jornal do Brasil**, de 24/09/1960, o ensaio *Laços de Família*. O estudo apresenta uma breve trajetória da escritora, destacando-lhe a irreverência no trabalho de busca pelo domínio da língua, e traz exemplos de alguns dos contos de **Laços de Família**. Simultaneamente, o crítico pretende comprovar o alto nível literário da autora e explicitar os aspectos que fazem dela uma criadora excepcional:

Clarice Lispector tem um estilo acentuadamente característico. Sua incursão noutra tom narrativo apenas serve para comprovar o seu domínio absoluto da língua e seu amadurecimento expressional. Retratando um mundo subjetivo, em que a ação interior é mais importante do que o simples episódio externo, mesmo

quando Clarice Lispector pega um tema no ar, como é o caso da galinha que deveria morrer domingo, ou o outro de A Menor Mulher do Mundo, em que se pressupõe uma notícia de jornal, ela consegue envolver o simples assunto objetivo com uma capa de expressões poéticas, envolvendo também os personagens e criando um ambiente ficcional.

Segundo Assis Brasil, já no primeiro livro, o ponto-de-vista, formulado a partir das personagens, visa dar autonomia de ação a elas. E isso é um diferencial em se tratando de quebra da rotinização narrativa, visto que na narrativa clariceana interessam o *novelo ficcional* e o processo pelo qual os temas são enriquecidos e a atitude de valorizar, na criação, as sensações e as emoções .

Com **Laços de Família**, Clarice Lispector deixa ainda mais evidente sua capacidade de tecer e destecer laços, seu talento para transformar o perigo de viver - "*as pessoas da rua eram periclitantes*"⁹⁷ e "*Porque a vida era periclitante*"⁹⁸ - em força criativa e sua extrema coragem de tocar, com a ponta dos dedos, "*a raiz firme das coisas*"⁹⁹.

Mas é com **A Paixão Segundo G.H.** que a crítica se surpreende ainda mais. Este é o primeiro romance em que a autora se dirige aos possíveis leitores:

Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente - atravessando inclusive o

⁹⁷ LISPECTOR, *Amor*. In: **Laços de Família**, p. 22.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 26

⁹⁹ *Ibidem*, p. 18

*oposto daquilo de que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria*¹⁰⁰.

Com os contos de **Laços de Família**, Clarice Lispector oferece aos leitores a possibilidade de romper os fios tecidos durante anos - de aprisionamento¹⁰¹, de náusea¹⁰², de silenciamento¹⁰³. Com **A Paixão Segundo G.H.**, a autora faz o estado de náusea atingir o máximo desenvolvimento, em um desafio de linguagem, escritura e leitura. O primeiro romance escrito em primeira pessoa do singular vem estabelecer um outro marco na trajetória literária da escritora e encontra em Benedito Nunes um intérprete à altura.

Como um istmo, a crítica de Benedito Nunes lança uma ponte segura para a compreensão da íntima relação entre o projeto literário de Clarice Lispector e a filosofia da existência¹⁰⁴. No ensaio *A Náusea em Clarice Lispector*, publicado em 24/07/1965, no Suplemento Literário do Jornal **O Estado de São Paulo**¹⁰⁵, Benedito Nunes parte de certos princípios dos existencialismos kierkegaardiano, sartriano e heideggeriano para chegar a um dos principais fundamentos de **Laços de Família**, **A Maçã no Escuro** e **A Paixão**

¹⁰⁰ LISPECTOR, *A possíveis leitores*. In: **A Paixão Segundo G.H.**, p. 13.

¹⁰¹ Como a mocinha de dezenove anos do conto *Mistério em São Cristóvão*. Tão jovem e já imobilizada, insatisfeita e dependente da função a ela destinada pela família burguesa.

¹⁰² A exemplo de Ana, personagem do conto *Amor*, que, por caminhos tortos, alcança a consciência da própria condição.

¹⁰³ Como a personagem Laura e seu irreversível estado de desabrochada serenidade, *A Imitação da Rosa*.

¹⁰⁴ Termo aqui utilizado para indicar que o tema central é a existência.

¹⁰⁵ O mesmo texto é publicado também no **Jornal do Brasil**, em 22 e 23/08/1965.

Segundo G.H. - a radicalização da náusea como via de acesso à realidade pura, como estado que ameaça destituir a ordem das coisas.

Da doutrina de Sören Kierkegaard¹⁰⁶, Benedito Nunes aproveita seu pensamento sobre o caráter pré-reflexivo, individual e dramático da existência humana; da doutrina de Jean-Paul Sartre¹⁰⁷, destaca sua afirmação de que a existência é sem sentido, pois o homem sofre a ameaça das contingências, do nada; da doutrina de Martin Heidegger¹⁰⁸, retém sua reflexão sobre a angústia como sentimento específico, que oferece uma compreensão preliminar do Ser.

Isso posto, o crítico explica que a náusea resulta da mudança qualitativa da angústia e é uma forma emocional violenta, que arrebatava o corpo e se manifesta por uma reação orgânica definida. Segundo Benedito Nunes, justamente porque a náusea revela o Absurdo, é preciso criar o sentido que a existência não possui. E o sentido, sustentado por atos, consegue impor-se apesar da náusea e contra o absurdo.

Uma necessidade convertida em experiência, e que Clarice Lispector assim traduz:

¹⁰⁶ Para Kierkegaard, a existência é possibilidade. E possibilidade é algo que não é e nem está previsto. A existência, como possibilidade pura, implica riscos, e riscos geram angústia do existir. Tudo depende da liberdade, das opções e seus riscos. O indivíduo, no seu relacionamento com o Absoluto, nada encontra de firme e, assim, a existência é, também, algo inseguro. Cf.: LARA, Tiago Adão. **Caminhos da Razão no Ocidente. A filosofia ocidental do Renascimento aos nossos dias.** 4ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1991, pp. 109 - 114.

¹⁰⁷ Há uma diferença fundamental entre Sartre e Kierkegaard. No primeiro, a transcendência é negada; no segundo, ela é afirmada. Ambos negam a possibilidade de amarrar a existência a algo sólido. A existência é afirmada, como precariedade absoluta e radical. Cf.: Ibidem, pp. 109- 114.

¹⁰⁸ Heidegger segue de perto a Sartre, ao definir o homem como um ser jogado no mundo e caminhando para a morte. Cf.: Ibidem, pp. 109 - 114.

A deseroização é o grande fracasso de uma vida. Nem todos chegam a fracassar porque é tão trabalhoso, é preciso antes subir penosamente até enfim atingir a altura de poder cair - só posso alcançar a despersonalidade da mudez se eu antes tiver construído toda uma voz. Minhas civilizações eram necessárias para que eu subisse a ponto de ter de onde descer. É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível linguagem. Só então minha natureza é aceita, aceita com o seu suplício espantado, onde a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo. ¹⁰⁹

Mesmo sofrendo pressões da chamada indústria cultural, a crítica jornalística na década de 60, de modo geral, consegue construir uma identidade bem definida e opor resistência a uma certa tendência para o desvirtuamento do caráter informativo e formativo do jornal. Desvirtuamento que se constitui um problema porque resulta na banalização da informação e no desprestígio do leitor, o qual tende a ser considerado mero espectador,

Tendo em vista que não são poucas as distorções geradas por esse processo, a crítica de 60, como estratégia de auto-preservação, desempenha uma função profilática, à medida que conquista novos métodos de análise e aperfeiçoa os já utilizados. Nela, são aplicados conceitos críticos, visões de mundo e de literatura - como também acontecia na crítica de 40. Isso permite afirmar que a crítica de 60 não parte do nada. Ao renovar sua

¹⁰⁹ LISPECTOR, A Paixão Segundo G. H., p. 179.

roupagem, ela revigora seu estatuto de instrumento social e culturalmente valioso e continua o movimento empreendido pela geração anterior, tentando manter-se fiel à intenção de dinamizar a vida literária e atribuir-lhe significação no contexto da cultura brasileira.

A crítica jornalística apresenta-se, nessa época, prioritariamente, sob forma de ensaio. Muitos deles são partes de pesquisas realizadas por professores universitários que colaboram nos suplementos literários. Essa característica não indica simplesmente que ocorreu um deslocamento das salas de aula para as páginas do jornal, mas, sim, existência de uma atitude em prol da ampliação da reflexão crítica, de modo a legitimar um outro canal de produção, transmissão e circulação de conhecimento e informação. Esta aproximação entre universidade e crítica jornalística demarca mais um período fértil em sua história.

Nesse sentido, a crítica jornalística de 60 exerce um papel vitalizador para a leitura da produção de Clarice Lispector¹¹⁰. Inscrevendo-se em um campo singular, preocupa-se com a investigação de aspectos particulares da obra e consegue abrir, significativamente, o

¹¹⁰ Até o final da década de 60, começam a ser publicados os primeiros livros dedicados especificamente ao estudo da produção clariceana; por exemplo: NUNES, Benedito. **O Mundo de Clarice Lispector**. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966; e, BRASIL, Assis. **Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1969. Parte dos resultados destes estudos foram sendo publicados em jornais antes de serem reunidos em livro. Benedito Nunes publicou em **O Estado de São Paulo**, "*A Náusea em Clarice Lispector*", 24/07/1965; "*A Paixão Segundo G.H.*", 04/09/1965; "*O Jogo da Linguagem I*", 20/11/1965; "*O Jogo da Linguagem II*", 27/11/1965. Francisco Assis Brasil publicou no **Jornal do Brasil**, "*O Mundo Subjetivo de Clarice Lispector 1*", 29/10/1960; "*O Mundo Subjetivo de Clarice Lispector 2*", 12/11/1960; "*O Mundo Subjetivo de Clarice Lispector 3*", 19/11/1960; "*O Mundo Subjetivo de Clarice Lispector 4*", 26/11/1960; "*O Mundo Subjetivo de Clarice Lispector 5*", 03/12/1960; "*O Mundo Subjetivo de Clarice Lispector 6*", 10/12/1960.

leque de interpretações da mesma. Em sua maioria absoluta, os responsáveis pela crítica jornalística deste período, ou são especialistas ligados à universidade, professores e pesquisadores, ou escritores; entre outros: Francisco Assis Brasil, Benedito Nunes, Affonso Romano de Sant' Anna, Marly de Oliveira, Elias José, Eduardo Portella, Bella Josef, Terezinha Alves Pereira, Haroldo Bruno, Laís Corrêa de Araújo, Walmir Ayala, Reynaldo Bairão, José Geraldo Nogueira Moutinho, Léo Gilson Ribeiro, Diva Vasconcelos Rocha e Adonias Filho.

Parte V

O Mistério Clarice Lispector

Vista em conjunto, a crítica jornalística de 70, embora mantenha as formas mais freqüentemente usadas durante a década de 60, o ensaio e a resenha, revela-se enfraquecida diante daquilo a que deveria resistir.

A preocupação com o estabelecimento e a manutenção de parâmetros científicos de abordagem literária já não basta para evitar que sofra influência, em dimensão maior do que desejável, de objetivos outros que não os da produção, transmissão e circulação de conhecimento e do crescente apelo para certa *santificação* de Clarice Lispector¹¹¹ em detrimento de alguma contribuição para a leitura da obra de Clarice Lispector e para a compreensão de sua complexa personalidade artística.

Essas nuances manifestam-se particularmente em três situações específicas.

A primeira caracteriza-se pela celeuma criada com a publicação de *A Via Crucis do Corpo*; a segunda revela-se na atitude ponderada da crítica diante do tom novo, exterior e explícito de *A Hora da Estrela*; e a terceira mostra-se no processo de mitificação de Clarice Lispector que, apesar de existir desde a sua estréia, toma direção sacralizante depois de seu falecimento.

¹¹¹ No artigo intitulado *Clarice em busca da obra total*, publicado em 11/10/1969, o comentarista do jornal *O Globo*, José Batista, coloca a relação dos leitores em geral com Clarice Lispector em termos de religião: "Uma das escritoras mais 'difíceis' da literatura brasileira, Clarice Lispector, é também uma das mais admiradas tanto pela crítica como pelo público. (...). Segundo relato do crítico, os que amam religiosamente escritora e livros sofreram um pequeno trauma com o surgimento de *A Paixão Segundo G.H.*"

A Via Crucis do Corpo

E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar, já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despessoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela.

Clarice Lispector. **A Paixão Segundo G.H.**

A artista descobre que este é um mundo cão. Que tem histórias pungentes de pessoas esmagadas pela solidão, carcomidas pelos vícios, que vivem uma vida faustosa para esconder sua alma em chagas. A artista viu, pela primeira vez em branco e preto, o pobre animal humano refocilando no lixo de suas próprias criações, incapazes de vencer os seus impulsos mesquinhos, e por isso mesmo amesquinhando a figura divina que Deus arrancou do barro.

Torrieri Guimarães. **Folha de São Paulo**, agosto de 1974.

Em 1974, quando o livro de contos **A Via Crucis do Corpo** é publicado, vigorava, no cenário nacional, intensa crise política. Crise violentamente instalada em 1964 e que, desde então, influía sobremaneira em todas as áreas e tornava desejáveis, sob a perspectiva

da garantia das liberdades, reações contrárias a quaisquer atos de cerceamento ou vigilância. É um longo período em que o dito e o silenciado, no plano geral do comportamento, do pensamento e da criação, adquirem abrangência e conseqüências tais a ponto de fazerem emergir planos ideológicos conflitantes¹¹².

Sendo essa a tônica geral do período, a aplicação de diferentes e divergentes parâmetros de julgamento de *A Via Crucis do Corpo* pode ser observada com o intuito de verificar a possível negação ou absorção dos impasses ideológicos constituidores do cenário cultural daquele momento pela crítica jornalística.

Os textos *Lixo, sim*, de Bruna Becherucci, publicado na Revista Veja, em 31/07/1974, e *A Via Crucis de Clarice*, de Emanuel de Moraes, publicado no Jornal do Brasil, em 17/08/1974, possibilitam tal verificação. Ocorre que, quando os críticos denominam *A Via Crucis do Corpo* como “lixo”, em tom de revolta moral, e acusam Clarice Lispector de desprezar o literário, indiferentes à sua autonomia na escolha de temas e na experimentação de novos tratamentos para os mesmos, estão, também, sob a égide do julgamento estético, acionando um mecanismo de controle e repressão.

A primeira, apesar de declarar que sua censura não está pautada em um propósito moralizante, não consegue fugir a ele e, adotando uma atitude castradora e discriminatória, defende um questionável *bom gosto*:

¹¹² Conforme análise de Carlos Guilherme Mota, a edição do Ato Institucional 5, em 13/12/1968, promoveu sensíveis modificações em várias frentes de produção cultural. Nesse sentido, a censura e a autocensura, ambas atitudes situadas na base dos impasses em que se encontrava o processo cultural no Brasil, são componentes do quadro geral da radicalização política e cultural e nele exerceram papel decisivo. Cf. *A Época de Revisões Radicais e Aberturas Teóricas (1965-1969)* e *Impasses da Dependência Cultural (1969-1974)*. In: *Ideologia da Cultura Brasileira 1933 - 1974*. 8ª edição. São Paulo: Ática, pp. 203 a 257 e pp. 258 a 282.

Tudo pode ser útil, desde que represente enriquecimento para a experiência humana. Quando o leitor, porém, esbarra numa série de imagens de aberrante sexualidade e de misérias psicológicas, não se sente ferido no pudor e sim no bom gosto.

Histórias como a da virgem vitoriana violentada por um habitante de Saturno, como as duas mulheres que amam o mesmo homem, ou como a da octogenária perseguida pelo desejo físico, nem chegam, como talvez pretendam, à proposição surrealista e mágica, sempre aceitável, de humor negro, ficam, é preciso dizê-lo, entre os restos e os detritos destinados ao higiênico e doméstico saco de plástico, como algo que não serve. Uma única vez a escritora lembrou-se de ser Clarice Lispector: quando, em 'Por enquanto' e 'Dia após Dia', falou de si mesma, do dia das mães, dos filhos e de suas emoções pessoais.

Entre os treze contos, os dois dignos de serem "salvos do lixo" - *Por enquanto* e *Dia após Dia* - são aqueles em que autora, narradora e personagem se fundem em uma identidade de Clarice Lispector aprioristicamente desejada pela comentarista - culpada, evasiva, solitária, confessional e atormentada por uma "neurose de guerra"¹¹³. Certamente, para Bruna Becherucci, seriam essas as únicas características merecedoras de avaliação positiva. O que significa: Clarice Lispector só faz literatura de bom gosto quando fala de si mesma; aquilo que fugir a este padrão deve ir para o saco plástico da cozinha, é lixo.

¹¹³ LISPECTOR, Clarice. *Dia após Dia*. In: *A Via Crucis do Corpo*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 70.

Emanuel de Moraes estabelece como parâmetro de julgamento uma noção de conto que não explica qual é e, descartando a sensata sugestão de Mário de Andrade de que conto é o que o autor chama conto e desvalorizando sua defesa da autonomia e da liberdade experimental do criador, classifica os contos de *A Via Crucis do Corpo* como anedotas. O crítico, perturbado com a ousadia da escritora em buscar realidades outras, manifesta sua indignação na forma de condenação: “*é dos livros que não deveriam ter sido escritos*”, “*lixo literário*”, “*entulho*”, “*fracasso*”; e, à autora acusa ter tido “*desprezo por si mesma como escritora*”. Segundo ele:

A tangenciação do obsceno, a obsessão das virgens desejosas da libertinagem, o cotidiano sexual dos caracteres burgueses são de uma pungente ingenuidade. Nem a anedota intitulada Via Crucis chega a ser um sacrilégio; o que não importaria, se fosse, houvesse o escrito alcançado o nível do conto.

Desconsiderando que são aspectos comuns aos homens a sexualidade, a miséria psicológica, os restos e os detritos, e, principalmente, insensíveis à mudança de itinerário na trajetória literária da escritora, preparada em *A Paixão Segundo G.H.* (1964), renunciada em *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* (1969) e anunciada em *Água Viva* (1973) e *Onde Estivestes de Noite* (1974), Bruna Becherucci e Emanuel de Moraes defendem a hierarquia dos temas na qual a corporeidade das sensações é preterida à sua abstração.

Aos olhares vigilantes, ideologicamente comprometidos com a estabilidade e manutenção de um *status quo*, a transgressão de Clarice Lispector parece mais uma ofensa

do que um deslize. Como se ela tivesse *traído* a si mesma e ao bom gosto na escolha e tratamento dos temas.

Nessa perspectiva, a qualidade literária de Clarice Lispector deveria manter-se cristalizada no enfoque de figuras inseridas de determinada maneira no mundo da cultura e nas situações particulares a elas. As realidades dos excluídos desse mundo, resultantes, inclusive, de desigualdades nas condições de vida entre os homens, seriam descartadas do universo literário, da grande literatura, e, como tal, indignas de tratamento estético.

Pergunta-se, pois, às críticas de Bruna Becherucci e Emanuel de Moraes, se acaso os conflitos entre desejo e pecado, impulso e impotência, racionalidade castradora e impulso libertário, vividos pelas personagens Ruth Algrave, Carmem, Beatriz, Xavier e D. Cândida Raposo - jocosamente referidas por Bruna Becherucci - não possibilitariam *enriquecimento para a experiência humana*; não estariam todos sujeitos, tal qual Ruth Algrave, a julgamento; como Carmem e Beatriz, não poderiam também conhecer o amor triste ou, como D. Cândida Raposo, sentir e pressentir, no desejo de prazer, uma condição de possibilidade do viver pleno?

Em vertente oposta à desses críticos, inscrevem-se as interpretações de Sônia Coutinho e Hélio Pólvora. Ambos analisam *A Via Crucis do Corpo* sob o ponto de vista da trajetória literária de Clarice Lispector; concordam que também neste livro aparecem alguns temas recorrentes na narrativa clariceana - a solidão, a velhice, a morte, a incomunicabilidade -; e ressaltam a capacidade da escritora para desfazer laços, abandonar consensos e afrontar padrões convencionais.

No artigo intitulado *A Vida do Corpo*, publicado no Jornal O Globo, em 28/07/1974, Sônia Coutinho faz uma incursão pelos livros de contos e romances de Clarice Lispector, indicando a centralização do interesse na “*vida do espírito*” ocorrida nos mesmos. Segundo sua interpretação, já com *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, Clarice Lispector abria nova fase na qual o romance se deixa penetrar pelo cotidiano e as personagens não são simbólicas nem inteiramente abstratas, pois reivindicam o direito de existir por si mesmas, sendo esse o veio que aproxima aquele romance de *A Via Crucis do Corpo*.

Hélio Pólvora, no artigo *Da Arte de Mexer no Lixo*, publicado pelo Jornal do Brasil, em 13/08/1974, faz inequívoca defesa de Clarice Lispector. O título de seu artigo já é uma resposta bastante contundente ao artigo de Bruna Becherucci, *Lixo sim*. Para ele, a escritora tornara-se mais direta, explícita e agressiva desde *Água Viva* e *Onde Estivestes de Noite*, já aí esboçando um novo tratamento das questões.

Na avaliação de Hélio Pólvora, a renovação promovida em *A Via Crucis do Corpo* significa um desapego de formas abstratas, do “*mistério fechado da personalidade*”, para explorar a nudez e a crueza do mundo, mesmo que, com esse movimento, venha à tona também o lixo.

As críticas citadas, embora inseridas em um mesmo contexto histórico, representam duas concepções distintas de função da literatura e de crítica. Os críticos do primeiro grupo - *Lixo, sim*. e *A via crucis de Clarice* - preferem as noções de fidelidade e obediência às de autonomia e liberdade criadora. No trabalho de recepção de um novo livro, esse tipo de postura dificilmente produz efeitos positivos, no sentido de colaborar com a formação

reflexiva ou promovê-la, principalmente porque não abre perspectivas de compreensão do novo. É uma crítica que, predisposta a vigiar o cumprimento ou não pelo escritor daquilo que se espera dele e a defender a permanência de procedimentos hierarquizantes e/ou classificatórios, não se sensibiliza com os apelos de seu tempo, mas se enrijece em uma imobilidade injustificável - sob o ponto de vista do necessário dinamismo da crítica face às novidades.

Acredita-se que os problemas apontados por esses críticos - como o da distinção de gêneros, àquela altura, superado pela tradição literária brasileira, e o do aproveitamento de temas rejeitados ou desprezados pela tirania das tradições firmadas no gosto excludente da cultura burguesa - criam oportunidades para a condenação de tudo quanto esteja associado à subversão da ordem, em todas as esferas¹¹⁴.

Já os críticos do segundo grupo - *A vida do corpo* e *Da arte de mexer no lixo* - procuraram dialogar com os textos, estabelecendo pontes entre *A Via Crucis do Corpo* e a trajetória anterior da escritora. Aceitando que é função da crítica apontar caminhos pelos quais possa ocorrer a inserção do universo literário no tempo histórico, Sônia Coutinho e Hélio Pólvora adotam uma postura dialética na qual o cotidiano político, no sentido amplo do termo, e suas contradições são considerados como fatores relevantes para uma

¹¹⁴ Cf. o ensaio de Vilma Arêas "*Ave, Clarice ou o Ovário do Poema*". A autora desenvolve singular análise de *A Via Crucis do Corpo*, enfocando o projeto de desmantelamento - deseroização que toma a cor da desmistificação do discurso ideológico - aí promovido por Clarice Lispector. É um ensaio fundamental também porque problematiza os possíveis motivos pelos quais o livro não foi bem recebido pela crítica, denunciando-lhe a insuficiência das justificativas e sua dificuldade (impossibilidade? incapacidade?) para assumir o que foi colocado de cabeça para baixo por Clarice Lispector - "*um pensamento circular em busca de uma essência de homem*" (p. 47) -, sua luta "*contra a tirania dos discursos privilegiados*" (p.48) e o novo discurso que veio "*contestar o que tão artificialmente as estruturas construíram*" (p. 48). In: José, n° 10, 1974, pp. 46 - 50, i.h.i.

percepção mais abrangente do universo literário e do significado do novo que nele se apresenta¹¹⁵.

Tendo em vista que tanto o discurso crítico quanto o literário são constituídos de várias camadas significativas, há que se compreender a polêmica causada pela publicação de **A Via Crucis do Corpo** como um exemplo da dificuldade de parte da crítica jornalística em lidar com a complexa personalidade literária de Clarice Lispector, sua capacidade de inovação, de refletir sobre a função da literatura e contestá-la:

- *Você jura que a literatura não importa?*

- *Juro, respondi com a segurança que vem de íntima veracidade. E acrescentei: qualquer gato, qualquer cachorro vale mais do que a literatura.*¹¹⁶ (grifos meus)

Em um contexto de dificuldades profundas e variadas, a retaliação a esses princípios e os julgamentos sobre função, pertinência e significação de produtos culturais, como **A Via Crucis do Corpo**, revelam um apelo circunstancial bastante imperativo. As diferentes reações à publicação de **A Via Crucis do Corpo** indicam que também a crítica jornalística incorporou, a seu modo, alguns dos efeitos da castração reflexiva particular àquele contexto, e que posturas vigilantes, moralistas, promovem tanto a inibição do ato de refletir

¹¹⁵ Posição também defendida por Torrieri Guimarães, que, em agosto de 1974, **Folha de São Paulo** (Seção *Livros*), publica "*Bilhete a Clarice Lispector*", uma espécie de desagravo em que combate as acusações lançadas à escritora: "*A VIA CRUCIS DO CORPO* (Editora ARTENOVA) que Clarice Lispector apresenta como um desafio que ela precisava aceitar e vencer, constitui um momento especial na sua vitoriosa carreira. Aquele em que ela não recria mais o mundo que a cerca porém apenas o retrata, com suas cores fortes e cruas, pedindo escusas por fazê-lo, mas intimamente regozitando-se por sentir-se capaz de fazê-lo tão bem." (grifos meus)

¹¹⁶ LISPECTOR, op. cit., p. 53.

quanto a acomodação da crítica ao senso comum. A reprovação ao aproveitamento do lixo humano e ao modo como Clarice Lispector o trabalhou, nos moldes como foram colocadas, alinham-se a mecanismos de repressão das transgressões e dos exercícios de liberdade expressiva e artística.

Análogo às etapas da trajetória de Jesus em direção ao calvário, cada conto privilegia aspectos cotidianos de um mundo outro e sua corporeidade afrontadora (*aberrante*). Enquanto nos quadros da via-sacra o cristão se com-padece com as dores humanas do Deus Filho e recorda-se do sentido religioso da penitência, revivendo-o inclusive na expectativa de dissolução dos seus conflitos, nas cenas de *A Via Crucis do Corpo*, que também como as outras indicam a inserção humana na sua história, o leitor se descobre convocado a refletir a sua condição de interditado, censurado, aprisionado e a contestá-la, nas formas mais variadas - inclusive, transgredindo as convenções de uma língua¹¹⁷.

Os contos *Miss Algrave*, *O Corpo* e *Ruído de Passo*, respectivamente citados pela crítica castradora, certamente nada têm de *aceitável humor negro* e tampouco podem ser considerados "*elucubrações em torno do umbigo*"¹¹⁸ - conforme a produção de Clarice Lispector estava sendo classificada por alguns que a julgavam alienada e reacionária. Antes, cada conto de *A Via Crucis do Corpo* tangencia questões comuns aos homens, produz

¹¹⁷ LISPECTOR, op. cit., pp. 87 - 92.

¹¹⁸ "Clarice, arte da solidão e do mistério." Entrevista. *Jornal do Comércio*, 09/09/1973. Texto de Bruno Paraiso.

efeitos e contribui para o enriquecimento das experiências humanas, não de maneira alardeante, como estouro de boiada, mas na sutileza das entrelinhas.

Certamente, continua sendo questionável, naquele ou em qualquer outro contexto, pregar a pura transformação do fazer literário em arma contra o estado de opressão, as injustiças sociais, as mazelas humanas etc.. Como também continua sendo imprescindível reconhecer na literatura a potência de outros devires nos quais grades externas e internas sejam desconstruídas. Por isso, frente à imposição do silêncio, ao cerceamento das liberdades, ao controle do uso da palavra vivificante, o som de vozes discordantes, como as que se fazem ouvir em *A Via Crucis do Corpo* e em *"Da Arte de Mexer no Lixo"* e *"A Vida do Corpo"*, é uma resposta oposicionista ao cerco ou a qualquer valor absoluto, uma forma de engajamento diferente daquela explicitada na recusa de coca-cola. Diferente e legítima, também ¹¹⁹.

¹¹⁹ Sobre este aspecto confira comentário de Clarice Lispector a respeito da cobrança a ela feita de uma literatura participante ou engajada: *"Eu admito a literatura claramente participante. Se não faço isso é porque não é do meu temperamento. A gente só pode fazer bem as coisas que sente realmente. Os meus livros não se preocupam com os fatos em si, mas com a repercussão deles nos indivíduos. Isso tem muita importância para mim. É o que faço. Acho que sob esse ponto de vista, eu também faço livros comprometidos com o homem e a realidade do homem, porque realidade não é fenômeno puramente externo."* (grifos meus). In: *"Clarice, arte da solidão e do mistério."* Entrevista. Jornal do Comércio, 09/09/1973. Texto de Bruno Paraíso. E também o comentário do colunista Paulo César Coutinho, sobre a atuação de Clarice Lispector como cronista no Jornal do Brasil, de 1967 a 1973, e as controvertidas acusações feitas a ela: *"Clarice inicia sua atividade de cronista num período de convulsões políticas internacionais. No Brasil, explode o movimento estudantil. Nesse contexto, Clarice tem a ousadia de discorrer num veículo de massas, sobre questões existenciais humanas. A autora é então taxada de 'subjativista'. Os jovens revolucionários alegam passar ao largo de sua coluna. No dia 06/04/1968, Clarice acrescenta célebre P.S. à sua crônica: 'Estou solidária, de corpo e alma, com a tragédia dos estudantes do Brasil.' A frase atravessa o meio universitário como um rastro de pólvora. Mais do que alegria pelo gesto solidário, essa intensa repercussão revela uma verdade oculta, que passa a ser reconhecida: todos liam Clarice Lispector."* In: *"A 'alma vendida' de Lispector"*, O Globo, 08/03/1992.

A Hora da Estrela

Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.

Clarice Lispector. **A Hora da Estrela.**

'A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos' afirma Rodrigo S. M., o narrador hipotético. Não será esse vazio o supremo significado de toda a criação de Clarice Lispector, esse magnífico e áspero movimento de linguagem que como o panejamento num mármore clássico constitui sua forma e seu conteúdo?

Benício Medeiros. *"Solitária Solidária"*. Seção Livros.

Jornal do Brasil, 26/11/1977.

Antes do lançamento de **A Hora da Estrela**, são publicadas matérias anunciando para breve sua disponibilidade no mercado. Uma delas, intitulada *"Trechos do novo livro de ficção de Clarice Lispector"*, é publicada no jornal **Última Hora**, em 16/01/1977, pelo menos seis meses antes do livro aparecer nas livrarias, trazendo fragmentos da novela e a seguinte informação: *"Clarice Lispector. Com exclusividade, a grande escritora cedeu a UH/Cultura alguns trechos de sua última novela que será brevemente lançada nas livrarias brasileiras."*

Uma outra matéria, "*Clarice Lispector, mais um livro e a mesma solidão.*", publicada em 25/08/1977¹²⁰, traz uma entrevista concedida pela escritora à reportagem de O Globo e apresenta, entre outros assuntos, breves comentários seus sobre *A Hora da Estrela*, *O Lustre*, *A Maçã no Escuro*, *A Via Crucis do Corpo*, *Visão do Esplendor*, *Água Viva*, *A Paixão Segundo G.H.*, o trabalho de tradução e a remuneração dele, a gradativa diminuição da extensão dos livros, os motivos por que escreve, a adjetivação literatura mística. A respeito de *A Hora da Estrela*, a entrevistada declara:

Nada posso informar sobre o conteúdo de 'A Hora da Estrela'. Posso lhe dizer que é uma novela de cerca de cem páginas e que escrevi durante dois anos e meio. Porque eu só escrevia uma frase quando esta já toda pronta me vinha à cabeça. Este livro foi de grande inspiração e sofrimento para mim. (grifos meus)

Sendo o período entre a publicação de uma e outra matérias razoavelmente extenso, não seria justo considerá-las como partes de uma campanha publicitária. Porém, mesmo isoladamente, elas exercem uma função promocional, visto que contribuem para o não esquecimento do nome *Clarice Lispector*, projetando-lhe um horizonte de recepção positivo, e aguçam - ou pretendem aguçar - a curiosidade do público em relação ao livro o qual, graças ao depoimento de sua autora, já se sabia *inspirado e sofrido*.

Ambas as matérias adquirem significado relevante por indicarem a existência de um tipo de predisposição em relação ao surgimento de um novo título da escritora. Isso porque,

¹²⁰ O material jornalístico consultado permite afirmar que esta é a última entrevista concedida pela escritora publicada em jornal antes de seu falecimento.

ainda naquele momento, comentários equivocados, como os de Bruna Becherucci e Emanuel de Moraes, anteriormente expostos, ainda continuavam, mesmo que veladamente, influenciando negativamente e ajudando a reforçar a imagem pública de Clarice Lispector como figura controvertida¹²¹. Vale lembrar que a polêmica em relação a *A Via Crucis do Corpo* e, de modo mais moderado, a *Onde Estiveste de Noite*, publicados em 1974, acaba por colocar em xeque o alto prestígio gozado pela autora de *A Paixão Segundo G.H.*

Uma mostra de como se manifesta no columnismo literário essa realidade é a discríção, em relação à quantidade de matérias e ao seu conteúdo, com que é anunciada a conquista do **Prêmio Brasília de Literatura**, concedido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, pelo conjunto da obra, em 1976. Existem apenas duas referências sobre o fato: "*Prêmio Brasília para Clarice Lispector*", publicada na *Folha de São Paulo*, em 25/04/1976; e "*Clarice Lispector*", reportagem elaborada por Edilberto Coutinho, contendo dados sobre vida e obra em geral, no *Jornal do Brasil*, em 29/04/1976.

Quando, portanto, *A Hora da Estrela* entra em circulação, no segundo semestre de 1977, a crítica reage de forma ponderada, amadurecida. Não se percebe, em sua atitude, expressa predisposição para a exaltação ou para a censura.

A Hora da Estrela, livro no qual a novidade dos recursos, processos e recortes, visa abrir ao leitor as cartas do *jogo da ficção*, oferecia à crítica daquele momento uma oportunidade de, por meio de efeito retroativo, compreender pontos nodais de toda a

¹²¹ Vez ou outra, publicam-se matérias que sugerem certo desajuste de Clarice Lispector em relação aos seus empregadores: "*Clarice Lispector x Editores*". *Folha de São Paulo*. 08/11/1976; e o texto que conta sua demissão do *Jornal do Brasil*.

produção anterior de Clarice Lispector¹²². De maneira geral, os artigos publicados, entre o lançamento do romance até a data do falecimento da escritora¹²³, têm em comum uma preocupação em evidenciar aspectos importantes do conjunto da obra, pelo estabelecimento de conexões com textos anteriores.

Entre os artigos que analisam o estilo, cito dois que a ele atribuem o segredo da mágica clariceana: "*Clarice Lispector: outro mergulho mágico*", de Sérgio Habib, publicado no **Jornal de Brasília**, em 29/09/1977, e "*Clarice Lispector: insólita, solitária, romancista total*", em 23/10/1977, no **Jornal O Globo**, de Ivan Junqueira.

O primeiro afirma que a escritora não abandonou seu estilo peculiar - a penetração gradativa, a tática do esboço -, mas, em **A Hora da Estrela**, trabalha-o de outra forma, sem render-se a ele. Para Sérgio Habib, a escritora conseguiu desvencilhar-se da introspecção e lançar-se em uma narrativa na qual o relato do processo de criação se torna, ele mesmo, suscetível, impiedoso, explícito sem, contudo, abrir mão de carregar segredos.

O segundo ressalta que as conhecidas e louvadas características anteriores de Clarice Lispector - *metafórica, fenomenológica, introspectiva e existencial* - não se diluíram em **A Hora da Estrela**, mas se constituíram em consumação estilística do seu

¹²² Imagem emprestada de Benedito Nunes que perfeitamente a usa para explicar o intercâmbio das identidades entre Clarice Lispector/ Rodrigo S.M./ Macabéa. In: *Clarice Lispector ou o Naufrágio da Introspecção*. Campinas: Revista Remate de Males - Nº 9. IEL/UNICAMP, 1989, pp. 63-70.

¹²³ O limite deve-se ao fato de, a partir da coincidência entre surgimento de **A Hora da Estrela** e desaparecimento de Clarice Lispector, a crítica, de modo geral, ter se mostrado desnorreada. Aspecto significativo sob a perspectiva do alto investimento promovido em favor da sacralização de Clarice Lispector que se faz presente em uma determinada tendência crítica que busca ficcionalizar a vida da escritora.

processo literário¹²⁴. Comenta ainda a contribuição da escritora para a ficção brasileira e, como aspecto importante, o que considera uma abertura regionalista, uma visão *de dentro* do Nordeste.

O estilo exuberante, elogiado por críticos de gerações anteriores pela sua efetiva contribuição para tornar nossa língua mais expressiva, despe-se e é, sob uma outra perspectiva, também valorizado pelos primeiros críticos de *A Hora da Estrela*. Esse desnudamento veio apagar a idéia de um estilo triunfante e substituí-la por um modo problematizante de usar as possibilidades da língua, mais condizente com a humildade ou com a realidade inerente a quem vive *Uma Sensação de Perda* ou tem à sua espera a *Saída Discreta pela Porta dos Fundos*.

Sobre o aspecto social, destacam-se os artigos "*A Hora das Estrelas*", de Léo Gilson Ribeiro, publicado em 19/11/1977, no *Jornal da Tarde*, e "*Que mistérios tem Clarice*", de Vilma Arêas, publicado em 29/11/1977, no *Jornal Folha de São Paulo*.

Léo G. Ribeiro comenta que o social já estava implícito em toda a produção anterior de Clarice Lispector, na pluralidade de visões sociais e que a sua já era uma "*literatura dos impotentes*", que trouxe uma lucidez nova, capaz da apreensão dolorosa de uma verdade.

Vilma Arêas destaca a não mistificação do real, da diferença de classes, a recusa de recursos já conhecidos, típicos "*do escrever bonito*" ou "*moderno*", e a resistência em transformar qualquer fato real a ser descrito em "*arte*". A autora observa que *A Hora da*

¹²⁴ Opinião também partilhada por Benício Medeiros: *A Clarice intimista e subjetiva se faz presente em todo o corpo da novela - auscultando, questionando, interrompendo, exigindo a participação do leitor, a quem oferta ou sonega os truques da prestidigitação*. In: "*Solitária, solidária*". Seção Livros. *Jornal do Brasil*, 26/11/1977.

Estrela permite discutir sobre literatura a partir da postura da própria Clarice que, diante do que escreve, assume as contradições e as trabalha em termos de contestação das estruturas, inclusive da própria literatura.

Importante notar que esses dois críticos são, até então, dos poucos a abordarem objetivamente o problema da pressão sofrida por Clarice Lispector para que escrevesse em defesa dos oprimidos ou algo que remetesse ao controverso conceito de literatura engajada.

A intrincada questão referente à face social da literatura - no que diz respeito à relação de Clarice Lispector com os mantidos à margem do sistema -, estava aí colocada em termos de desafio a ser respondido pela escritora.

Porém, embora a insinuação do problema já se tivesse tornado corrente, raras foram as oportunidades criadas e/ou aproveitadas pela crítica para se posicionar sobre ele. Assumir como objeto de reflexão temas situados em terrenos minados faria muito bem à manutenção do vigor da crítica, pois a forçaria a adotar atitudes mais permeáveis e cultivar sistematicamente o diálogo e a inventividade. Deveriam ser temas constantes na reflexão crítica o que se considera literatura engajada e grande literatura; como se compreende e se lida com a liberdade criadora e os contextos histórico e político; como, e a partir de que, se concebe a função da literatura e da própria crítica, a posição do artista diante das relações mercantis que se misturam à sua atividade, por exemplo.

Vistos em conjunto, os artigos dedicados à apresentação de **A Hora da Estrela** ao público têm como traços comuns o reconhecimento pela incursão de Clarice Lispector em realidades outras e pela sua coragem em recusar a transformação do real em termos

suculentos, adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos esguios¹²⁵. É uma crítica que não nega as características da obra e nem as maquila segundo as cores que lhe convém, antes as analisa sem concessões.

Similar a um caleidoscópio em que conteúdos e formas adquirem, a cada movimento, novos contornos e cores, o projeto literário de Clarice Lispector desafia os críticos a, mais que aplaudir ou condenar, se adaptarem e buscarem novos olhares para o que ali percebiam de misterioso, mágico e insólito - termos aqui utilizados no sentido de expressar uma determinada espécie de reação ao peculiar talento de Clarice Lispector para desvencilhar-se dos apriorismos, para criar uma literatura de entrelinha, que teima em não ceder à facilidade das fórmulas acomodadas e sem riscos.

De fato, não é tarefa fácil lidar com o texto clariceano. Ele exige de seus leitores uma disposição específica, um estado de afloramento, uma cumplicidade de *terceira perna*¹²⁶; e desequilibra porque propõe e se propõe a subversão de diversas categorias - uniformidade, ordenamento, totalidade, linearidade, sacralização, organicidade. Na sua transgressividade fundante, o texto clariceano consegue corroer a ostentação das hierarquias com a fluidez da água viva¹²⁷.

¹²⁵ LISPECTOR, *A Hora da Estrela*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 19.

¹²⁶ LISPECTOR, *A paixão segundo G. H.*, p. 17.

¹²⁷ "Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias, mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e seu desespero. E agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui." LISPECTOR, op. cit., p. 27.

Esse é um desafio a que a crítica de boca de forno, referente a *A Hora da Estrela*, conseguiu propor respostas¹²⁸. Visto da perspectiva atual, o recebimento dessa *história com começo, meio e gran finale*¹²⁹ pela crítica jornalística revela-se como um dos pontos altos da fortuna crítica clariceana. Os críticos oferecem subsídios para ampliar a compreensão da trajetória literária de Clarice Lispector, e dão um exemplo de como a crítica pode, mesmo em condições desfavoráveis aos projetos de formação da reflexão crítica e do apuramento da acuidade literária, trabalhar em função dos critérios por ela escolhidos, e não em função dos ditames do mercado, e safar-se da forte influência das políticas propagandísticas.

No entanto, muito do que se publicou no columnismo literário, nesse período e nas duas décadas posteriores, não pode ser considerado nessa mesma perspectiva. Particularmente, a partir do fim da década de 70, ganha proporções inimaginadas certa cultura do **mistério pelo mistério**. Uma postura que, firmemente enraizada neste solo, propicia o nascimento de uma crítica morna, em sua maioria, viciada na repetição de adjetivos, equivocada, pouco disposta a assumir uma atitude reflexiva perante a ficção clariceana e seus desdobramentos.

Para a abordagem deste aspecto, toma-se como objeto matérias que, pelos temas escolhidos e pelo modo de abordá-los, ilustram o processo de cristalização da imagem mitificada de Clarice Lispector e sua produção.

¹²⁸ Cf: “Este seu último trabalho soa como um canto de aproximação. E também oferece a (primeira?) chave do enigma sobre o qual ela se debruça, com ininterrupto empenho, há mais de 30 anos. Síntese das experiências, exercício de virtuosismo solidário. In: MEDEIROS, op. cit.

¹²⁹ LISPECTOR, *A Hora da Estrela*. p.17.

A Promoção do Mito Clarice Lispector

Me deixem enturmar aumentando o câro (embora tão falso) dos que elogiam apaixonadamente Clarice Lispector. Esta mulher ama tanto que até seria mau caráter não amá-la. Pois bem, amo-a. Com certas infidelidades, vá, porque sua permanente caça ao sublime acaba enchendo um pouco. Somos bem mais cotidianos; ela, paira, levitada, como seu coleguinha Francisco de Assis, a inaugurar estrêlas por onde dirige o olhar.

Paulo Hercher Filho. *Uma mística em tempo de deus morto*. O Estado de São Paulo. 26/07/1969.

Detesto dar entrevistas, só dou para desmitificar meu nome.

Entrevista concedida ao Suplemento Literário do Jornal O Estado de São Paulo. 05/07/1974.

Às vezes, o fato de me considerarem escritora me isola, me impõe um rótulo.

Entrevista concedida a Júlio Lerner. Programa Panorama Especial. São Paulo, TV Cultura, fevereiro de 1977.

Sob a perspectiva da construção da imagem de Clarice Lispector como representação de valores simbólicos específicos - beleza, distinção, elegância, similaridade com modelos europeus, reconhecimento social e cultural - e da contribuição da crítica jornalística para a cristalização de sua imagem mitificada, é possível destacar dois

procedimentos típicos. O primeiro diz respeito ao perfil de Clarice Lispector traçado mediante entrevistas; o segundo refere-se à utilização do icônico como representação e reforço de um conceito e como estratégia de fusão entre criação e criadora.

Impressiona a grande quantidade de entrevistas concedidas por Clarice Lispector no decorrer da década de 70. Isso revela a disposição dos veículos de comunicação em dar-lhe destaque e permite verificar como o investimento em figuras consagradas reflete que um padrão de consumo está em busca de um padrão estético. Um motivo suficiente para que se criem e se aperfeiçoem recursos específicos para a realização desse fim. As entrevistas, nesse sentido, funcionam como estratégia de promoção dessa identificação e ocasiões de publicidade, pois tendem a jogar com os acontecimentos ao saber dos interesses da circunstância.

Salta aos olhos o esforço da maioria dos entrevistadores em *arrancar* de Clarice Lispector elementos que a constituam como mito e, paradoxalmente, a tentativa da entrevistada de negar tal processo e a padronização dele decorrente. Isso permite entrever na situação uma adequação do objetivo deste tipo de gênero jornalístico ao processo, então, em curso. No lugar de coletar informações diretamente com a entrevistada e organizá-las de modo a traçar um perfil biográfico da mesma, a maioria das entrevistas publicadas tendem a reforçar uma imagem previamente estabelecida de Clarice Lispector como *monstro sagrado da Literatura Brasileira*¹³⁰.

¹³⁰ Algo verificável também em notas sobre lançamento e/ou reedições, como a que foi publicada na coluna *Livros*, do jornal *O Estado do Paraná*, em 21/12/71. O comentarista noticia o surgimento da 3ª edição de *A Cidade Sitiada*, pela Editora Sabiá, mas não escreve uma palavra sequer sobre o romance, algo que o singularize no conjunto, antes dedica-se, ao comentário da complexidade de Clarice Lispector; na íntegra, o texto: *Clarice Lispector é uma escritora difícil. Dominando as*

Porém a resistência de Clarice Lispector, certamente fruto de seu desejo de se colocar à margem do gosto e da demanda aparente de seu tempo e de seu empenho em conquistar espaço próprio como escritora, sem submeter-se às contingências que pertencer a tal categoria implica, não impediu/impede que sua imagem fosse/seja manipulada conforme interesse por um ou outro aspecto. Mesmo fugindo à convencionalidade do rótulo e protegendo-se sob a égide do amadorismo - pretendeu-se artífice da própria imagem: mulher simples, mãe, dona-de-casa - a escritora, voluntariamente ou não, forneceu à engrenagem espetacular elementos para a construção e manutenção de sua imagem como mito. Criava-se, assim, um movimento bastante peculiar, constituído de fuga, captura e cumplicidade.

Suas várias versões sobre o tempo de execução de um trabalho são um indicador de sua cumplicidade - às avessas - no processo de mitificação e na manutenção de uma atmosfera de mistério que permanentemente a rodeia; sobre *Perto do Coração Selvagem*, chega a formular 4 versões: a) aproximadamente cinco anos, quando tinha de treze a dezoito anos de idade; b) doze meses; c) dez meses, quando era aluna da Faculdade de

*palavras como um domador lida com feras selvagens, Clarice parece chicotear os leitores com frases agressivas em sua beleza, complexas em seu sentido, interrogativas em seu conjunto. Mulher de personalidade difícil, calada, mais amiga de ouvir do que falar, quando esteve em Curitiba há algum tempo para receber o prêmio que a Fundepar lhe ofereceu, como uma das vencedoras do II Concurso Nacional de Contos (1969), Clarice gravou um depoimento para o Museu da Imagem e do Som que teve que ser extraído com muita insistência. **Monossilábica, intransponível em sua couraça de auto-defesa (sic), a autora é como a obra: complexa e estranha.** Mas tal como uma montanha que após escalada permite descortinar um belo panorama, a leitura de um livro de Clarice permite a descoberta de um maravilhoso mundo (interior) e isto está patenteado na aceitação de seus romances. 'A Cidade Sitiada', o terceiro que Clarice escreveu, publicado em 1949, três anos depois de 'O Lustre' e cinco depois de 'Perto do Coração Selvagem', aparece agora em 3ª edição pela Editora Sabiá." (grifos meus)*

Direito; d) de março a novembro de 1942 ¹³¹. Esta lacuna permite o seu preenchimento com as mais variadas espécies de especulação; tais como associar o tempo de criação do livro ao da gestação humana - nove meses.

A maneira ressentida pela qual invariavelmente se manifesta sobre sua relação com crítica e críticos e sobre sua posição no quadro da literatura brasileira também se constitui elemento significativo neste processo; por exemplo:

- *Eu nunca tive propriamente um 'ambiente', mas sempre tive alguns amigos.* ¹³²

- *A crítica de Álvaro Lins me abateu bastante, tudo o que ele diz é verdade, causada ou não por uma inimizade que ele tem por mim, seja ou não uma crítica escrita em cima da perna ...Em todo caso já passei por cima da crítica de Álvaro Lins, embora a leve a sério. De um modo geral, é preciso fazer como o homem que dava todo dia uma surra na mulher porque algum motivo teria de haver. Mesmo que Álvaro Lins não saiba porque 'dá a surra', eu aceito porque um motivo e vários devem existir e eu mereço.* ¹³³

- *Uma das coisas que me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado: os outros me temem à toa, e a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que algumas pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito:*

¹³¹ GOTLIB, Clarice. *Uma vida que se conta*, p. 172.

¹³² *Ibidem*, p. 135.

¹³³ In: BORELLI, Clarice *Lispector: Esboço para um possível retrato*, p. 115.

*afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que sou de trato muito simples, mesmo que a alma seja complexa.*¹³⁴

*- Faz parte de minha profissão estar mesmo sempre sozinha, sem colaboradores ou intérpretes.*¹³⁵

- A sua pergunta - por que ainda escreve? - me insulta, apesar de você não querer me insultar. O que quer dizer ela? Que chega de escrever bobagens? Ou significa que você acha que eu já tenha dado tudo o que tinha para dar? Por que escrevo? Pergunto a você: por que você ainda bebe água? Responda. Estou esperando. Mas me dê uma resposta que seja inspirativa. Já ouvi me dizerem, para me agradar: você não precisa mais escrever, você já faz parte da literatura brasileira. Mas que inferno, e eu lá desejo entrar em alguma literatura do mundo? O futuro já é passado, não me interessa mais. Ou você pensava que eu escrevia para criar alguma notoriedade? Eu lhe juro que nunca bajulei críticos a fim de ter deles uma interpretação elogiosa. Minha relação com os críticos é essa: eu não agradeço elogios, para deixá-los livres para falar mal de meus outros livros. E nunca - mas nunca - me defendi por carta ou telefone quando me atacam. A grande maioria dos que me interpretam eu não conheço nem de nome. Todos estão livres de mim. Esse seu 'ainda escreve': pergunto se com os meus escritos duramente humildes estou incomodando a alguém? A quem? Se você sabe de pessoas que eu esteja

¹³⁴ In: WALDMAN, A *Paixão Segundo C.L.*, p. 22.

¹³⁵ In: LISPECTOR, Clarice. *De Corpo Inteiro*. 2ª edição. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 133.

*atrapalhando o caminho 'literário', me diga os nomes e eu juro que guardarei segredo. Recuso-me a ser importante. O 'sucesso' jamais me subiu `a cabeça. Continuo sendo uma escritã paciente. O grande Alceu Amoroso Lima, que me deu a honra de escrever sobre mim desde meu primeiro livro, vaticinou, meu Deus, há muitos anos: que eu ia estar numa trágica solidão nas letras brasileiras. Até um tempo atrás eu não o entendi. Mas agora sinto isso na carne. Olhe, eu escrevo por nenhum motivo especial, e se existe algum motivo surgiu quando eu tinha um pouco menos de sete anos de idade e comecei a escrever.*¹³⁶

*- Eu não sei te explicar, mas eu sinto que estou isolada (...). Realmente não me querem.*¹³⁷

Tais depoimentos, e outros de conteúdo semelhante, freqüentemente são arrolados em situações nas quais interessa conquistar a simpatia do público por ela, dando-lhe ares de artista incompreendida ou injustiçada, e alimentar equívocos sobre ser o crítico um algoz do artista, sobre quem tem melhores condições para compreender sua literatura - um professor de literatura ou uma estudante - e sobre a evolução de sua legibilidade¹³⁸.

¹³⁶ Jornal O Globo, 25/08/1977 (s.i.a.).

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Cf: "Encontro com 5 escritores". Revista *Senhor*, julho de 1961, nº 29 (s.i.a.) / Yllen Kerr pergunta. *Clarice Lispector*. Jornal do Brasil, 18/09/1963 / *Toda a minha obra é um equívoco*. Jornal O Globo, 10/03/1964 (s.i.a.) / *Clarice Lispector, a admirável autora de 'Laços de Família', não é um mito*. Remy Gorga Filho. Caderno de Sábado, 15/03/1969 / *Clarice, um diálogo quase impossível*. O Globo, 02/07/1969 (s.i.a.) / *Uma tarde com Clarice Lispector*. Antônio Hohlfeldt, Correio do Povo, 03/01/1971 / *Clarice, um mistério sem muito mistério*. Jornal Correio da Manhã, 02/11/1971 (s.i.a.) / *Clarice prefere liberdade*. Última Hora, 19/08/1972 (s.i.a.) / *Clarice, arte da solidão e do mistério*. Jornal do Comércio, 09/09/1973 (s.i.a.) / *Clarice Lispector em Brasília*. Marcílio Rodrigues, Jornal de Brasília, 02/06/1974 / *Clarice Lispector*. Dalma Braune P. Nascimento e outros. Jornal de Brasília, 23/06/1974 / *Clarice Lispector: Só vale a literatura do*

A ambigüidade que emana desses depoimentos pode tanto aguçar certo tipo de afeto em relação à escritora como criar incertezas quanto à veracidade de suas declarações, pois, percorrendo a linha de limite entre o real e o imaginário, Clarice Lispector, constantemente, faz convergir o plano das aparências para o campo das formas ideais.

Os universos confundidos fazem ressaltar aos olhos dos leitores uma aparência social que é também teatral e acabam por gerar dúvida sobre tratar-se de uma pessoa ou de uma personagem. Algo freqüente no caso, principalmente, de artistas consagrados, cujos cotidianos são percebidos como parte da vida artística, confundidos com ela, e não como algo distinto. Isso acaba favorecendo que as fronteiras entre o ser e o aparecer se tornem ainda mais densas, lubrificando a engrenagem espetacular.

Nessa mesma perspectiva é que se considera a recorrência com que jornais e revistas utilizam fotografias da escritora como um procedimento constituidor da imagem pública de Clarice Lispector como *monstro sagrado*. As fotografias têm uma eficiência bastante explícita e imediata, pois, devidamente acionadas, funcionam perfeitamente para a associação de sua identidade plástica a essa idéia. Se são verdades assimiladas que o rosto é o espelho da alma e que o retrato e a fotografia apreendem o que vai pela alma, por que não

amador. Suplemento Literário de O Estado de São Paulo. 05/07/1974 (s.i.a.) / *Clarice Lispector: Não escrevo para agradar a ninguém*. Isa Cambará, Folha de São Paulo, 10/09/1975 / *Clarice Lispector*. Elizabeth Marinheiro, Diário de Borborema - Campina Grande, 25/10/1975 / *Clarice Lispector*. O Globo, 29/04/1976 (s.i.a.) / *Conversando com Clarice Lispector*. Jornal do Comércio, 30/05/1976 (s.i.a.) / *Dos mistérios de Clarice*. Tribuna da Imprensa, 17-18/12/1977 (Texto baseado na entrevista concedida a Marina Colasanti e Affonso Romano de Sant'Anna, para o Arquivo do Museu da Imagem e do Som, sob coordenação de João Salgueiro, produzida em 20/10/1976) / *Clarice não escreve para desabafar* (22/10/1976) / *Clarice depõe para o MIS: Escrever é um fardo* (23/10/1976); *Clarice Lispector: Já tentei reformar o mundo*. (29/09/1976).

tornar simbiótica também a relação entre conceito e imagem, já que a relação entre personalidade artística e pessoal já vinha sendo usada nesse sentido?

De modo geral, os fotógrafos souberam explorar a singularidade de seu rosto destacando-lhe a expressão dramática. As fotos publicadas, a partir da década de 60 e sobretudo 70, têm como característica comum a valorização do olhar, simultaneamente objetivo e distante. Uma característica tão singular, no plano visual, que artistas plásticos, dos primeiros desenhos publicados nos jornais e dos retratos mais divulgados - por Giorgio De Chirico, Carlos Schiari e Alfredo Ceschiatti ¹³⁹ -, e fotógrafos buscaram organizar, a partir dele, as feições de sua imagem plástica - foto A. ¹⁴⁰

As fotos B e C anexas ¹⁴¹ são exemplos desse procedimento. Nelas, Clarice aparece em um desses ambientes onde pessoa e mobiliário parecem conviver em habitual harmonia, possivelmente na sala de sua casa. Na foto B, sua cabeça pende para baixo. Na foto C, ela olha para a sua esquerda, na direção da lente. Concentrada, silenciosa, distante, ela está instalada em uma poltrona, usando um traje discreto - vestido de cor escura, lenço em volta do pescoço e agasalho sobre os ombros. A perna direita, cruzada sobre a esquerda sustenta uma mão levemente descontraindo. Apoiada no braço da poltrona, a outra mão segura um cigarro aceso, de onde emana a fumaça que se dissipa no ar. Inclinado ligeiramente para

¹³⁹ Lembrando que quanto mais em ascensão estiver o artista plástico, autor do retrato, maior carga simbólica adquire a figura retratada. Artigo caro ao universo cultural burguês, o retrato, de modo geral, faz parte de um amplo projeto de afirmação e projeção social. Nestes casos, a adoção de modelos de excelência social - no presente caso, cultural também - almejados pelos círculos da elite brasileira torna-se um procedimento básico. Sobre a complexidade das circunstâncias que envolvem a confecção deste tipo de obra, confira o estudo de Sérgio MICELI. **Imagens Negociadas. Retratos da Elite Brasileira (1920-40)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁴⁰ A título de ilustração, confira anexo 1. Fonte: Arquivo iconográfico do *Jornal do Brasil*.

¹⁴¹ Banco de Dados do *Jornal Folha de São Paulo*.

frente, o corpo inerte da fotografada contrasta com o movimento evanescente da fumaça do cigarro e com a diluição da luz projetada às suas costas. As poses, de aparente displicência natural, contrastam com a expressão definida do rosto, insinuando uma certa fusão da imobilidade permanente dos objetos circundantes - um vaso com flores, um cinzeiro redondo sobre uma mesinha baixa, almofadas, uma tela na superfície da parede ao fundo - com o repouso íntimo da figura focada. A toalete dá um toque a mais na composição da persona. A ausência de sorriso aparece marcada pelo batom que fortemente pinta os lábios; a saliência das faces, envolvida por fina camada de blush, acentua o formato do rosto e a solenidade de sua atitude; a obliquidade do formato dos olhos, valorizada pelo delineador preto, exigem a percepção das linhas de seu rosto em primeiro plano; o traço arqueado das finas sobrancelhas permite que melhor se espalhem os tons claros e escuros das sombras. Clarice, em meio à atmosfera desolada, parece transmitir a quem a observa tanto o desafio quanto a rendição.

As três fotografias guardam certa semelhança com o processo clariceano de mascaramento¹⁴² em que, paradoxalmente, um estado interior é revelado e ocultado, como se, enquanto resguardada na atitude discreta do silêncio e do isolamento, procurasse cumplicidade.

No texto "*A Hora da Estrela*", de Renato Modernell, publicado na seção *Livros* da *Revista Cláudia*, em novembro de 1990, verifica-se uma típica absorção desse

¹⁴² Sobre o tema, consultar: DUARTE, Edson Costa. *Clarice Lispector: Máscara Nua*. Campinas, 1996. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

procedimento¹⁴³. Há um comentário do autor sobre a projeção de Clarice Lispector no cenário internacional - dado que pode ser verificado, segundo informa, nos fatos de o *New York Times* tê-la considerado a maior escritora em prosa da literatura latino-americana e de a ensaísta e pesquisadora canadense Claire Varin haver publicado estudo dedicado a Clarice Lispector¹⁴⁴.

Segundo o autor, o interesse e o reconhecimento internacionais por Clarice Lispector influíram na decisão da Editora Francisco Alves de adquirir os direitos de publicação de 17 títulos da escritora e servir ao mercado um autêntico *banquete clariceano*, colocando à disposição dos leitores- consumidores “(...) *um excelente cardápio literário para quem quer fazer um primeiro contato ou revisitar a obra de Clarice Lispector*”.

A absoluta maioria dos textos dividem boa parte o espaço do jornal - entre ½ a 2/3 - com imagens de Clarice Lispector. No caso do artigo “*A Hora da Estrela*”, aparece, destacada no topo da página, sob fundo denso, composto por vegetação em tons verde-escuros, uma fotografia colorida, 8x8 cm, do tronco de Clarice Lispector. Trajando veste escura, ela segura próximos ao corpo galhos de uma folhagem verde com miúdas flores vermelhas às quais se misturam as contas pretas e vermelhas de seu longo colar. A luz projetada atrás de sua cabeça, levemente perfilada, e a claridade que emana dos cabelos loiros contrastam com a opacidade da paisagem circundante e dão a impressão de que a

¹⁴³ A seção *Livros*, uma página medindo 27x 20 cm, apresenta-se dividida em três partes. Duas delas, respectivamente intituladas *Ficção* e *Não-Ficção*, destinam-se a breves comentários de 4 títulos de uma e 4 de outra modalidade, sendo que cada uma ocupa ¼ do espaço da página. A terceira parte traz artigo sobre matéria literária e ocupa 2/4 do espaço da página.

¹⁴⁴ VARIN, CLAIRE. *Clarice Lispector - Rencontres Brésiliennes*. Quebec: Édition Trois, 1987, 241p. Posteriormente, a ensaísta publica: *Langues de Feu, essai sur Clarice Lispector*. Quebec: Édition Trois, 1990, 226 p.

claridade se origina do objeto focado e não do *flash* da máquina: uma estrela que parece seduzir pelo brilho. Este cenário e mais a composição da pose do rosto - a boca cerrada, a face imóvel, as sobrancelhas definidas em arco, somadas ao olhar enviesado - dão à fotografada certo ar monárquico e codificam o comentário do colunista que a denominou "*moderna baronesa das letras*".

Tanto nessa quanto nas três fotos citadas anteriormente, ocorre uma espécie de agenciamento visual no qual se condensam conteúdos extravisuais. Nesse sentido, as fotografias equiparam-se à pintura, sobretudo no que se refere à sua possibilidade de apreensão, interpretação e/ou transformação de realidades. Cabe, portanto, em relação a elas, sob a perspectiva da representação visual e da experiência social neles mobilizadas, uma análise de Sérgio Miceli sobre retratos. Segundo ele, retratos são imagens negociadas entre os artistas e os retratados, o que significa que:

Pulsões e pretensões amorosas, ideais de beleza e espiritualidade, fabulações de idade e gênero, projetos de afirmação econômica, expectativas de prestígio e distinção, ambições políticas, impulsos de liderança cultural, arroubos de vanguardismo artístico, recados doutrinários, comemorações e contenciosos familiares, tensões conjugais, lances de patriotismo, rivalidades profissionais, uma trama intrincada de desejos, emoções, projeções, ressentimentos, alegrias e decepções, a mescla diversificada de energias de todo tipo que constituem a

*matéria-prima sociologicamente disponível a ser transmutada em composição plástica.*¹⁴⁵ (grifos meus)

Certamente, há uma série de fatores que poderiam ter sido considerados na leitura das citadas fotografias: circunstâncias de execução, especificidades técnicas, características morfológicas da plástica fotográfica, porém importa indicar que a identidade plástica de Clarice Lispector encaixa-se nos padrões de gosto em matéria de consumo material e cultural. Padrões inspirados em modelos europeus e partilhados por grupos da elite brasileira nos quais os ideais de altivez, distinção e elevação são engendrados em linguagem pictórica e integrados ao universo dos bens simbólicos consumíveis¹⁴⁶.

O último aspecto está ligado aos anteriores pela possibilidade interpretativa que estes oferecem das referências utilizadas pelos jornais, diz respeito à confusão entre criadora e criação. Primeiramente, note-se que o autor atribui ao seu artigo o mesmo título de um romance de Clarice Lispector - **A Hora da Estrela**. Isso, além do fato de a seção chamar-se *Livros*, sugere ao leitor que o eixo central do texto é, principalmente, o produto literário. Porém tal não ocorre. Em vez do livro, relegado à função de pano de fundo, sobrepõe-se a imagem de Clarice Lispector, solitária, envolta em aura de mistério. Mais do que a volta dos títulos às livrarias, lustra-se a vitrine que acolherá o retorno da estrela Clarice Lispector ao mercado.

¹⁴⁵ MICELI, Sérgio. Op. cit., pp. 142-143.

¹⁴⁶ Cf. *Padrões de Gosto e Sensibilidade da Elite Brasileira na Confecção de Imagens de Classe*. Idem, ibidem, pp. 129-139.

A construção da imagem pública de Clarice Lispector como representação de valores simbólicos - tais como a excelência, a beleza, o bom gosto - valeu-se da exploração de determinadas declarações da escritora para criar em torno dela uma predisposição específica, do uso recorrente do icônico, como expressão plástica de um conceito e como presentificação da figura evocada, e da confusão entre criação e criadora para efetivar o processo de mitificação. Daí o motivo pelo qual as entrevistas se revestem de singular importância no conjunto da fortuna crítica clariceana.

Como documento, elas dão testemunho de que a autonomia e a vontade da figura entrevistada são limitadas - limites não aleatórios - por sentidos que emanam de várias esferas. Este é um aspecto que possibilita compreender a atitude de resistência da escritora, que, a certa altura de sua carreira, mostrou sentir necessidade de desconstruir a imagem pública, que então se difundia.

Além disso, a crítica jornalística teve e tem evidente dificuldade em resistir à comodidade desse modelo. Tendo em vista que qualquer rotulação acarreta prejuízos para a formação de leitores - ela pode condicionar e/ou inibir a aproximação da obra pelo leitor - seria desejável que a crítica jornalística rompesse com esse tipo de prática.

Dada a atual predominância de uma crítica que tende para a mitificação e funciona, prioritariamente, como estratégia de incentivo ao simples consumo, sobre aquela que se propõe o exercício analítico e desempenha a função de informar e formar leitores, a pergunta que se propõe, especificamente em se tratando de sua condição de existência, é: como ficam o crítico e a crítica jornalística diante desses tipos de apelo?

Certamente, desde seus primeiros tempos, a crítica jornalística vem lidando com as contingências próprias do jornal - a exigência de uma comunicação eficiente e breve, a delimitação do desenvolvimento do tema em consonância com o espaço disponível para publicação, a necessidade de acompanhar o ritmo da vida literária de seu tempo, o desafio de formar e informar.

No decorrer de seu percurso histórico, a crítica jornalística sempre esteve vinculada ao jornal que é condicionado pelas necessidades de seus anunciantes e pelas regras da mídia, que são regidas pelos interesses do mercado, impostos por ideologias mercantis, políticas e outras. Seus procedimentos mais comuns têm resultado não só da peculiaridade jornalísticas, que fazem uso exagerado da dramatização visual, *minimizando* a presença de elementos verbais e analíticos, mas também da harmonização com o caos que tomou conta, mais do que desejável, dos meios de comunicação.

A crítica jornalística, cujo uso não pode ser totalmente previsto pelo seu conteúdo, passa por alterações ao ser combinada a diversos outros interesses que se conjugam no ambiente jornalístico. A utilização de fotografias, de títulos chamativos, dissociados do conteúdo do artigo, e de linguagem associativa não é, por si só, prática condenável. Mas torna-se motivo de indagação à medida que expressam o grau de domínio de uma mentalidade espetacular nas várias formas de manifestação da vida social e cultural, principalmente, quando se constata a acentuada perda da função formativa dos veículos de comunicação e a preferência, particularmente no nosso tempo, da representação à realidade, da aparência ao ser, da especulação à análise.

Considerações Finais

Partindo do pressuposto que a atual condição da crítica jornalística sobre Clarice Lispector se mostra particularmente complexa e que tal condição foi sendo construída gradativamente, esta pesquisa teve como objetivos traçar-lhe a trajetória, mediante a identificação de seu papel para a leitura da produção clariceana, desde a estréia da escritora até os anos 90, e, como desdobramento, indicar alguns dos elementos que, no Brasil, têm norteado a existência desta modalidade crítica.

Para isso, na primeira parte do trabalho, intitulada **Panorama da Crítica Jornalística Brasileira**, foi traçada uma trajetória da crítica jornalística brasileira, desde sua origem aos anos cinquenta, de modo a indicar certos elementos que a constituíram como expressão cultural controversa.

A origem “folhetinesca”, a relação paradoxal com o grande público e o risco de concessões exageradas e indevidas dela decorrentes, a inserção em um organismo, o jornal, que depende das políticas de mercado são alguns dos aspectos da crítica jornalística citados no sentido de assumir a legitimidade dos questionamentos que a ela se apresentam.

Por outro lado, seu fundamental papel na ampliação da cultura literária, a larga abrangência de seu alcance, a acessibilidade de sua linguagem e o desafio de lidar com o cotidiano e com a produção recém saída do forno foram também apresentados com o intuito de defender sua importância na difusão da literatura e a relevância da função social e cultural que pode desempenhar.

Esse panorama serviu de referência para o discernimento e a compreensão de pontos nodais da crítica jornalística a partir de 1943, ano da estréia de Clarice Lispector e que determina o início do período de abrangência da pesquisa.

Visto o enorme volume do material jornalístico, foram selecionados alguns dos textos que melhor possibilitariam formar uma opinião sobre como e em que condições foi ocorrendo a recepção de Clarice Lispector pela crítica jornalística no transcorrer de sua carreira literária.

Nesse sentido, privilegiou-se, no período entre 1943 e 1977, a crítica de boca-de-forno, cujo comentário permitiu a identificação das expectativas comuns com relação ao surgimento de um título e dos efeitos imediatos causados pelo mesmo. Apesar da comprovada produtividade desta abordagem, ela tem alcance limitado. O recorte realizado pretendeu oferecer exemplos variados das expectativas vigentes em momentos distintos de um passado que, embora próximo, já se mostra esvanecido. A existência de uma vida literária e sua manifestação nas páginas de jornal, não sem raízes ideológicas para isso, parece mais distante do que realmente está; sobretudo, em tempos de quase abstinência estética - mais vale a leitura prática - e de realidades virtuais - é mais garantido o prazer de contemplar o "mistério" Clarice Lispector do que ler um texto seu e ver-se forçado ao movimento.

A fim de apresentar as tendências gerais dos momentos escolhidos e estabelecer parâmetros para a compreensão das reações dos críticos de cada época em relação ao conjunto da crítica, a análise do material foi distribuída em quatro partes.

Na parte intitulada *A Estréia de Clarice Lispector*, a segunda, foram apresentados diferentes tipos de reação ao surgimento de *Perto do Coração Selvagem* - o embevecimento de alguns críticos, as leituras que pensaram o novo romance a partir da tradição literária brasileira, fundando parâmetros de análise até hoje utilizados, e a

importância da polêmica instalada em torno do tema da influência. Para cada um dos aspectos escolhidos, procurou-se apresentar textos adequados à intenção de expor a surpresa causada pelo livro de estréia de Clarice Lispector no ambiente literário de quarenta, então fortemente marcado pela tendência socializante e regionalista do romance de trinta.

Na terceira parte, intitulada **O Clima Lispector**, foi abordada a expectativa em torno do lançamento de **O Lustre**, em 1946, e o crescente arrefecimento do interesse da crítica jornalística face às duas publicações seguintes de Clarice Lispector - **A Cidade Sitiada**, 1949, e **Alguns Contos**, 1952. Tal realidade confirma a idéia de que o sucesso ou o fracasso não podem ser totalmente previstos ou controlados e permite entender que **Perto do Coração Selvagem** se inscreveu de forma decisiva na Literatura Brasileira, passando a funcionar como paradigma escravizante da recepção dos próximos livros da escritora.

Na quarta parte, intitulada **A Reconsagração de Clarice Lispector**, foi enfocado o sucesso conquistado por **Laços de Família**, publicado em 1960. Diferente do que ocorreu com **O Lustre**, quando a expectativa de sucesso transformara-se em decepção, o livro de contos despertou a atenção da crítica de seu tempo e contribuiu para a reconsagração de Clarice Lispector. Com o surgimento desse livro de contos e, em 1964, do romance **A Paixão Segundo G.H.**, a crítica de 60 tem a oportunidade de conhecer e/ou rever a produção anterior de Clarice Lispector. Entre os vários ensaios publicados por ocasião do aparecimento dos dois livros, foram selecionados os que ilustram a preocupação teórica da crítica e refletem a presença da chamada crítica universitária no meio jornalístico.

Na quinta parte, intitulada **O Mistério Clarice Lispector**, foi comentada a crítica relativa à publicação de **A Via Crucis do Corpo**, 1974, e **A Hora da Estrela**, 1977, e também as entrevistas e artigos que ajudaram a promover a imagem de Clarice Lispector como mito. Pretendeu-se, com esta seleção, mostrar que, antes da morte da escritora, a crítica jornalística, mesmo que moderadamente, vinha discutindo seu projeto literário - apoiando-o ou refutando-o - e que, a partir do falecimento da escritora, tal processo vai sendo gradativamente posto de lado, esvaecendo-se, em detrimento da constante e imperativa celebração do mito clariceano.

Isso posto, vale comentar que a essa altura do desenvolvimento da sociedade de consumo, sobretudo nos moldes implementados no Brasil, já não se pode crer na possibilidade de eliminar da engrenagem social algo tão farta e livremente gestado pelas ideologias de mercado como os comportamentos tipicamente consumistas; antes, há que constantemente inventar e reinventar outras formas de lidar com essa realidade.

Vive-se um momento em que a reificação, decorrente da relação mercantil instaurada na base da sociedade, destitui de seus lugares fundamentais práticas potencializadoras como a inventividade e a reflexão. Conforme análise de G. Debord, o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por *coisas supra-sensíveis*, realiza-se completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que, ao mesmo tempo, se faz reconhecer como o sensível por excelência¹⁴⁷.

¹⁴⁷ DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, p. 28.

Nesse sentido, as práticas formativas vão sendo destruídas pelo aviltamento das questões públicas em geral, cultura, educação, informação. Isso propicia a perda da qualidade e o estabelecimento do quantitativo como medida das coisas. E é justamente o desequilíbrio entre a qualidade e a quantidade que subsidia as concessões e força a oferta do que é querido pelo mercado de consumo, de modo a manter um padrão previamente formatado.

De modo geral, os espaços do jornal estão congestionados por anúncios e/ou contaminados pelo caráter publicitário e por sua habilidade para persuadir. A publicidade - aquela que usa de estratégias para fazer crer no que parece ser e, ideologicamente, apresenta-se como arte, infiltrando-se em outros campos que não o do anúncio explícito - já não se identifica como tal, mas interfere em tudo, sorrateira quando não cinicamente.

Esse tipo de publicidade, motor principal do padrão econômico que movimenta a sociedade de consumo, tem entrado no cotidiano das pessoas de maneira imperativa e se constituído como o *instrumento* mais eficaz até hoje inventado de conformação de gostos, hábitos, consumos, necessidades etc, ao padrão econômico do qual é servidora.

Sem dúvida, existe uma dificuldade de conciliar os objetivos comerciais dos anunciantes com um projeto de ampliação cultural da sociedade. A sobreposição dos interesses do anunciante aos interesses públicos - como a formação cultural - é um problema que vem sendo, parcialmente e ainda sem resultados objetivamente visíveis, assumido por profissionais cujas áreas de atuação permitem trabalhar com a informação e a formação de leitores.

No presente caso, entende-se que a crítica jornalística sobre Clarice Lispector, seduzida pela tentação de cultivar um **mistério pelo mistério**, não só diz que nada tem a dizer como também permite a infiltração da publicidade no espaço destinado à formação de leitores. Fato que motiva a desconfiança da crítica jornalística sobre Clarice Lispector, particularmente a das últimas duas décadas, e revela o receio, bastante generalizado na época atual, de emitir juízos, de procurar sentidos diferentes para a obra e de ousar novos paradigmas.

O movimento de recepção de Clarice Lispector vem sendo substituído pelo de sua glorificação. As ocasiões de dar continuidade, ou consistência, à cadeia de interpretações não têm sido aproveitadas para a produção de novas respostas. As atitudes mais ousadas continuam partindo daqueles que insistem em ofuscar a figura da artista, promovendo, maciçamente, o mito, e subtrair da criação literária seu fundamental valor de produto social e cultural, colaborando para que ocupe o lugar de mero objeto de venda.

Se isso deixa um vazio ou certa saudade da crítica de rodapé ou das cuidadas edições dos Suplementos Literários, também permite uma melhor identificação dos traços constituidores da crítica jornalística que, hodiernamente, necessitam ser excluídos, mantidos ou reinventados.

Continua sendo ponto de desconforto a dificuldade de inserção da reflexão crítica, expressão da vitalidade do pensamento e da cultura de um povo, em um meio tão diversamente impregnado pelo caráter espetacular da sociedade de consumo - deseducada pelo sensacionalismo - como o tem sido a imprensa jornalística. Ressalva-se que a generalidade desse comentário não pretende colaborar para a desqualificação da crítica

jornalística, e de qualquer outra expressão entre as que fazem parte do jornal, ou aproveitar a evidência de sua condição claudicante para retomar as ancestrais condenações a ela imputadas já na sua origem. A constatação de equívocos da crítica jornalística é, antes, uma condição necessária - embora insuficiente - para que seja pensada como produto cultural historicamente constituído.

O presente estudo, não obstante o caráter incipiente da reflexão, almejou, além dos objetivos já anunciados, defender as necessidades de resguardar a vocação formativa e informativa da crítica jornalística ante a generalizada tendência de banalização dessas práticas. Privilegiar, no conjunto das leituras que constituem a volumosa fortuna crítica clariceana, a parte referente a esta modalidade, criou oportunidade para denunciar a aparência de verdade que também por ela se projeta e alertar quanto ao perigo de seu esclerosamento. Seja como for, é preciso não descartar a crítica jornalística como instrumento de formação de leitores, de divulgação da produção literária e da reflexão crítica. Apesar das mudanças, ela ainda continua tornando visível a vida literária de seu tempo e fazendo parte dela. Apesar da aridez do terreno, vale pensar sobre o que a crítica jornalística, como parte de uma engrenagem, tem tornado visível e por que promove a visibilidade de um dado aspecto e não de outro - indagar sobre a notícia por trás da notícia.

Acredita-se que o conhecimento do que foi dito antes e do que se diz agora pode estimular a procura de respostas, e não soluções, para problemas emergentes, como o risco de a crítica clariceana perder-se em um *pântano da intuição*¹⁴⁸, não dialogar consigo mesma

¹⁴⁸ A expressão é de Davi Arrigucci Júnior.

e chegar ao limite de, por não cultivar o convívio com a própria tradição, situar seu objeto em uma zona de cega veneração. Uma realidade hoje inegável, contra a qual urge reagir sob pena de as práticas interpretativas perderem espaço para o sensacionalismo - que, aliás, busca em Clarice Lispector *fonte de inspiração*.

Considerando tal perspectiva, ressalta-se que, embora o objeto desta pesquisa não seja, em primeiro plano, a obra de Clarice Lispector, foi necessário trilhar um caminho crítico antes de trabalhar com a sua fortuna crítica. Essa visão crítica da obra de Clarice Lispector funcionou como elemento fundante do projeto de pesquisa. Sem ela, seria impraticável qualquer imersão nesse universo e este trabalho não teria adquirido condições suficientes para refutar ou acolher as interpretações alheias e, em função disso, descaracterizaria o caráter dialógico que se tentou dar ao mesmo.

É preciso esclarecer ainda que a singularidade do *corpus* - predominantemente, composto de recortes de jornais e cópias dos mesmos - acarretou uma determinada ordem de problemas que deve ser aqui mencionada no sentido de justificar algumas lacunas de cunho referencial. De modo geral, a cultura da memória, no Brasil, encontra-se em estágio inicial e amadorístico e isso fica ainda mais evidente quando se trata de arquivamento e conservação de periódicos. É bastante precária a situação da maioria dos arquivos, salvo exceções - por exemplo: **Arquivo Edgard Leuenroth (IFCH/UNICAMP)**, **Fundação Casa de Rui Barbosa** e **Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)**, cujo profissionalismo garante ao material tratamento adequado, zelo e organização imprescindíveis, às suas particularidades; ao pesquisador, condições fundamentais para o conhecimento do material

existente e para a coleta de dados. Em função dessa realidade, em certos casos, não foi possível apresentar referências completas dos textos consultados.

Com o propósito de ajudar os eventuais interessados em algum recorte específico, criou-se uma legenda para indicar a localização da maioria das referências citadas. Uma breve consulta à bibliografia já indica ao interessado a instituição onde poderá encontrar o texto original ou sua cópia; sobretudo os mais antigos, que não foram publicados em livros ou revistas especializadas.







Abstract

This dissertation aims at showing how criticism found in newspapers treated Clarice Lispector's literary work, from 1943 up to the nineties, in order to identify some of the elements that constituted such a criticism, indicate some possible ways to understand it and propose adequate parameters to insert it in the collection of Clarice Lispector's criticism fortune.

Based on the supposition that criticism found in newspapers can be an important tool in the process of reception, especially when it proposes criteria to the interpretation of literary production, answers given by Clarice Lispector's critics to the so called challenge of reading and introducing her to readers are analysed.

Bibliografia

Abreviaturas utilizadas para indicar a localização do material jornalístico:

BDFSP: Banco de Dados do Jornal Folha de São Paulo.

CEDAE: Centro de Documentação Alexandre Eulálio/ Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP.

GMC: Dissertação de Mestrado. **Clarice Lispector: Esboço de uma Bibliografia.** Glória Maria Cordovani. Universidade de São Paulo. FFLCH. São Paulo. 1991 (xerox).

FCRB: Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro)

IEL: Setor de Periódicos da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP.

JB: Arquivo do Jornal do Brasil.

RM: Remate de Males. Revista do Departamento de Teoria Literária. Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP.

1 - Artigos de Jornais e Revistas

Década de 40

ACCIOLY, Breno. *Um romance Selvagem*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 30/01/44. FCRB.

ALMEIDA, Martins de. *Perto do Coração Selvagem*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 06/08/1944. CEDAE.

ANDRADE, Ary de. *Carta a Clarice Lispector*. *Síntese*. Ano III, setembro de 1944, nº 33, p. 25. FCRB.

ANDRADE, Oswald de. *Telefonema*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 26/02/46. FCRB.

BURLA, Eliezer. *Perto do coração selvagem*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 31/03/44. FCRB.

CANDIDO, Antonio. *Língua, Pensamento, Literatura*. **Folha da Manhã**. São Paulo. 25/06/44.

_____. *Perto do Coração Selvagem*. **Folha da Manhã**. São Paulo. 16/07/44.

_____. *Perto do Coração Selvagem*. **Folha de São Paulo**, 18/07/44. FCRB.

CARDOSO, Lúcio. *Perto do Coração Selvagem*. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro. 12/03/44. FCRB.

CAVALCANTI, Valdemar. *Boletim Literário*. **Folha Carioca**. Rio de Janeiro. 11/09/44. CEDAE.

_____. *Que fazem agora os nossos romancistas?* **Jornal do Comércio**. Recife. 01/10/44. CEDAE.

_____. *Boletim Literário*. **Folha Carioca**. Rio de Janeiro. 18/10/44. CEDAE.

_____. Sem título. **Jornal do Comércio**. Recife. 22/10/44. CEDAE.

_____. *Boletim Literário*. **Folha Carioca**. Rio de Janeiro. 16/11/44. CEDAE.

DELGADO, Luiz. *Uma alma diante da vida*. **Jornal do Comércio**. Recife 22/04/44. FCRB.

_____. *Mundo trágico*. **Jornal do Comércio**. Recife. 12/05/46. FCRB.

_____. *Mundo trágico*. **Jornal do Comércio**. Recife. 04/08/46. FCRB.

- ESCOREL, Lauro. *Perto do coração selvagem*. **Diário da Bahia**. Salvador. 09/02/44. FCRB.
- _____. *Prêmio da "Fundação Graça Aranha" de 1943*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 29/10/44. FCRB.
- _____. *Prêmio da Fundação Graça Aranha de 1943*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 13/10/44. FCRB.
- FIGUEIREDO, Guilherme. *O sentimento da palavra*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 23/01/44. FCRB.
- FILHO, Adonias. *Perto do coração selvagem*. 31/12/43. FCRB. Indicação hemerográfica incompleta.
- FISCHER, Almeida. *Depoimento de duas gerações*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 20/01/46. FCRB.
- FREITAS JÚNIOR, Otávio. *Perto do coração selvagem*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 13/05/44. FCRB.
- _____. *Duas estrelas*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 19/11/44. CEDAE.
- GUERRA, José Augusto. *Uma hora com Clarice Lispector. Talvez da Europa venha a renovação*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 28/08/49.
- IVO, Lêdo. *O país de Lalande*. No Mundo dos Livros. **Folha do Norte**. Belém. 26/01/44. FCRB.
- _____. Sem título. **Jornal de Alagoas**. Maceió. 25/02/44. FCRB.
- _____. *Um novo romancista brasileiro*. **Jornal de Alagoas**. Maceió. 23/04/44. FCRB.
- _____. *Ainda a elegia de abril*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 07/10/44. CEDAE.
- JB. *Dois minutos no país das letras*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. Outubro de 1944. CEDAE.
- LIMA, Camillo de Jesus. *Na sombra e no silêncio*. **A Tarde**. Salvador. 07/10/44. CEDAE.
- LIMA, Jorge. *Romances de mulher*. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. 01/11/44. CEDAE.
- LINS, Alvaro. *Romance lírico*. 11/02/44. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- _____. Republicado in: . *O Lustre*. In: **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1963, p. 191-193.

- LYRA, Roberto. *Semana literária. A Noite*. Rio de Janeiro. 30/01/44. FCRB.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. *Clarice Lispector escolheu: o inteligente Cícero*. Rio de Janeiro. 06/01/44. FCRB. Indicação hemerográfica incompleta. .
- MENDES, Oscar. *Um romance diferente. O Diário*, Belo Horizonte. 06/08/44. CEDAE.
- MILLIET, Sérgio. *15 de janeiro*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1944, Vol. II, pp. 27-32.
- _____. *11 de março*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1944, Vol. II, pp. 87-89.
- _____. *13 de maio*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1944, Vol. II, pp. 146-150.
- _____. *15 de fevereiro*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1946, Vol. IV, pp. 40-44.
- _____. *29 de abril*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1946, Vol. IV, pp. 87-91.
- _____. *08 de março*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora, 1947, Vol. V, pp. 45-47.
- _____. *15 de setembro*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora, 1947, Vol. V, pp. 185-189.
- _____. *25 de setembro*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1947, Vol. V, pp. 198-202.
- _____. *24 de outubro*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1947, Vol. V, pp. 217-219.
- _____. *07 de julho*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1948/49, Vol. VI, pp. 373-374.
- _____. *09 de agosto*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1948/49, Vol. VI, p. 153.
- _____. *27 de agosto*. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. 1949, Vol. VII, pp. 33 - 34.

_____. *The right man in the right place*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 10/03/44. FCRB.

_____. **Diário da Bahia**. Salvador. 31/03/44. FCRB.

_____. *Gerações e dicionários*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 12/05/46. FCRB.

MOURA, Reinaldo. *Clarice Lispector*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 23/03/44. FCRB. .

PASSOS, Claribalte. *A posição da mulher na literatura moderna*. **Vanguarda**. Rio de Janeiro. 11/02/47. FCRB.

PROENÇA, Edgar. *Um minuto de palestra...* **Estado do Pará**. Belém. 20/02/44. FCRB.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Café da manhã*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 31/12/46. FCRB.

QUINTANILHA, Dirceu. *Clarice Lispector e um monumento do passado*. **Dom Casmurro**. 11/03/44. FCRB. .

SABINO, Fernando. *A semana no Rio*. **O Diário**. Belo Horizonte. 21\10\1944. CEDAE.

SALLES, Almeida. *O Lustre*. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 31/03/46. FCRB.

SILVEIRA, Alcântara. *O romance e o leitor popular*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 16/03/44. FCRB.

SILVEIRA, Helena. *Mais uma escritora que surge*. **Folha da Noite**. São Paulo. 20/08/46. FCRB.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Lustre*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 14\07\1946. FCRB.

VIANA, Djalma. *O bridão do cavalo*. **Letras e Artes**. Rio de Janeiro. 12/09/48. FCRB.

VIANA, Solena Benevides. *Clarice Lispector fala de Nápoles*. 02/12/45. FCRB. Indicação hemerográfica incompleta. .

VIEIRA, José Geraldo. *Mrs. Dalloway (de Virgínia Woolf)*. **Jornal de São Paulo**. São Paulo. 26/09/46. FCRB.

Sem indicação de autoria

Estréias. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro. 24/06/44. FCRB.

Clarice Lispector. **A Manhã**. Rio de Janeiro. 29/10/44.

O novo romance de Clarice Lispector. O Jornal. Rio de Janeiro. 10/02/46. FCRB.

Clarice Lispector. A Manhã. Rio de Janeiro. 13/02/46. FCRB.

O Lustre. Diário de Notícias. Rio de Janeiro. Indicação hemerográfica incompleta.

Revistas em revista. O Diário. Belo Horizonte. 12/03/46. FCRB.

O Lustre. O Cruzeiro. Rio de Janeiro. 16/03/46. FCRB.

Clarice Lispector. Rio de Janeiro. 04/04/46. FCRB.

O Brasil visto de longe. O Globo. Rio de Janeiro. 30/10/46. FCRB.

Década de 50

ÁLVARO, José. *Vamos falar de mulheres?...* *Correio da Manhã.* Rio de Janeiro. 13/02/55. FCRB.

BACIU, Stefan. *Apontamentos sobre três contistas brasileiros.* *A Manhã.* Rio de Janeiro. 21/09/1952. IEL.

BRAGA, Rubem. *Bilhete.* 14/11/56. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

BURLA, Eliezer. *Perto do Coração Selvagem.* *O Jornal.* Rio de Janeiro. 31/03/55. FCRB.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Itinerário de Romancista.* *Diário Carioca.* Rio de Janeiro. Indicação hemerográfica incompleta. CEDAE.

DAVID, Carlos. *Romancista da Solidão.* *A Manhã.* Rio de Janeiro. 20/04/52. IEL.

_____. *Em torno de Clarice Lispector.* *Diário Carioca.* Rio de Janeiro. 03/05/53. GMC.

EULÁLIO, Alexandre. *Maio em São Cristóvão.* *Estado de Minas.* Belo Horizonte. 01 e 04/11/56, p. 3 e p. 6.

FILHO, Paulo Hecker. *Itinerário de Romancista.* *Diário Carioca.* Rio de Janeiro. 25/06/56. GMC.

FERREIRA, Jurandir. *Itinerário de Romancista.* *Diário Carioca.* Rio de Janeiro. 25/06/56. GMC.

FRANCIS, Paulo. *Clarice Lispector escreve sobre J.B.* *Diário Carioca.* Rio de Janeiro. 21/12/58. FCRB.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tema e Técnica*. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro. 28/05/50. RM.

MILLIET, Sérgio. 28 de agosto. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. Vol. VIII - 1951, pp. 235 - 237.

_____. 19 de dezembro. In: **Diário Crítico**. São Paulo. Livraria Martins Editora. Vol. IX - 1953/54, pp. 134 - 135.

SCHWARZ, Roberto. *Entre o ser e o parecer*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 19/09/59. IEL.

SIMÕES, J. G. *Clarice Lispector: existencialista ou suprealista?*. **A Manhã**. São Paulo. 01/10/50. IEL.

Sem indicação de autoria

Espero que tudo termine bem! 03/06/58. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Década de 60

ABREU, Paulo Célio Gaudereto. *Uma obra, sem discussão, prima*. **Jornal de Guarani**. 16/04/69. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

ALBUQUERQUE, Amarylio de. *De literatura*. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. 15/09/68. FCRB.

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros. *Ainda os didáticos*. **Luta Democrática**. Rio de Janeiro. 02/03/69. FCRB.

ALMEIDA, Roberto Wagner de. *G. H. e Dardara*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 17/06/67. FCRB.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Coelho pensante*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 10/11/67. FCRB.

ARAÚJO, Laís Côrrea de. *Moldura e Mágica da Palavra. O Estado de São Paulo*. São Paulo. 06/09/69. CEDAE.

_____. *"A Paixão" é a Linguagem. Suplemento do Minas Gerais*. Belo Horizonte. 28/09/68. IEL.

_____. *Perto do Coração Selvagem. Palavras só de Clarice*. 01/12/65. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

ASSUMPÇÃO, Sebastião G. *A paixão segundo G.H. Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 06/02/66. FCRB.

AYALA, Walmir. *A Maçã no Escuro I. Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 13/02/62. FCRB.

_____. *A Maçã no Escuro II. Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 20/02/62. FCRB.

_____. *A Maçã no Escuro III. Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 27/02/62. FCRB.

_____. *A Maçã no Escuro IV. Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 03/03/62. FCRB.

_____. *A Maçã no Escuro V. Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 20/03/62. FCRB.

_____. *A Maçã no Escuro (conclusão). Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 27/03/62. FCRB.

_____. *A Paixão Segundo G. H.: Um romance de doação. Jornal do Comércio* Rio de Janeiro. 01/12/1964. FCRB.

BAIRÃO, Reynaldo. *Nada existe que escape à transfiguração. O Estado de São Paulo*. São Paulo. 02/08/ 1969. BDFSP

_____. *Novos apontamentos para um estudo sobre Clarice Lispector. O Estado de São Paulo*. São Paulo. 23/08/1969. FCRB.

_____. *Novos apontamentos sobre Clarice Lispector. O Estado de São Paulo*. São Paulo. 30/08/1969. BDFSP.

BARBOSA, Rolmes. *A cerimônia secreta de Clarice Lispector. O Estado de São Paulo*. São Paulo. 08/11/1969. IEL.

BATISTA, José. *Clarice em busca da obra total. O Globo*. Rio de Janeiro. 11/10/69. FCRB.

- BECHERUCCI, Bruna. 1964 - *O lustre*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 17/01/64. FCRB.
- BERG, Marli. *Coelhinho Pensante dá Prêmio a Clarice*. Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 11/02/1968. BDFSP.
- BRAGA, Rubem. "Tapete de carne": erotismo. Última Hora. Rio de Janeiro. 25/10/68. FCRB.
- BRASIL, F. Assis. *Laços de família*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 24/09/1960. FCRB.
- _____. *O mundo subjetivo de Clarice Lispector (I)*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 29/10/1960. FCRB.
- _____. *O mundo subjetivo de Clarice Lispector (II)*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 12/11/1960. FCRB.
- _____. *O mundo subjetivo de Clarice Lispector (III)*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 12/11/1960. GMC.
- _____. *O mundo subjetivo de Clarice Lispector (IV)*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 26/11/1960. GMC.
- _____. *O mundo subjetivo de Clarice Lispector (V)*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 03/12/1960. GMC.
- _____. *O mundo subjetivo de Clarice Lispector (VI)*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 10/12/1960. GMC.
- _____. *Ficção - 1961*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 26/08/1961. GMC.
- _____. *Paixão e Queda de G. H.* Jornal de Letras. Rio de Janeiro. Fevereiro/65. FCRB.
- _____. *Clarice Lispector e a ficção moderna (1)*. Jornal de Letras. Rio de Janeiro. Julho/68. FCRB.
- _____. *Clarice Lispector e a ficção moderna (2)*. Jornal de Letras. Rio de Janeiro. Agosto/68. FCRB.
- _____. *Clarice Lispector e a ficção moderna (3)*. Jornal de Letras. Rio de Janeiro. Setembro/68. FCRB.
- _____. *Clarice Lispector e a ficção moderna (4)*. Jornal de Letras. Rio de Janeiro. Outubro/68. FCRB.

- _____. *Clarice Lispector e a ficção moderna (5)*. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro. Novembro/68. FCRB.
- _____. *Clarice Lispector e a ficção moderna (6)*. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro. Dezembro/68. FCRB.
- _____. *Com Maçã no Escuro Clarice ilumina literatura brasileira*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- _____. *Caçador solitário*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 30/05/63. FCRB.
- BREWER, Anita. *Avant-garde writing subject of meeting*. **The Austin American**. Austin, Texas. 30/08/63. FCRB.
- BUENZOD, Emmanuel. *Perto do coração selvagem*. 1961. Trad. de A.E. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- BURNETT, Lago. *A grande Clarice*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 21/10/1964. FCRB.
- CARVALHO, José Augusto. *Clarice: uma aprendizagem*. Vitória. 24/08/69. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- CARVALHO, Victor. *Clarice Lispector no teatro*. 18/11/65. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- CASTELHO, José. *Os orfãos de Clarice*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 08/12/1967. CEDAE.
- CAVALCANTI, Valdemar. *Poeta na redação: sua experiência em jornal*. **Lux Jornal - O Jornal**. Rio de Janeiro. 04/09/68. FCRB.
- _____. *Escritora jovem faz experiência: suspense*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 05/09/68. FCRB.
- _____. *Projeção no estrangeiro*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 19/01/69. FCRB.
- _____. *De como por a vida em termos de drama*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 06/03/69. FCRB.
- _____. *Mulheres é que brilham: no conto, no romance e na poesia - ainda este mês será concedido o prêmio do 'pen clube'*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 09/10/60. FCRB.
- COELHO, Nélson. *Clarice*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 20/08/1960. FCRB.
- CONDE, José. *Sabiá: poesia, estória & teatro*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 06/02/69. FCRB.

- COUTINHO, Edilberto. *Clarice Lispector surge com novo livro após ausência de 10 anos: e já prepara outro*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 07/08/1960. FCRB.
- CHRISTINA. *Presença de Clarice Lispector*. **Diário de São Paulo**. São Paulo. 31/07/60. FCRB.
- ENEIDA. "Cartilha do dólar". **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 05/09/68. FCRB.
- _____. "Menino de asas". **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 11/01/69. FCRB.
- FARIA, Octávio de. Notas - Literatura. *A maçã no escuro de Clarice Lispector*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 17/09/1961. CEDAE.
- _____. *Clarice Lispector em edição popular*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 16/06/63. FCRB.
- FERRAZ, Geraldo. *Clarice Lispector explica as origens...* **A Tribuna**. Santos. 31/07/1960. FCRB.
- _____. *Clarice e a maçã no escuro*. **A Tribuna**. Santos. 23/07/61. FCRB.
- FERRAZ, Sérgio. *Uma notável escritora: Clarice Lispector*. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro. Novembro/60. GMC.
- FERREIRA, Jurandir. *Do Estilo, Do Homem, De Deus*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 03/02/1962. IEL.
- FINAMOUR, Jurema. *Clarice Lispector*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- FLUSSER, Vilem. Resenha: Benedito Nunes - *O mundo de Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 26/06/1966. GMC.
- GORGA FILHO, Remy. *Clarice Lispector, a aGMCirável autora de Laços de Família não é um mito*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 15/03/1969. FCRB.
- GOULART, José Alípio. *Literatura*. **Lux Jornal - A Notícia**. Rio de Janeiro. 25/01/69. FCRB.
- HECKER FILHO, Paulo. *Uma música em tempo de deus morto*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 26/07/69. IEL.
- IVO, Ledo. *Fecundamente arlequinal*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 27/02/1960. IEL.

- JAJA, Yan. *O coração selvagem de Clarice*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 10/12/65. FCRB.
- Literatura*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 25/06/66. IEL.
- KERR, Yllen. *Yllen Kerr pergunta, Clarice Lispector responde: angústia depende do angustiado*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 18/09/63. FCRB.
- LIMA, Raul. *De Clarice Lispector*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 29/11/64. FCRB.
- LINHARES, Temístocles. *Uma cura de alma*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 19/11/1960. IEL.
- _____. *Romances Femininos*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 18/11/1961. IEL.
- _____. *Reedições*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 20/07/1963. IEL.
- _____. *Reedições*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 14/03/64. FCRB.
- _____. *Em torno de um mito*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 27/02/1965. IEL.
- _____. *Uma mulher*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 26/11/1966. IEL.
- LINS, Álvaro. *Clarice Lispector*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 09/09/1967. BDFSP.
- LINS, Osman. *O escritor e os direitos autorais*. **Suplemento do Minas Gerais**. Belo Horizonte. 20/09/68. IEL.
- LISBOA, Luiz Carlos. *Êxtase, segundo G.H.* **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 04/06/67. FCRB.
- LISPECTOR, Elisa. *Clarice e a família*. 17/03/63. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- LIWIN, Willy. *Clarice Lispector ou a conjuração poética*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 09/10/1960. FCRB.
- LUCAS, Fábio. *A fome não saturada*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 11/11/1961. CEDAE.
- MACHMAN, Flora. *Jorge Amado, esse desconhecido - Clarice, a maçã e Pedrinho no escuro*. **O Liberal**. Belém - Pará. 31/07/61. FCRB.
- MARTINS, Paulo. *Um novo Schriber*. **Tribuna da imprensa**. Rio de Janeiro. 18/09/68. FCRB.

- MARTINS, Wilson. *Uma voz*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 26/11/1960. IEL.
- MEIRA, Mauritônio. *Editora portuguesa quer lançar Clarice Lispector*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 22/03/61. FCRB.
- _____. *Clarice Lispector volta às editoras: "Laços de Família"*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 27/03/60. FCRB.
- MELQUIOR, José Guilherme. *A crítica de Roberto Schwartz*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 05/02/ 1966. IEL.
- MICHALSKI, Yan. *A coragem de perto do coração*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 10/12/65. FCRB.
- _____. *Perto do coração selvagem*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 14/12/65. FCRB.
- MILLARCH, Aramis. *Uma mulher*. **O Estado do Paraná**. Curitiba. 11/02/69. FCRB.
- MORAES, Santos. *O conto português*. **Lux Jornal - Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 07/02/69.
- _____. *Últimas edições*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 27/06/69. FCRB.
- _____. *Laços de família*. **Lux Jornal - Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 13/09/60. FCRB.
- MOTTA, Nelson. *Sem título*. **Lux Jornal - Última hora**. Rio de Janeiro. 03/09/68. FCRB.
- MOUTINHO, José G. Nogueira. *A Maça no Escuro II*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 03/09/1961. CEDAE.
- _____. *A Maça no Escuro (conclusão)*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 10/09/1961. CEDAE.
- _____. *Clarice Lispector: Bodas de Prata com a Literatura*. **Correio do Livro**. São Paulo. Outubro/69. GMC.
- _____. *O Livro dos Prazeres I*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 31/08/1969. BDFSP.
- _____. *O Livro dos Prazeres II*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 07/09/1969. BDFSP.
- _____. *Clarice Lispector: bodas de prata com a literatura*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. Outubro/1969. FCRB.
- Mulheres & histórias*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

- NUNES, Benedito. *A náusea em Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 24/07/1965. IEL.
- _____. *A náusea em Clarice Lispector*. **Jornal do Brasil Cultural**. Rio de Janeiro. 22 e 23/08/65. CEDAE.
- _____. *A paixão segundo G.H.* O Estado de São Paulo. São Paulo. 04/09/1965. IEL.
- _____. *O jogo da linguagem I*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 20/11/65. IEL.
- _____. *O jogo da linguagem II*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 27/11/65. IEL.
- OLINTO, Antônio. *A Maçã no Escuro...* O Globo. Rio de Janeiro. 16/12/1961.
- _____. *A condição simbolista do romance em Clarice*. O Globo. Rio de Janeiro. 16/10/69. FCRB.
- OLIVEIRA, José Carlos. *Os coleguinhas*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 30/01/69. FCRB.
- OLIVEIRA, Marly de. *Crítica da crítica*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 07/11/1961. GMC.
- _____. *Sobre Clarice Lispector*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 27/07/63. FCRB.
- _____. *Perto do Coração Selvagem*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 30/01/1966. FCRB.
- _____. *A Cidade Sitiada*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 17/07/1966. FCRB.
- _____. *A Maçã no Escuro*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 24/07/1966. FCRB.
- _____. *Interpretação da obra de Clarice Lispector*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 09/01/1966. FCRB.
- _____. *A paixão segundo Clarice...* **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro. 13/03/1965. FCRB.
- _____. *A Paixão Segundo G.H.* 31/07/66. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB. .
- PEREZ, Renard. *Escritores Brasileiros Contemporâneos*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 14/10/1962.
- PIÑON, Nelida. *Na berlinda*. 17/03/63. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- PIRES, J.H. *Clarice*. **Diário da Noite**. São Paulo. 08/05/63. FCRB.
- PORTELLA, Eduardo. *A forma expressional de Clarice Lispector (I)*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 25/09/1960. FCRB.
- _____. *O livro aberto de Clarice Lispector*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 12/07/1969. FCRB.

- QUEIRÓS, Maria Luiza. *Clarice Lispector*. Maio/65. Indicação hemerográfica incompleta.FCRB.
- RAMOS, Ricardo. *A contista de uma geração*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 27/03/65. IEL.
- RIBEIRO, Léo G. *Clarice Lispector: Tentativa de explicação*. Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 21/03/1965. GMC.
- _____. *Que mistério tem Clarice Lispector*. Jornal da Tarde. São Paulo. 05/02/1969. GMC.
- _____. *Em seu novo livro para crianças, Clarice Lispector é ingênua e sensível. A opinião é de Léo Gilson Ribeiro, nosso crítico literário*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 05/02/69. FCRB.
- RAMOS, Ricardo. *A contista de uma geração*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 27/03/1965. GMC.
- SANT'ANNA, A. R.de. *Linguagem: Clarice e Moravia I*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 02/06/1962. IEL.
- _____. *Linguagem: Clarice e Moravia II*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 09/06/1962. IEL.
- _____. *Clarice Lispector: a linguagem III*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 16/06/1962. IEL.
- SANTOS, Vitto. *Clarice Lispector*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro. 25/07/1965. FCRB.
- SCHÜLER, Donaldo. *O anti-realismo de "Perto do Coração Selvagem"*. Correio do Povo. Porto Alegre. 14/08/66. FCRB.
- SILVEIRA, Alcantara. *Clarice e o romance*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 25/11/1961. IEL.
- SILVEIRA, Joel. *Caminho da estante*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro. 17/06/69. FCRB.
- _____. *Clarice e o romance*. Diário de Notícias. Rio de Janeiro. 14/09/1962. GMC.
- STROZENBERG, Armando. *Clarice, um teatro de surpresas*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 10/12/65. FCRB.

Sem indicação de autoria

Um acontecimento literário. **A Tribuna.** Santos. 28/06/60. FCRB.

"Laços de Família", de Clarice Lispector. **Correio Paulistano.** São Paulo. 28/07/60. FCRB.

Clarice Lispector explica as origens de seus contos em Laços de Família. **A Tribuna de Santos.** Santos. 31/07/1960. CEDAE.

Clarice Lispector. **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 05/08/60. FCRB.

Clarice autografou seu livro, em pé, no balcão da livraria. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 07/08/60. FCRB.

Os contos de Clarice. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro. 03-04/09/60. FCRB.

"Laços de família". Contos de Clarice Lispector. **O Dia.** Rio de Janeiro. 04/09/60. FCRB.

Tabela. **Lux Jornal - Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 08/10/60. FCRB.

Laços de família lançado. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB

Maçã no Escuro no próximo ano. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB

Meus livros têm "recadinhos". Quais? Os críticos é que dizem... **O Globo.** Rio de Janeiro. 15/05/61. FCRB.

Experiência besta. **O Globo.** Rio de Janeiro. 03/06/61. FCRB.

Encontro com cinco escritores. Julho/1961. FCRB.

"A Maçã no Escuro". **A Gazeta.** 22/07/61. FCRB.

Um balanço, bem feminino, do ano de 61. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Sem título. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 07/09/62. BDFSP.

O coração selvagem de Clarice Lispector. **Visão.** 12/07/63. FCRB.

Elas estão com tudo. **O Globo.** Rio de Janeiro. 31/07/63. FCRB.

"Toda a minha obra é um grande equívoco." **O Globo.** Rio de Janeiro. 10/03/64. FCRB.

Clarice Lispector. **Revista Manchete.** 04/07/1964. Indicação hemerográfica incompleta.

Rio e seus autores. **O Globo.** Rio de Janeiro. 27/03/65. FCRB.

Clarice Lispector: Conversa com Clarice Lispector. **Diário de Minas.** Belo Horizonte. 28/11/1965. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

A volta de Clarice Lispector contista. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro. 20/08/66.
FCRB.

Clarice conta a história de seu coelho pensante. Diário de Notícias. Rio de Janeiro.
04/02/68. FCRB.

Clarice ganha troféu de melhor de 67. Jornal do Brasil. São Paulo. 14/03/68. BDFSP.

Marcha da liberdade toma conta da cidade. Última Hora. Rio de Janeiro. 26/06/68.
FCRB.

Clarice ganha troféu de melhor de 67. Jornal do Brasil. São Paulo. 12/07/1968. FCRB.

Clarice Lispector na livraria do estudante. O Sol. 25/08/68. FCRB. .

Liberdade de criação é o que importa para Clarice. O Diário. Belo Horizonte. 25/08/68.
FCRB.

A literatura, segundo Clarice. Suplemento do Minas Gerais. Belo Horizonte. 20/09/68.
IEL.

A literatura segundo Clarice. Suplemento do Minas Gerais. Belo Horizonte. 28/09/1968.
IEL

Roda gigante. Informais. Minas Gerais. Belo Horizonte. 15/02/69. FCRB.

Novo romance de Clarice Lispector. Bauru. Junho/1969. FCRB.

Novo livro de Clarice Lispector. Diário de Notícias. Rio de Janeiro. 29/06/69. FCRB.

Clarice, um diálogo quase impossível. O Globo. Rio de Janeiro. 02/07/69. FCRB.

Sem título. Lux Jornal - Jornal da Tarde. São Paulo. 28/09/68. FCRB.

Panorama. Das artes. Jornal do Brasil. São Paulo. 18/12/68. FCRB.

A aventura fascinante (e quase sempre difícil) da literatura para crianças. O Globo. Rio de
Janeiro. 07/03/69. FCRB.

Clarice Lispector: Atualidade do ovo e da galinha (II). Jornal do Brasil. São Paulo.
12/07/1969. GMC.

Clarice: explicação que não explica. Jornal do Brasil. São Paulo. 11/10/1969. FCRB.

Clarice. Jornal do Brasil. São Paulo. 18/11/69. FCRB.

Década de 70

ABRAHÃO, Samira. *Clarice Lispector: insólita, solitária, romancista total*. O Globo, Rio de Janeiro. 23/10/77. FCRB.

ABREU, Maria. *Sem título*. Revista. Rio de Janeiro. 13/12/77. FCRB.

ALENCAR, Cosette de. *O livro*. Diário Mercantil. Juiz de Fora. 27/11/71. FCRB.

_____. *O Livro*. Diário Mercantil. Juiz de Fora. 23/12/70. FCRB.

ANDRADE, Carlos D. *Visão de Clarice*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 10/12/1977. IEL.

ANTÔNIO, João. *O marketing da morte na Hora da Estrela*. Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17/12/77. GMC.

ANTÔNIO, João & RIBEIRO, Octávio. *Ela era uma discordância total*. Folha de São Paulo. São Paulo. 22/01/78. IEL.

ANTÔNIO, João. *O "Marketing" da Morte na Hora da Estrela*. Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.

Clarice Lispector: sin compromisos con el éxito. La Prensa. 30/04/76. FCRB.

ARAÚJO, Celso A. *Uma escritora no escuro*. Revista Manchete. 03/05/1975. GMC.

_____. *Dois depoimentos*. Revista Manchete. Dez./77. GMC.

ARAÚJO, Laís Côrrea de. *Texto/improviso*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 02/03/74. IEL.

ARÊAS, Wilma. *Que mistérios tem Clarice*. Folha de São Paulo. São Paulo. 29/11/77. BDFSP.

_____. *Ave, Clarice ou o ovário do poema*. José. Número 10. 1974, i.h.i.

ATHAYDE, Tristão de. *Réquiem por Clarice*. Jornal do Brasil. São Paulo. 12/01/1978. BDFSP.

_____. *Socialização da literatura*. Folha de São Paulo. São Paulo. 15/06/79. IEL.

AUGUSTO, Sérgio. *Clarice*. O Pasquim. Rio de Janeiro. 09/06/1974. GMC.

- ÁVILA, Afonso. *Um conceito brasileiro de vanguarda*. Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- AYALA, Walmir. *Clarice: o puro espírito*. Correio do povo. Porto Alegre. 25/08/78. CEDAE.
- BAIRÃO, Reynaldo. *A propósito de "Água viva" de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro. 09-10/02/74. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- BARBOSA, Rolmes. *Mapa dos caminhos sem saída*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 30/06/1974. IEL.
- BARBOSA, Zenaide. *Clarice Lispector vista do Uruguai*. O Diário - O Jornal de Minas. Belo Horizonte. 13/12/77. FCRB.
- BARRETO, Sônia Régis. *Uma aprendizagem ou o Conto de Clarice Lispector A*. Diário do Paraná. Curitiba. 02/08/70. FCRB.
- _____. *Uma aprendizagem ou o conto de Clarice Lispector B*. Diário do Paraná. Curitiba. 09/08/70. FCRB.
- _____. *Uma aprendizagem ou o conto de Clarice Lispector*. Diário do Paraná. Curitiba. 16/08/70. FCRB.
- _____. *Laços de Família*. Diário do Paraná. Curitiba. 23/08/70. FCRB.
- BECHERUCCI, Bruna. Resenha - *Sobre pessoas*. Revista Veja. 24/09/1975. FCRB.
- _____. *Lixo, sim*. Revista Veja. 31/07/74. FCRB.
- BOSI, Alfredo. *Experiências - Clarice Lispector*. Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- BRANCO, Heloísa Castelo. *Clarice "descoberta" na França*. Jornal do Brasil. São Paulo. 18/11/1978. BDFSP.
- BRITO, Osvaldo Lopes de. *Clarice Lispector: "A mulher que matou os peixes"*. Diário da Manhã. Ribeirão Preto. 12/11/71. FCRB.
- BRUNO, Haroldo. *Água Viva. Um solilóquio de Clarice Lispector sobre o ser*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 03/02/1974. IEL.
- _____. *Hibridismo de gêneros*. O Estado de São Paulo. 15/12/74. GMC.

- _____. *Presença renovadora de Clarice Lispector*. 14/07/79. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- _____. *Ficção experimental. Digressões sobre o gosto, às vezes pecaminoso, pelo novo*. **Suplemento Estado de São Paulo**. São Paulo. 26/05/74. GMC.
- CAMBARÁ, Isa. *Clarice Lispector: Não escrevo para agradar a ninguém*. **Folha de São Paulo**. 10/09/1975. GMC.
- CARNEIRO, Caio Porfírio. *Armadilhas e desafios ao estilo de Clarice*. Isto é. 08/03/78. FCRB.
- CARNEIRO, Hélio. *Um ano depois Clarice Lispector renasce em Paris*. **Revista Manchete**. 23/12/1978. GMC.
- CAVALCANTI, Valdemar. *Ensaio sobre Villa-Lobos dá prêmio*. **Lux Jornal - O Jornal**. Rio de Janeiro. 31/01/70. FCRB.
- COELHO, Nelly Novaes. *Ficção introspectiva no limiar do experimentalismo*. **Suplemento da Tribuna**. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- COELHO, Regina. *Pedalandando contra o vento*. **Última Hora**. Rio de Janeiro. 23/11/75. FCRB.
- COLASSANTI, Marina. *O conto confissão*. **Revista Veja**. 19/01/72. GMC.
- COUTINHO, Edilberto. *Clarice Lispector*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 29/04/1976. FCRB.
- _____. *De conversa em conversa*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 17/08/75. GMC.
- COUTINHO, Sônia. *A vida do corpo*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28/07/74. FCRB.
- CRISTOVÃO, Fernando A. *Clarice Lispector e a obsessão do infinito*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 05/01/1978. GMC.
- CUNHA, Fausto. *Clarice, o apelo do fantástico*. **Suplemento da Tribuna**. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- DINES, Alberto. *De corpo inteiro. Lançamentos*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 27/09/75. CEDAE.
- DUCLÓS, Nei. *Um livro de Clarice em reedição*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 21/12/77. BDFSP.

- FARIA, Octávio de. *Nossa Grande Clarice*. **Jornal da Bahia**. Salvador. 21/12/77. FCRB.
- FARIAS, Celina. *Um pouco de Clarice Lispector*. **A Província do Pará**. Belém. 24-25/05/70. FCRB.
- FARIAS, Marcílio Rodrigues. *A última conferência de Clarice*. "Aqui, ao abrir a janela, o que você vê?". **Jornal de Brasília**. Brasília. Distrito Federal. 02/06/74. FCRB.
- FERNANDES, Joelson. *Água viva, ótimo*. **Jornal da Cidade**. Vitória. 28/08/74. FCRB.
- FERREIRA, Zilda Telles. *Laços de Família*. **O Dia**. São Paulo. 31/10/70. FCRB.
- FONTA, Sérgio. *Mercado*. **Jornal de Ipanema**. Rio de Janeiro. Janeiro/72. FCRB.
- FRANCIS, Paulo. *Clarice: impressões de uma mulher que lutou sozinha*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 15/12/77. FCRB.
- GARCIA, Frederick C. H. *Os livros infantis de Clarice Lispector*. **Minas Gerais**. Belo Horizonte. 10/02/79. FCRB.
- GIUDICE, Victor. *Lispector ou livro dos prazeres*. **Suplemento da Tribuna**. Rio de Janeiro. 17/12/77. FCRB.
- GODOY, Carlos Ernesto de. *Paixão da linguagem segundo Clarice*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 11/12/1977. BDFSP.
- GOMES, Duílio. *Últimas leituras. "Onde estivestes de noite": os novos contos de Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 21/09/74. IEL.
- _____. *Felicidade clandestina*. 18/08/73. Indicação hemerográfica incompleta. IEL.
- GOMES JÚNIOR, Jurandir. *Jornal de Livros*. **Correio de Maceió**. Maceió. 29/03/70. FCRB.
- GOMES, Roberto Fontes. *Lispector outra vez*. **A Gazeta**. São Paulo. 11/12/74. FCRB.
- GONÇALVES, Hélio. *Motins políticos*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 01/02/70. FCRB.
- GORGA FILHO, Demy. *O belo animal sagrado da nossa literatura*. **Jornal da Tarde**. 10/12/77. GMC.
- GUIMARÃES, Torrieri. *Bilhete a Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. Agosto/74. FCRB.

- GULLAR, FERREIRA . *O elogio que não substitui*. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 10/12/77. GMC.
- _____. *Calava a própria condição, e só lembrava os tormentos do ofício*. **Folha da Tarde**. São Paulo. 10/12/77. BDFSP.
- HABIB, Sérgio. *Outro mergulho mágico*. **Jornal de Brasília**. Brasília. Distrito Federal. 29/09/77. FCRB.
- HELENA, Lúcia. *O discurso do silêncio. A narrativa dinâmica de Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 11/08/1974. CEDAE.
- _____. *O discurso do silêncio*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 07/09/1974. GMC.
- HOHLFELDT, Antônio. *Uma tarde com Clarice Lispector*. 03/01/71. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- INOJOSA, Joaquim. *Conto e crônica*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 09/09/73. FCRB.
- JBC. *Clarice, mais perto do coração selvagem*. **Diário de São Paulo**. São Paulo. 10/12/77. FCRB.
- JOHNS, Per. *Lispector: um nome que garante boa (às vezes ótima) literatura*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 12/02/78. FCRB.
- JORDÃO, Yolanda. *A propósito de Clarice Lispector*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 03/05/1975. GMC.
- JOSÉ, Elias. *Anotações sobre "Água viva" - I*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 26/10/74. CEDAE.
- _____. *Anotações sobre "Água viva" - II*. **Suplmento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 02/11/74. CECAE.
- _____. *Anotações sobre "Água viva" (conclusão)*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 09/11/74. CEDAE.
- JOZEF, Bella. *Clarice, a invenção criadora*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 17/12/77. BDFSP.
- _____. *Clarice Lispector: um sopro de plenitude*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 16/12/1978. BDFSP.

- _____. *Clarice Lispector: um sopro de plenitude*. Minas Gerais. Belo Horizonte. 08/12/79. GMC.
- LAMARE, Germania de. *Clarice Lispector esconde um objeto gritante*. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 06/03/72. FCRB.
- LARA, Paulo. *Clarice segundo Marilena Ansaldi*. *Hoje*. Folha da tarde. São Paulo. 07/08/79. BDFSP.
- LAURIA, José. *Clarice Lispector: uma cosmovisão*. *Suplemento Minas Gerais*. Belo Horizonte. 17/07/76. CEDAE.
- LEPECKI, Maria Lúcia. *Sobre Maria Judite de Carvalho (conclusão)*. *Suplemento Minas Gerais*. Belo Horizonte. 02/03/74. IEL.
- LIMA, Luiz Costa. *A presença decisiva*. *Suplemento da Tribuna*. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- LINHARES, Temistocles. *O novo romance brasileiro VII*. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 16/05/70. CEDAE.
- LINS, Osman. *O espaço narrativo*. *Suplemento Minas Gerais*. Belo Horizonte. 03/08/74. IEL.
- LINTRENTA, Oliveiros. *Clarice Lispector*. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 18/12/77. FCRB.
- LISBOA, Luis Carlos. *Livros*. *Lux Jornal - O Estado de São Paulo*. São Paulo. 20/06/71. FCRB.
- LOBATO, Manoel. *Os sonhos livres de Clarice Lispector*. 08/09/73. Indicação hemerográfica incompleta. IEL.
- LUCAS, Fábio. *Guimarães Rosa e Clarice Lispector: mito e ideologia*. *Suplemento Minas Gerais*. Belo Horizonte. 26/09/72. IEL.
- MACHADO, Érico de Freitas. *A mulher que matou os peixes*. *A Gazeta*. Vitória. 07/11/71. FCRB.
- MAGNATA, Mara. *Clarice passou por aqui*. *O São Paulo*. São Paulo. 17/12/1977. GMC.
- MARTIN, Cristina. *Clarice Lispector un camino mágico hacia lo concreto*. Buenos Aires. 26/04/76. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

- MARINHEIRO, Elizabeth. *Clarice Lispector especial para o DB*. **Diário da Borborema**. Campina Grande. 26/10/75. FCRB.
- MARTINHO, Telmo. *Autocrítica de Clarice Lispector, no momento exato*. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 27/07/1972. GMC.
- MARTINS, Heitor. *Fracasso e triunfo de Clarice Lispector*. **Suplemento Estado de São Paulo**. São Paulo. 15/08/70. CEDAE.
- MARTINS, Terezinha A. P. *O realismo mágico nas obras de Cortazar e Clarice*. **Diário de Brasília**. Brasília. 27/12/1973. GMC.
- _____. *O novo existencialismo de Clarice Lispector*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 20/03/1976. GMC.
- _____. *O novo existencialismo de Clarice Lispector*. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro. 29/04/1978. GMC.
- _____. *Estranhos itinerários: Cortazar e Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 29/10/78. GMC.
- MARTINS, W. *O país dos contistas*. **Veja**. 30/05/1979. GMC.
- MEDEIROS, Benício. *Solitária, Solidária*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 26/11/1977. FCRB.
- MADUREIRA, Pedro P. de S. *Quatro poemas para Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 02/11/74. FCRB.
- MEIRELLES, Domingos. *Bruxos brasileiros baixam na terceira noite do Congresso*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 27/08/75. FCRB.
- MENDES, Oscar. *A morte de Poirot*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 03/04/76. IEL.
- MENEZES, Carlos. *Grande prêmio literário - de Cr\$ 70 mil - para Clarice Lispector*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 23/04/76. FCRB.
- MENEZES, Sandra e outros. *Clarice Lispector*. **Revista Fatos e Fotos**. Dezembro/77. BDFSP.
- MIGUEZ, Cristina. *A morte de Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 10/12/1977. BDFSP.

- MOISÉS, Carlos Felipe. *Clarice Lispector: a ficção em crise*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 22/04/1979. BDFSP.
- MOISÉS, Massaud. *Clarice Lispector: ficção e cosmovisão*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 26/09/70. CEDAE.
- _____. *Clarice Lispector: ficção e cosmovisão*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 03/10/70. BDFSP.
- MOLITERNO, Carlos. "Laços de Família"- *Contos de Clarice*. **Gazeta de Alagoas**. Maceió. 06/01/71. FCRB.
- _____. *Drummond amplia sua "antologia"*. "Um pé de milho", de Rubem Braga. **Gazeta de Alagoas**. Maceió. 10/01/71. FCRB.
- MONTELLO, Josué. *O caminho de Clarice*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 27/12/1977. FCRB.
- MORAES, Emanuel de. *A Via Crucis de Clarice*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 17/08/74. FCRB.
- _____. *Dois romances, dois estilos: Clarice e Elisa*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 08/08/76. FCRB.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn. *Clarice, uma epifania dentro de casa*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 17/06/79. FCRB.
- MOUTINHO, José G. N. *Uma arte que nasceu da solidão*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 12/12/1977. GMC.
- _____. *O último sopro de Clarice - I*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 16/09/79. GMC.
- _____. *O último sopro de Clarice - II*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 23/09/79. GMC.
- _____. *Clarice pergunta para viver*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 09/12/77. BDFSP.
- _____. *Livros que sabem falar às crianças*. **O Jornal**. Rio de Janeiro. 05/11/71. FCRB.
- _____. *Clarice pergunta para viver*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 09/12/77. BDFSP.
- MUZART, Fahide L. *O romance de Clarice - uma aventura espiritual*. **Correio do Povo**. **Caderno de Sábado**. Porto Alegre. 16/12/1978. GMC.

- NASCIMENTO, Dalva Braune P. do, e outros. *Não leio você para literatura, leio você para a vida*. **Jornal de Brasília. Cultura**. Brasília. Distrito Federal. 23/06/1974. GMC.
- NASCIMENTO, Esdras. *Clarice e seus bons momentos*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 20/04/74. GMC.
- NAUDET C.S.C, Irmão Haroldo. *O tema da liberdade nas narrativas de Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 29/04/72. IEL.
- OLIVEIRA, Adones de. *Clarice optou pela viagem dentro de si*. **Folha da Tarde**. São Paulo. 10/12/77. BDFSP.
- OLIVEIRA, Júlio José de. *A/Deus Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 31/12/1977. IEL.
- OLIVEIRA, M. de. *A paixão segundo Clarice Lispector*. **Correio Brasiliense**. Brasília. Distrito Federal. 10/12/1978. GMC.
- PARAÍSO, Bruno. *Clarice, arte da solidão e do mistério*. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro. 09/09/1973. FCRB.
- PEÇONHA, D. L. Nunes. *Clarice Lispector e o confronto com a realidade*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 15/01/1977. GMC.
- PEREIRA, Edgard. *Wander & Clarice*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 16/08/75. IEL.
- _____. *Wander & Clarice*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 11/10/75. IEL.
- PEREIRA, Juvenille. *Seleção de Clarice Lispector*. **O Fluminense**. Niterói. 22/06/75. FCRB.
- PEREIRA, Maura de Senna. *Nós e o mundo*. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. 27/07/75. FCRB.
- _____. *A imitação da Rosa*. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro. 02/12/75. FCRB.
- PEREIRA, Teresinha Alves. *Os contos parábolas de Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 14/05/77. IEL.
- _____. *Clarice Lispector - anotações de leitura*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 16/10/71. IEL.

- _____. *Releitura e re-explicação de a Maçã no Escuro*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 26/04/75. CEDAE.
- PEREZ, Mario A. *Escrevendo com o corpo*. Correio do Povo. Porto Alegre. 04/03/1978. GMC.
- PEREZ, Renará. *O vigor de Clarice*. Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- PESSANHA, José A. M. *Acordes do Ser*. Revista Veja. 07/12/1979. GMC.
- Clarice, da primeira até a última palavra. Folha de São Paulo. São Paulo. 23/12/79. BDFSP.
- PINHEIRO, Nevinha. *Clarice pela última vez*. Jornal do Brasil. São Paulo. 15/12/1977. BDFSP.
- PÓLVORA, Hélio. *Clarice e o seu toque de condão*. Jornal do Brasil. São Paulo. 29/01/72. GMC.
- _____. *Da arte de mexer no lixo*. Jornal do Brasil. São Paulo. 13/08/74. FCRB.
- _____. *Tempestade cerebral*. Jornal do Brasil. São Paulo. 05/06/74. FCRB.
- _____. *“Água viva” da abstração lírica*. Jornal do Brasil. São Paulo. 25/09/73. FCRB.
- _____. *Da arte de apalpar uma maçã no escuro*. Jornal do Brasil. São Paulo. 22/02/75. FCRB.
- _____. *Abrir feridas*. Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- PORTO, Ladislau. *A imaginária Clarice Lispector*. Diário de Pernambuco. Recife. 24/06/79. FCRB.
- PRADO, Marcus. *Sem título*. Lux Jornal - Diário de Pernambuco. Recife. 30/01/72. FCRB.
- _____. *A mulher que matou os peixes*. Diário de Pernambuco. Recife. 25/07/74. FCRB.
- RAWET, Samuel. *A Hora da Estrela, ou as Frutas do Frota, ou um ensaio de crítica literária policial*. Minas Gerais. Belo Horizonte. 03/03/79. FCRB.
- REIS, Roberto. *Epifônia em S. Cristóvão*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 08/10/77. IEL.

- REZENDE, Otto L. *Mãe, filha, amiga*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 10/12/77. CEDAE.
- RIBEIRO, Leo Gilson. *Carta de agradecimento a Clarice Lispector...* **Jornal da Tarde**. São Paulo. 20/01/1972. CEDAE.
- _____. *Clarice, num derradeiro espelho diante de si mesma*. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 23/12/1978. GMC.
- _____. *A hora das estrelas*. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 19/11/77. GMC.
- _____. *Auto-inspeção*. **Veja**. 19/09/73. FCRB.
- RIBEIRO, Octávio. *Ela era uma discordância total*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 22/01/78. GMC.
- ROCHA, Diva V. *Laços de família ou a enunciação do humor*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 25/05/74. IEL.
- RODRIGUES, José Mário e SIQUEIRA, Marcus. *Conversando com Clarice Lispector*. **Jornal do Comércio**. Recife. 30/05/76. FCRB.
- ROWET, Samuel. *A Hora da Estrela ou as Frutas da Frota ou um ensaio de crítica literária policial*. 11/03/79. GMC.
- SÁ, Jorge de. *Perto de Clarice*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 02/06/1979. CEDAE.
- SACRAMENTO, Enock. *Livro de Clarice em 3ª edição*. **Diário do Grande ABC**. 22/02/70. FCRB.
- SALDANHA, Heitor. *Ontem morreu Clarice*. **Folha da Tarde**. São Paulo. 07/01/78. BDFSP.
- SANT'ANNA, Affonso Romano. *Uma leitura de Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 23/11/1974. CEDAE.
- _____. *Clarice: o relatório do mistério*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. Indicação hemerográfica incompleta. GMC.
- _____. *Clarice: o relatório do mistério*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 19/05/74. GMC.
- _____. *Clarice: o relatório do mistério*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 22/06/74. CEDAE.
- _____. *Toda uma obra como uma epifania em progresso*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 20/10/74. FCRB.

- _____. *A epifania de Clarice*. **Suplemento da Tribuna**. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- SEGUERRA, Renee. *A crônica é pequena para o talento da escritora*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 31/08/75. GMC.
- SILVA, José Casado. *Uma revista e três livros*. **Correio de Maceió**. Maceió. 11/03/70. FCRB.
- SILVEIRA, Helena. *Sensibilidade de Clarice através de imagens*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 23/02/78. FCRB.
- _____. *Sensibilidade de Clarice através de imagens*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 23/02/78. BDFSP.
- SILVEIRA, Joel. *Caminho da estante*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 30/01/70. FCRB.
- SÓLON, Sílvia. *Especial: um conto de Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 24/06/77. BDFSP.
- SZKLO, Gilda S. *O conto O Búfalo de Laços de Família e a questão da escrita em Clarice Lispector*. **Minas Gerais**. Belo Horizonte. 31/03/1979. FCRB.
- TÁVOLA, Artur da. *Intensidade e mistério*. **Fatos e Fotos**. 26/12/77. FCRB.
- _____. *As horas tristes de um "feliz aniversário"*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 28/02/78. FCRB.
- TEIXEIRA, Roberto Gonçalves. *De notícias e não notícias*. **Folha de Barão**. Campinas. 21 e 28/07/79. FCRB.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Os laços e suas margens*. **Suplemento da Tribuna**. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- VIEIRA, Carlos Adauto. *A legião de Clarice*. *Na ática*. **A Notícia**. Joinville. 10/02/78. FCRB.
- VIEIRA, Flávio Pinto. *O papo íntimo de Clarice e Sabino*. **Jornal Opinião**. Rio de Janeiro. 19/09/1975. FCRB.
- VIEIRA, Luiz Gonzaga. *Situações da ficção brasileira*. **Minas Gerais**. Belo Horizonte. 22/07/71. FCRB.

- _____. *O coração selvagem de Clarice Lispector*. **Diário de Pernambuco**. Recife. 03/06/73. FCRB.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. *Fragmentos*. **Suplemento da Tribuna**. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.
- VOGT, Carlos. *Velhos temas de Clarice na miséria de Macabéa*. **Isto é**. 21/12/1971. GMC.
- WANDERLEW, Berilo. *Contos I*. **A República**. Natal. 04/01/78. FCRB.
- ZILBERMAN, R. *Clarice Lispector - I - O encontro da matéria viva*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 13/03/1971. GMC.
- _____. *Clarice Lispector - II - O encontro da matéria viva*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 20/03/1971. GMC.
- _____. *Clarice Lispector - III - O encontro da matéria viva*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 26/03/1971. GMC.
- _____. *A possibilidade individual*. *Clarice Lispector - III*. **Correio do Povo**. Porto Alegre. 27/03/71. FCRB.

Sem indicação de autoria

- Água furtada*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 28/01/70. FCRB.
- Lispector e seu coração*. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo. 01/02/70. FCRB.
- Perto do coração selvagem*. **Gazeta Mercantil**. São Paulo. 21/02/70. FCRB.
- Livros novos*. **Diário de Sorocaba**. Sorocaba. 08/03/70. FCRB.
- Clarice em castelhano*. 04/06/70. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- Libros*. Caracas. Agosto/1970. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.
- Livros novos*. **O Estado do Paraná**. Curitiba. 01/08/70. FCRB.
- Les leçons satriennes de Clarice Lispector*. **Le Monde**. 19/09/70. FCRB.
- Extra*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 20/12/70. FCRB.
- Lispector: Laços de Família*. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro. 20/12/70. FCRB.
- Reseña bibliografica*. **ABC**. Asunción. 27/12/70. FCRB.

"Não sei" é expressão bem comum de Clarice. **Zero Hora.** 30/12/70. FCRB.

Livros novos. **Lux Jornal.** São Paulo. 13/01/71. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

A boa Clarice dos "Laços de Família". **Folha da Tarde.** Porto Alegre. 16/01/71. FCRB.

Laços de Família - contos de Clarice. 17/01/71. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Livro. O Estado do Paraná. Curitiba. 06/02/71. FCRB.

Sem título. O Globo. Rio de Janeiro. 15/10/71. FCRB.

A volta do cronista. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro. 21/10/71. FCRB.

Garotêia. **O Globo.** Rio de Janeiro. 30/10/71. FCRB.

Clarice, um mistério sem muito mistério. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro. 02/11/1971. BDFSP.

Sem título. O Estado de São Paulo. São Paulo. 14/11/71. FCRB.

Aqui, bons livros de contos. 06 ou 08/12/71. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Livro. 21/12/71. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Livro. O Estado do Paraná. Curitiba. 05/01/72. FCRB.

Clarice Lispector: Crônica: Não faço. Conto histórias. **Jornal da Tarde.** São Paulo. 14/03/72. FCRB.

Ruy Santos filmará "Uma aprendizagem", de Clarice Lispector. **O Globo.** Rio de Janeiro. 15/06/72. FCRB.

Clarice prefere liberdade. **Última Hora.** Rio de Janeiro. 19/08/72. FCRB.

Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Mito e ideologia. **Suplemento Minas Gerais.** Belo Horizonte. 26/08/72. FCRB.

O que há para ler. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 30/09/72. FCRB.

A difícil alegria. **Jornal de Letras.** Rio de Janeiro. Setembro/72. FCRB.

O desequilíbrio ou a vida real. **O Globo.** Rio de Janeiro. 19/08/73. FCRB.

A vertigem do verbo. **O Globo.** Rio de Janeiro. 30/09/73. FCRB.

Sem título. **Tribuna.** Rio de Janeiro. 05/01/74. FCRB.

Para Clarice Lispector, só vale a literatura do amador. **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 05/07/1974. FCRB.

A água viva de Clarice Lispector. **A Tribuna.** Vitória. 16/08/74. FCRB.

Clarice de entrevistada a entrevistadora. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 06/04/75. BDFSP.

Clarice. Belém. 08/04/75. FCRB.

Clarice um universo de sugestões. **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 16/04/1975. BDFSP.

Panorama da Fotografia no Brasil desde 1832. **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 18/10/75. IEL.

Uma queixa de Clarice contra a falta de criatividade dos outros. **Jornal da Tarde.** São Paulo. 10/04/1976. BDFSP.

Clarice Lispector y el análisis de sus obras. **La Nacion.** 17/04/76. FCRB.

Clarice Lispector é premiada. 22/04/76. Indicação hemerográfica incompleta. BDFSP.

Escritores: o maior prêmio para Clarice. Brasília, Distrito Federal. 24/04/76. FCRB.

Prêmio Brasília para Clarice Lispector. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 25/04/1976. FCRB.

Clarice regressa de Buenos Aires. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 16/04/1976. BDFSP.

Prêmio Brasília: Clarice Lispector. **Jornal de Letras.** Rio de Janeiro. Maio/76. BDFSP.

Entrada na academia não entusiasma escritores. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 16/10/1976. BDFSP.

Clarice não escreve para desabafar. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 22/10/1976. BDFSP.

Chega de choro. Clarice Lispector no encontro dos escritores. Fui espoliada. **Revista Veja.** 03/11/1976. BDFSP.

Clarice Lispector X editores. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 08/11/1976. BDFSP.

Aqui, uma lenda de Clarice. **City News.** São Paulo. 05/12/76. FCRB.

La leyenda Clarice Lispector. **El Día.** Montevideú. 15/01/77. FCRB.

Trechos do novo livro de ficção de Clarice Lispector. **Última Hora.** Rio de Janeiro. 16/01/77. FCRB.

Escritoras brasileiras publicaram em "El Cuento". Clarice Lispector. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 07/05/1977. IEL.

Especial um conto de Clarice Lispector. Folha de São Paulo. São Paulo. 24/06/77. BDFSP.

Estrangeiros de olho na nossa literatura. Folha de São Paulo. São Paulo. 13/09/1977. BDFSP.

Clarice sob o ponto de vista uruguaio. Folha de São Paulo. São Paulo. 22/10/1977. BDFSP.

Clarice Lispector, quarenta anos de vida literária. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 09/12/1977. JB.

Morreu Clarice Lispector. Folha da Tarde. São Paulo. 10/12/77. BDFSP.

Clarice será sepultada amanhã no cemitério israelita do Caju. O Globo. Rio de Janeiro. 10/12/1977. BDFSP.

Clarice morreu. Sem saber que morria. Jornal da Tarde. São Paulo. 10/12/77. BDFSP.

Clarice Lispector. A mulher que veio de longe. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 10/12/19. BDFSP.

A ficção intimista perde Lispector. Folha da Tarde. São Paulo. 10/12/1977. BDFSP.

Morte de Clarice deixa vazio o meio literário. Jornal do Comércio. Recife. 10/12/77. FCRB.

Morreu Clarice Lispector que escrevia para entender melhor os homens e o mundo. Correio do Povo. Porto Alegre. 10/12/77. FCRB.

Morre no Rio, aos 59 anos, Clarice Lispector, uma das maiores escritoras do País. Diário de Pernambuco. Recife. 10/12/77. FCRB.

Clarice Lispector: "A morte é um ato de vida." O Popular. Goiânia. 10/12/77. FCRB.

Acreditava que livro nascesse como árvore. Jornal da Tarde. São Paulo. 10/12/1977. BDFSP.

Para os amigos, o consolo da grande herança. Jornal da Tarde. São Paulo. 10/12/1977. BDFSP.

Clarice Lispector. Um ato de vida. Jornal de Brasília. Brasília. 10/12/77. FCRB.

Morreu Clarice Lispector. Folha da Tarde. São Paulo. 10/12/77. BDFSP.

A ficção intimista perde Lispector. Folha da Tarde. São Paulo. 10/12/77. BDFSP.

Sepultamento de Clarice será simples e discreto. O Globo. Rio de Janeiro. 11/12/1977. FCRB.

Humilde coragem de viver e de morrer... Indicação hemerográfica incompleta. BDFSP.

Clarice foi sepultada ontem com simplicidade. Folha da Tarde. São Paulo. 12/12/77. BDFSP.

Uma cerimônia simples. E Clarice Lispector foi sepultada. Jornal da Tarde. São Paulo. 12/12/1977. BDFSP.

Clarice Lispector é sepultada. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 12/12/1977. BDFSP.

O Adeus a Lispector. O Estado de São Paulo. São Paulo. 13/12/1977. BDFSP.

Clarice Lispector. Missa de Ressurreição. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 14/12/1977.

Clarice Lispector, quarenta anos de vida literária. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 17/12/77. IEL.

Dos mistérios de Clarice (entrevista). Suplemento da Tribuna. Rio de Janeiro. 17-18/12/77. FCRB.

Pequeníssima biografia de Clarice Lispector. Jornal de Domingo. Jundiaí. 18/12/77. FCRB.

Clarice. O Globo. Rio de Janeiro. 23/12/77. FCRB.

Clarice Lispector em entrevista no 2. O Estado de São Paulo. São Paulo. 28/12/1977.

Clarice Lispector, o silêncio do Coração Selvagem. Revista Manchete. 24/12/1977.

Clarice Lispector é tema de tese no concurso da PUC. Folha de São Paulo. São Paulo. 14/06/78. BDFSP.

Biblioteca recebe nome de escritora. Folha da Tarde. São Paulo. 08/07/78. BDFSP.

Estranhos itinerários: Cortázar e Clarice Lispector. O Estado de São Paulo. São Paulo. Trad. Osvaldo Barreiros. 29/10/78. BDFSP.

Clarice Lispector através de Paris. Folha de São Paulo. São Paulo. 09/12/1978. BDFSP.

Um ano sem Clarice. Desfile. Dezembro/78. Indicação hemerográfica incompleta. BDFSP.

Em busca de um leitor ideal. Folha de São Paulo. São Paulo. 02/09/1979. BDFSP.

Clarice Lispector do começo ao fim. Jornal do Brasil. São Paulo. 17/11/1979. GMC.

A Hora da Estrela para lembrar Clarice no palco. Folha de São Paulo. São Paulo. 09/12/79. BDFSP.

Clarice some do teatro, produtora conta por quê. Folha de São Paulo. São Paulo. 11/12/79. BDFSP.

Clarice até pode voltar para o teatro. Folha de São Paulo. São Paulo. 13/12/79. BDFSP.

Década de 80

ABREU, Caio Fernando. *Por telepatia. Revista Veja.* 09/01/80.

F. . *Os mistérios que Clarice Lispector legou. Folha de São Paulo.* São Paulo. 15/12/85. GMC.

ALMEIDA, Ana Maria de. *O it/íd da escritura.* 01/06/85. Indicação hemerográfica incompleta. CEDAE.

A felicidade reveladora de Clarice. Folha de São Paulo. São Paulo. 16/09/81. BDFSP.

ANNA, A.R.S. *Conversa com Clarice III. Jornal do Brasil. Caderno Brasil Especial.* Rio de Janeiro. 29/11/87. GMC.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Visão de Clarice. Suplemento Minas Gerais.* Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.

ARAGÃO, Diana. *A Hora da Estrela. Bethania num show... Jornal do Brasil.* Rio de Janeiro. 14/08/84. JB.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. *Clarice Lispector em Brasília. Brasiliários, ressuscitando. Correio Brasiliense.* Brasília. Distrito Federal. 01/09/85. GMC.

_____. *A redescoberta de Clarice. Correio Brasiliense.* Brasília. Distrito Federal. 18/12/84. GMC.

- ARÊAS, Wilma. *A moralidade da forma*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- _____. *Clarice Lispector na armadilha do sucesso*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 10/06/89. CEDAE.
- ÁVILA, Affonso. *A tradição do novo*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 20/02/83. IEL.
- AZEVEDO, Carlos A. *Clarice Lispector*. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro. Março/82.
- BADER, Wolfgang. *Exposição de livros alemães no Brasil*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 30/05/87. IEL.
- BÁRBARA, Danúsia. *Clarice por Clarice (arte-final por Olga Borelli)*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 23/05/81. JB.
- _____. *Clarice Lispector: crônica sem tempo*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 02/12/84. BDFSP.
- BARROS, José Tavares de. *Não esquecer que, por enquanto é tempo de morangos: A Hora da Estrela*. **Suplemento do Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- BIANCIOTTI, Hector. *Santa Clarice de Ávila*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. Trad: Ângela Serra. 19/12/87. IEL.
- BINS, Patrícia. *Giovani Pontiero/tradutor de ...*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 03/08/85. IEL.
- _____. *Giovani Pontiero a arte de traduzir escritores latino-americanos*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 25/08/85. IEL.
- BONVICINO, Mônica. *Clarice Lispector conta lendas*. **Folha de São Paulo**. Folhinha. São Paulo. 13/12/87. BDFSP.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector revela a estrutura trágica do cotidiano*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 12/10/89. CEDAE.
- BRANDÃO, I.C. *Luminosa Clarice*. **Shopping News**. 30/12/84. CEDAE.
- _____. *A inédita e humana Clarice Lispector*. **Folha da Tarde**. São Paulo. 18/01/81. BDFSP.
- BRASIL, Assis. *Linguagem em Clarice Lispector e em Machado de Assis*. **Jornal da Tarde**. São Paulo. Fevereiro/Março/87. FCRB. . . .

- CAMBARÁ, Isa. *Maria Betânia no show a estrela de Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 05/08/84. CEDAE.
- CAMPELLO, Myriam. *Primeiras e últimas histórias*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 06/01/80. GMC.
- CANDIDO, Antonio. *No raiar de Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- CARELLI, Mário. *Vestígios de um "amor impossível"*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 20/08/88. CEDAE.
- CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna de. *Clarice Lispector - um exercício de decifração*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- CASTELLO, José. *Os órfãos de Clarice*. **Correio Popular**. Campinas. 10/01/88. CEDAE.
- _____. *Clarice na moda*. **Isto é**. 04/06/86. GMC.
- _____. *Os anos 80 deram romance?* **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 20/02/88. BDFSP.
- CASTELHANOS, Rosário. *Clarice Lispector : a memória ancestral*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- CASTILLO, Adriana P. *Feliz aniversário de Clarice Lispector*. *Abordagem*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 08/05/87. GMC.
- CHNAIDERMAN, Mirian. *Passeando entre a literatura e a psicanálise*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- CIXOUS, Hélène. *Presença de Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28/11/82. GMC.
- _____. *Clarice Lispector titane délicate*. **La Quinzaine littéraire**. Abril/87. BDFSP.
- COMODO, Roberto. *Rosa dos ventos. Um projeto anticrise*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 19/12/87. BDFSP.
- DAPIEVE, Arthur e TAHAN, Ana Maria. **Jornal do Brasil**. *Idéias*. Rio de Janeiro. 25/10/86. BDFSP.
- DUARTE, Júlio Carlos. *O calendário segundo Clarice Lispector*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 21/11/87. BDFSP.

- FARIA, Álvaro Alves de. *A vida nas mãos de Clarice*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 09/03/80. BDFSP.
- _____. *Clarice Lispector por Clarice Lispector*. **Jornal da Tarde**. São Paulo. 01/04/89. BDFSP.
- FARIAS, Marcílio. *Rápida lembrança de Clarice*. **Correio Brasiliense**. Brasília. Distrito Federal. 04/05/80. GMC.
- FERNANDES, Anchieta. *Visão/Versão de escritora brasileira por escritora canadense*. **O Galo**. Natal. Abril/89. IEL.
- FERNANDES, Heloísa. *Evento marca dez anos da morte de Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 26/11/87. CEDAE.
- FIGUEIREDO, Maria Cristina Viana. *A personalidade feminina na literatura de Clarice Lispector*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 03/05/86. IEL.
- FISCHER, Almeida. *Depoimentos de escritores também ensinam literatura*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/09/81. IEL.
- FORTUNA, Felipe. *Deus do começo ao fim*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 25/10/86. JB.
- _____. *Clarice Lispector e Deus*. **Folha de São Paulo**. **Folhetim**. São Paulo. 02/11/86. BDFSP.
- FOSCHINI, Ana Carmem. *Obras de Lispector e Mário de Andrade... Archives*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 16/06/89. GMC.
- FRANCIS, Paulo. *Clarice Lispector*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 24/01/87. GMC.
- FRANCISCO, Severino. *Duas décadas que se passam em dois dias*. **Correio Brasiliense**. Brasília. Distrito Federal. 01/09/85. GMC.
- _____. *Nunes: O profano e o místico em Clarice*. **Correio Brasiliense**. Brasília. Distrito Federal. 26/05/87. FCRB.
- FRANCO Jr., Arnaldo. *Clarice segundo Olga Borelli*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- FREITAS, Lenilde de. *Desentranhando poemas da pura de Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 18/09/83. IEL.

- _____. *Desentranhando poemas da prosa de Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 18/09/83. BDFSP.
- GARCIA, Frederick C. H. *Uma visão de Clarice Lispector*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. Julho/80. IEL.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Perto do selvagem coração da vida*. Visão. São Paulo. 18/12/87. GMC.
- GONÇALVES FILHO, Antônio. *Clarice Lispector ou o jogo do sim e do não*. Folha da Tarde. São Paulo. 11/12/85. BDFSP.
- _____. *Continua intacto o "mistério" de Clarice Lispector, que faria ontem sessenta anos*. Folha da Tarde. São Paulo. 11/12/85. BDFSP.
- GOTTIB, Nádia Battella. *A casa: contos, encantos e desencantos do espaço doméstico feminino*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 07/07/84. IEL.
- _____. *Clarice Lispector, um retrato digno*. Folha de São Paulo. São Paulo. 21/08/83. BDFSP.
- _____. *Lembrando Clarice*. Minas Gerais. Belo Horizonte. 19/12/87.
- GUERRA, Kido. *As estrelas foram Suzana e Clarice*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 03/10/85. GMC.
- GUIMARÃES, Valmiki Villela. *Clarice Lispector em duas histórias*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- HELENA, Lúcia. *Perfis de mulher na ficção brasileira dos anos 80*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 18/07/87. IEL.
- IGEL, Regina. *O tigre de bengala: os pólos invisíveis da solidão humana*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 07/07/85. IEL.
- JOSEF, Bella. *A paixão segundo Clarice Lispector*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 01/08/81. IEL.
- _____. *A paixão segundo Clarice Lispector*. O Globo. Rio de Janeiro. 31/05/81. JB.
- _____. *No quinto aniversário da morte de Clarice Lispector*. O Globo. Rio de Janeiro. 08/12/82. GMC.

- _____. *A obra de Clarice Lispector dez anos depois. Vão sem fim.* **O Globo.** Rio de Janeiro. 13/12/87. JB.
- _____. *Vão sem fim.* **O Globo.** Rio de Janeiro. 13/12/87. BDFSP.
- LAJOLO, M. *Nada aconteceu com Laura. Imagine...* **Jornal da Tarde.** São Paulo. 13/08/83. GMC.
- LANDO, Vivien. *Uma defensora da emoção sem receita.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 23/04/86. GMC.
- LUCAS, Fábio. *O paraíso destruído.* **Suplemento Minas Gerais.** Belo Horizonte. 31/08/85. IEL.
- MARQUES, Toni e TEIXEIRA, Luciano Trigo. *"A hora da estrela" Os críticos daqui e de fora estão reconhecendo o inegável: Clarice Lispector é nossa maior escritora.* **Jornal do Brasil. Idéias.** Rio de Janeiro. 25/10/86. BDFSP.
- MARTINS, Vítor Hugo. *Por amar Clarice.* **Correio de Notícias.** Porto Alegre. 16/12/84. GMC.
- MAUAD, Isabel Cristina. *A magia leva Claire a Clarice.* **O Globo.** Rio de Janeiro. 24/04/89. BDFSP.
- MERTIN, Ray-Güde. *Notícias: Clarice Lispector na Alemanha.* **Suplemento Minas Gerais.** Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- MESQUITA, Rodrigo. *Interesse dos espanhóis por Clarice Lispector.* **Gazeta Mercantil.** 02/02/89. BDFSP.
- MILAN, Betty. *Presença de Clarice Lispector.* Entrevista de Hélène Cixous. **Folha de São Paulo.** São Paulo. 28/11/82. BDFSP.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico.* **Suplemento Minas Gerais.** Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- MODERNELL, Renato. *O coração selvagem de Clarice.* **Especial Revista Cláudia.** Maio/89. GMC.
- MOREIRA, V. M. *Clarice escafandrista do Tempo Perdido.* **O Globo.** 11/07/82. GMC.
- NASCIMENTO, Esdras do. *Viagem pessoal.* **O Globo.** Rio de Janeiro. Set/88. BDFSP.

- NETO, João C. M. *Contam de Clarice*. **Folha de São Paulo**. 17/11/85. BDFSP.
- NOLL, João Gilberto. *Agora uma estrela*. **Leia Livros**. São Paulo. Dez/87. CEDAE-IEL.
- NUNES, Maria Aparecida. *A trajetória de uma transgressora*. **Mogi News**. Mogi das Cruzes (SP). 23/01/83. GMC.
- _____. *A mulher na literatura*. **Mogi News**. 30/01/83. GMC.
- OLIVEIRA, Marly de. *Clarice, cinco anos depois*. **Folha de São Paulo (Folhetim)**. São Paulo. 19/12/82. BDFSP.
- _____. *O novo durável*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 10/01/81. GMC.
- PELEGRINO, Hélio. *Clarice: a paixão do real*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 02/12/87. IEL.
- _____. *Sabia, ficção & poema*. **Suplemento Minas Gerais**. Dez/87. GMC.
- PENNA, João Camillo. *A imitação da barata*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 18/12/87. CEDAE.
- PEREIRA, EGMCar. *Emoção, seja no livro ou no filme. É sempre Clarice*. **Jornal da Tarde (SP)**. 24/04/86. BDFSP.
- PIRES, Ezio. *Clarice Lispector. Uma homenagem 10 anos depois*. **Correio Braziliense**. 09/12/87. BDFSP.
- PIRES, Paulo Roberto. *Encontros com Clarice*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 20/02/88. BDFSP.
- PONTIERO, Giovanni. *Tradutor de Drummond, Lispector, Bandeira, Nélida, Lygia*. **Minas Gerais (suplemento)**. Agosto/85. IEL.
- _____. *O canto do cisne de uma escritora*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 05/12/87. BDFSP.
- _____. *Algumas reflexões sobre "A Hora da Estrela"*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 08/04/84. IEL.
- PONZIO, Ana Francisca. *Um mergulho no universo de Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 01/11/89. BDFSP.
- PRADO, Adélia. *A maçã no escuro*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.

- REIS, Roberto. *Além do humano*. Minas Gerais. 05/12/81. GMC.
- RÉGIS, Sônia. Olga Borelli. *Esboço para um possível retrato*. O Estado de São Paulo (Resenha). 05/07/81. IEL.
- _____. *O pensamento judaico em Clarice Lispector*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 14/05/88. CEDAE.
- RIBEIRO, Leo Gilson. *Inéditos de Clarice, para se conhecer melhor Clarice*. Jornal da Tarde. São Paulo. 30/05/81. BDFSP.
- _____. *Clarice, uma mulher que morreu pela vontade de escrever*. Jornal da Tarde. São Paulo. 09/12/82. GMC.
- _____. *Um reencontro fascinante com o universo de Clarice*. Jornal da Tarde. São Paulo. 27/08/83. CEDAE-IEL.
- _____. *A silenciosa revolução de Clarice*. Jornal da Tarde. São Paulo. 12/12/87. BDFSP.
- ROCHA, Diva Vasconcellos da. *Paixão e morte do narrador segundo o narrador*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 22/11/80. IEL.
- _____. *Paixão e morte do narrador segundo o narrador*. Suplemento do Minas Gerais. Belo Horizonte. 29/11/80. IEL.
- ROSSI, Maria Helena. *Os sucessivos e redondos vácuos*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 05/09/81. IEL.
- RUTA, Susanne. *Todo o encanto de Clarice. Em inglês*. Jornal da Tarde. São Paulo. 04/02/89. CEDAE.
- _____. *Todo o encanto de Clarice. Em inglês*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 04/02/89. BDFSP.
- SABINO, Fernando. *Dito e feito (10 anos de falecimento de Clarice Lispector)*. O Globo - Jornal da Família. 29/11/87.
- _____. *Dentro do circo selvagem*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 29/11/87.
- SAMOR, Lucienne. *O anticonto por excelência*. Suplemento Minas Gerais. 05/12/81. GMC.
- SANTANNA, Affonso Romano. *Sete anos sem Clarice*. Jornal do Brasil. São Paulo. 09/12/84. BDFSP.

- SANTIAGO, Silviano. *Clarice Lispector. Biografia Intelectual*. **Jornal do Brasil. Idéias. Reportagem**: MARQUES, Toni e TEIXEIRA, Luciano Trigo. 25/10/86. BDFSP.
- SANTOS, Roberto Correa. *Estranhos embora íntimos*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 24/01/87. JB.
- SANTOS, Vânia Borges. *Clarice Lispector no "Suplemento Literário do Minas Gerais"*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 19/12/87. IEL.
- SARAIVA, Arnaldo. *Marly de Oliveira: Escrever é para mim ...* **Jornal de Letras Artes e Idéias (RJ)**. 19/04/88. GMC.
- SCALZO, Nilo. *Nos primeiros contos, traços essenciais de Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 06/01/80. BDFSP.
- SCHILD, Suzana. *Novamente perto do coração selvagem*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 11/12/84. BDFSP.
- SCHLAFMAN, Leo. *Clarice pelo mundo*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 20/07/86. BDFSP.
- SCHULKE, Evelyn. *Uma amizade imprevista. Um livro imprevisto*. **Jornal da Tarde (SP)**. 30/05/81. BDFSP.
- _____. *Clarice: o vício de escrever. Nossos escritores em ação*. **Jornal da Tarde (SP)**. 06/12/80. GMC.
- SOUZA, Marta de Mello e Souza. *Passeio pelas entranhas do cotidiano*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 04/11/84. BDFSP.
- SOUZA, Naum Alves de. *De Adélia a Clarice*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 06/12/87. GMC.
- SPERBER, Suzi F. *Clarice Lispector. Uma judia no Brasil*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 30/09/89. BDFSP.
- VELOSO, Marco. *Marilena Ansaldi revisita Clarice Lispector*. **Folha São Paulo**. 31/10/89. BDFSP.
- VIEIRA, Nelson H. *A expressão judaica na obra de Clarice Lispector*. **Zero Hora (RS)**. 17/12/88. BDFSP.
- VIEIRA, Vergílio Alberto. *Clarice Lispector: entre a escrita ea Humanidade derrotada*. **Jornal de Letras, Artes e Idéias**. 12 a 18/12/89. CEDAE.

Narrativa requintada. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 13/02/82. CEDAE.

WALDMAN, Berta. *A paixão de Clarice, segundo Clarice.* **Correio Popular.** 12/09/82. CEDAE.

ZAGO, Antônio. *Clarice Lispector, sempre revelação.* **Folha de São Paulo.** São Paulo. 10/08/80. BDFSP.

Sem indicação de autoria

Uma visão de Clarice Lispector. **Minas Gerais.** Belo Horizonte. 27/07/80. FCRB.

Lispector, uma leitura sempre obrigatória. 01/02/81. BDFSP.

Uma nova edição deste belo livro de Clarice. **Folha da Tarde.** São Paulo. 26/02/81. BDFSP.

Clarice Lispector, o possível retrato. **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 04/06/81. BDFSP.

A inédita e humana Clarice Lispector. **Folha da Tarde.** São Paulo. 18/06/81. BDFSP.

Clarice Lispector. **Suplemento Minas Gerais.** Belo Horizonte. 11/07/81. IEL.

Homenagem a Clarice Lispector. **Folha da Tarde.** São Paulo. 12/12/81. BDFSP.

Clarice. Doando um fragmento iluminado de si mesma. Nestas crônicas. **Jornal da Tarde.** São Paulo. 16/11/84. BDFSP.

Clarice em cassete. **Isto é S/A.** 12/12/84. CEDAE.

Clarice Lispector: mission secrete. **Libération.** 03/08/85. BDFSP.

A hora de Clarice no cinema. **O Estado de São Paulo.** 23/04/86. BDFSP.

Clarice Lispector. O mistério do indizível. **A Gazeta.** Vitória. 28/06/86. FCRB.

O que a crítica não viu. **Jornal do Brasil. Idéias.** Rio de Janeiro. 25/10/86. JB

Mistérios de Clarice. Isto é. 09/12/87. GMC.

O demônio não suporta o mistério. [A burrice do demônio de Hélio Pellegrino. **RESENHA. Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 10/12/88.

Clarice Lispector por Clarice Lispector. Literatura. Jornal da Tarde. Caderno de Sábado. São Paulo. 01/01/89. BDFSP.

Literatura. A escritora Clarice Lispector está virando moda na península Ibérica. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 08/03/89. BDFSP.

Década de 90

ABREU, Caio Fernando. *Clarice Lispector ressurge em carta inédita.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 25/07/94. CEDAE.

_____. *Texto mostra escritora sem retoques.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 21/02/95. BDFSP.

BARROS, André Luís. *Clarice Lispector.* **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 25/02/95. CEDAE.

BRAGA, Rubem. *Clarice não podia adivinhar.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 20/10/90. BDFSP.

CASTELLO, José. *Mostra faz perfil de Clarice Lispector.* **O Estado de São Paulo.** São Paulo. 22/11/92. CEDAE.

COLASANTI, Marina. *Clarice, perto do coração.* **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. 07/11/92. CEDAE.

COUTINHO, Paulo César. *A "alma vendida" de Lispector.* **O Globo.** Rio de Janeiro. 08/03/92. BDFSP.

DANTAS, Maria Da Paz Ribeiro. *O abismo do mundo sob duas perspectivas.* **O Galo.** Março/Abril 1990. IEL.

DUMAR, Deborah. *Emoções da sofisticação.* **O Globo.** Rio de Janeiro. 09/07/90. BDFSP.

ESTILL, Daniel Argolo. *"Coração Selvagem" seduz com erotismo.* **Folha de São Paulo.** São Paulo. 14/10/91. BDFSP.

- FALCÃO, Lorem. *Clarice Lispector. Crônica de uma paixão assassinada*. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro. 25/03/95. BDFSP.
- FRANCO, Carlos. *Arquivo em Centro de Cultura tem obras inéditas de Lispector*. **Correio Popular**. Campinas. 12/01/92. CEDAE.
- _____. *Dor e liberdade nos quadros de Clarice Lispector*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 12/01/92. BDFSP.
- FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. *Cartografia de uma sensibilidade*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 16/06/96.
- GUAÍUME, Silvana. *Paixão de Clarice*. **Correio Popular**. Campinas. 11/05/94. CEDAE.
- LENCASTRE, Carla. *Paixão misteriosa de Clarice*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 02/11/92. BDFSP.
- _____. *Um belo vedíssimo. I Ching*. **O Globo**. Rio de Janeiro. 17/11/92. BDFSP.
- MARTINS, Marília. *Clarice de volta às livrarias*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 10/11/91. CEDAE.
- MAUAD, Isabel Cristina. *Vaidade inteligente de Lispector*. **O Globo**. 26/10/91. BDFSP.
- MILAN, Betty. *Editora francesa lançará toda a obra de Clarice. Autora era "lacaniana"*. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28/03/93. BDFSP.
- MODERNELL, Renato. *A Hora da Estrela*. **Revista Cláudia**. Novembro/90.
- MOISÉS, Massaud. *Clarice Lispector: introspecção e lirismo*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 20/07/91. CEDAE.
- NICOLAU, Roselena. *Misteriosa Clarice*. **Jornal do Brasil**. São Paulo. 29/01/94. JB.
- ORICHIO, Luiz Zanin. *José Garcia levou contos da autora para o cinema*. **O Estado de São Paulo**. São Paulo. 21/ 02/95.
- ORSINI, Elizabeth. *Esboço de uma possível pintora*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 04/11/92. BDFSP.
- PAOLOZZI, Vítor. *EUA investem na literatura latino - americana*. **Folha de São Paulo**. 07/01/91. BDFSP.
- PONTIERO, Giovani. *A precisão matemática na literatura intuitiva*. **Suplemento Minas Gerais**. Belo Horizonte. 15/09/90. CEDAE.

- RODRIGUES, Antônio Medina. *Clarice Lispector e/ou filosofia e ficção*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 18/03/91. BDFSP.
- SANDRONI, Laura. *Belos relatos sobre os animais*. O Globo. Rio de Janeiro. 18/03/92. BDFSP.
- TREVISAN, Zizi. *A personagem no conto*. Suplemento Minas Gerais. Belo Horizonte. 04/08/90. CEDAE-IEL.
- WALDMAN, Berta. *Decifrar Clarice*. Folha de São Paulo. Jornal de Resenhas. São Paulo. 01/05/95.
- Clarice para ser lida, não dissecada*. Jornal da Tarde. São Paulo. 27/04/90. CEDAE.
- A hora da estrela*. Revista Cláudia. Nov./90.
- Clarice diseca a classe média*. Folha de São Paulo. São Paulo. 02/01/91. CEDAE.
- O que ela estava lendo*. Folha de São Paulo. São Paulo. 25/05/91. BDFSP.
- Clarice Lispector deixa quadros pintados por seus personagens*. Correio Brasiliense. 14/01/92. BDFSP.
- Para lembrar Clarice*. O Dia D. Rio de Janeiro. 02/01/93. CEDAE.
- Os caminhos do livro*. Círculo do Livro. Mar/Abr 1993.
- Biografia percorre labirintos de Clarice*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 21/02/95. BDFSP.
- Mestre de disfarce apaga o rosto de uma mulher*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 21/02/95. BDFSP.
- Clarice Lispector*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 28/02/95.
- A vida de mistérios e paixões segundo Clarice Lispector*. O Globo. Rio de Janeiro. 12/03/93. BDFSP.
- Alemanha lembra obra de Clarice Lispector*. Folha de São Paulo. São Paulo. 14/11/95.

Sem data

R. *Laços de família*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

ALVES FILHO, Ernesto. *Momento literário*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

BRAGA, Rubem. *Clarice Lispector e umas contistas cariocas*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

BRASIL, Assis. *Nós temos melhor*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

O domingo é nosso. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

MEIRA, Mauritônio. *Confederação da Indústria prometeu Cr\$ 1 milhão à Academia mas ainda não deu*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

MOURA, Reinaldo. *Clarice Lispector. O Correio do Povo*. FCRB.

OLIVEIRA, Marly de. *Interpretação de obra de Clarice Lispector*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

_____. *Crítica da crítica*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

_____. *O Romance Clariciano*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

_____. *A Cidade Sitiada*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

PORTELA, Eduardo. *A forma expressional de Clarice Lispector*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

RIBEIRO, Léo Gilson. *Tentativa de explicação*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

RIEDEL, Dirce Cortes. *O enunciado de uma aprendizagem*. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Perto do coração selvagem. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Laços. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Livros. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Uma obra-prima de Clarice. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Preferências. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Clarice: "Laços", hoje. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Clarice Lispector. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Escritoras brasileiras pela imortalidade com elegância. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Um homem e uma mulher. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Contribuição ao guia do repórter literário. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Porque hoje é sábado. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

Da angústia à espionagem. Indicação hemerográfica incompleta. **Correio da Manhã**. FCRB.

Louca: o outro, nós, vós, mim. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

"Maçã no Escuro" no próximo ano. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

"Laços de Família" lançado. Indicação hemerográfica incompleta. FCRB.

2 - Estudos sobre Clarice Lispector:

ANDRADE, Ana Luíza. *Clarice Lispector e Nelson Rodrigues: Paródias/Poéticas Inter(t)sex(t)uais*. In: FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, pp. 147 - 158.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector. Esboço para um Possível Retrato**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

BRANCO, Lúcia Caslello. *Feminino Feminino: Clarice com Cixous*. In: FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, pp. 49 - 58.

CORDOVANI, Glória Maria. **Clarice Lispector: Esboço de uma Bibliografia**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1991, Dissertação de Mestrado, mimeo.

- DUARTE, Edson Costa. **Clarice Lispector: Máscara Nua**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, 1996, Dissertação de Mestrado, mimeo.
- FUNCK, Susana Bornéo. *Da questão da mulher à questão do gênero*. In: FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, pp. 17 - 23.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice. Uma Vida que se Conta**. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1995.
- GUIDIN, Márcia Lígia. **A Hora da Estrela Clarice Lispector**. São Paulo, Ática, 1994.
- LANZA, Sônia M. **A Hora da Estrela: Fragmentos de um texto plural**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996, mimeo.
- MIRANDA, Ana. **Clarice Lispector: O Tesouro de minha Cidade**. Nº 3. Rio de Janeiro. Relume-Dumará e Prefeitura do Rio de Janeiro, 1996, Coleção: Perfis do Rio.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *A fantástica verdade de Clarice Lispector*. In: **Flores da Escrivadinha: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 159 - 177.
- NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Quíron, 1973.
- _____. **O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector**. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1995.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de Oliveira. *A mulher enquanto artista: A estética da castração em Lya Luft, Clarice Lispector, Virginia Woolf*. In: FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, pp. 309 - 316.
- _____. **A Barata e a Crisálida: O Romance de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro/ Brasília, José Olympio/INL, 1985.
- PEREZ, Renard. *Clarice Lispector*. In: **Escritores Brasileiros Contemporâneos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, pp. 73 - 81.
- SÁ, Olga. **A Escritura de Clarice Lispector**. 2ª edição. Petrópolis/São Paulo. Vozes/ PUC. 1993. (1ª edição, 1979)
- _____. **Clarice Lispector, A Travessia do Oposto**. São Paulo. Ed. Annablume, 1993.

- SANT'ANNA, Affonso Romano. *Laços de Família e Legião Estrangeira*. In: **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. Petrópolis, Vozes, 1973, pp. 180-212.
- SENRA, Stella. *Conversas com Clarice: entre a literatura e o jornalismo*. In: FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, pp. 377 - 390.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Jovem com Ferrugem*. In: **Os Pobres na Literatura Brasileira**. Org.: SCHWARZ, Roberto. S. Paulo, Brasiliense, 1993, pp. 154- 164.
- VIANNA, Lúcia Helena. *Clarice e o lugar do autor*. In: FUNCK, Susana Bornéo. **Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1974, pp. 299 - 306.
- VIEIRA, Telma Maria. **Clarice Lispector: Uma Leitura Instigante**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 1996.
- WALDMAN, Berta. **A Paixão segundo Clarice Lispector**. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo, Escuta, 1992.

3 - Revistas Temáticas

- Revista Remate de Males**. *Clarice Lispector*. Nº 9. Revista do Departamento de Teoria Literária. UNICAMP. Campinas. 1989.
- Revista Tempo Brasileiro**. *Clarice Lispector*. Nº 104. Janeiro/Março, 1991. Rio de Janeiro.
- Cult - Revista Brasileira de Literatura**. Nº 5. Dezembro/1997. São Paulo.
- Bravo!**. *A Invenção de Clarice*. Nº 3. Dezembro/1997. São Paulo.

4 - Respaldo Teórico Geral

- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Tradução: ABREU, Estela dos Santos. Campinas, Papirus, 1993.
- BARTHES, Roland. *A Imagem*. In: *O Óbvio e o Obtuso*. Tradução: NOVAES, Léa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, pp. 9- 61.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira*. 4ª edição, São Paulo, Ática, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Pequena História da Fotografia*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas, V.1. 4ª edição, São Paulo, Brasiliense.
- BRUNEL, P. et alii. *A Crítica Literária*. São Paulo, Martins, 1988.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 7ª edição. São Paulo, Ed. Nacional, 1985.
- _____. *A Educação pela Noite e outros Ensaio*s. São Paulo, Ática, 1987.
- _____. *Brigada Ligeira*. São Paulo, Martins, 1945.
- _____. *O Observador Literário*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1959.
- _____. *Vários Escritos*. 2ª ed.. São Paulo, Duas Cidades, 1977.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- EAGLETON, Terry. *Fenomenologia, Hermenêutica e Teoria da Recepção*. In: *Teoria da Literatura*. 2ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1994, pp. 59 -96
- FIGUEIREDO, Maria do Carmo L. . *O romance de Lima Barreto e sua recepção*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária I: 1920 - 1947*. Organização, introdução e notas: Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- _____. **O espírito e a letra: estudos de crítica literária II: 1947- 1948.** Organização, introdução e notas: Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária.** Tradução: TELLAROLI, Sérgio. São Paulo, Ática, 1994.
- _____. Et. al. **A Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção.** Coordenação e Tradução: LIMA, Luiz Costa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- KOTSCHO, Ricardo. *Perfil.* In: **A Prática da Reportagem.** 2ª edição. São Paulo, Ática, 1989, pp. 42 - 49.
- LAFETÁ, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo.** São Paulo, Duas Cidades, 1974.
- LAJE, Nilson. **Estrutura da Notícia.** São Paulo, Ática, 1985.
- LIMA, Luiz Costa. **Por que literatura.** Petrópolis, Vozes, 1969.
- LINS, Álvaro. *Jornalismo e Literatura.* In: **Jornal de Crítica.** 1ª série. Rio de Janeiro, José Olympio. 1941, pp. 224 - 231.
- _____. *Crítica e Estilo.* In: **O Relógio e o Quadrante.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1964, pp. 367 - 414.
- MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular. Introdução à Fotografia.** São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura.** São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- MENESES, Adélia Bezerra de. **A Obra Crítica de Álvaro Lins e sua Função Histórica.** Petrópolis, Vozes, 1979.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários.** 5ª ed.. São Paulo, Cultrix, 1988, pp. 113-131.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974).** 8ª edição. São Paulo, Ática, 1994.
- OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. **João Goulart na Imprensa, de Personalidade a Personagem.** São Paulo, Annablume, 1993.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A Falência da Crítica.** São Paulo, Perspectiva. 1973.
- _____. *Que fim levou a crítica literária?.* In: **Folha de São Paulo.** Caderno Mais! 25 /08/1996, p. 9.

- PONTES, Heloísa. **Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-68)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Remate de Males**. Alexandre Eulálio Dilettante. IEL/UNICAMP, 1993.
- ROMERO, Sílvio. *Da crítica e sua exata definição*. In: **História da Literatura Brasileira**. 7ª ed.. Rio de Janeiro, José Olympio e INL, 1º volume, pp. 316-344.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo, Ática, 1985.
- SCHWARZ, Roberto. *Nacional por Subtração*. In: **Que Horas São?**. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SODRÉ, Nélson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: a literatura de mercado**. São Paulo, Ática, 1985.
- VERDI, Eunaldo. **Graciliano Ramos e a Crítica Literária**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.
- WELLEK, René. **Conceitos de Crítica**. Tradução: MENDES, Oscar. São Paulo, Cultrix, s.d.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo, Ática, 1989.

5 - Inventário

Inventário do Arquivo Clarice Lispector. Organização: Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa e Ministério da Cultura. 1993.

6 - Filmografia e Gravações:

- Perto de Clarice.** Curta de João Carlos Horta. EMBRAFILME. Direção: João Carlos Horta. 1982 (Prêmio Gramado de 1983).
- Clarice Lispector.** Vídeo. Programa "Panorama Especial". São Paulo, Tv 2 Cultura, fev. 1977. Entrevistador e produtor: Júlio Lerner. (Transmitido, pela primeira vez, em 28/12/1977).
- Clarice Lispector.** Entrevista realizada por Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti e João Salgueiro. Museu da Imagem e do Som (MIS), 20/10/76.
- Perfil - Homenagem a Clarice Lispector.** Reportagem realizada pela TV Universitária/Uberlândia e transmitido em 19/12/1997.

7 - Obras de Clarice Lispector

- LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem.** 7ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- _____. **O Lustre.** 8ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- _____. **A Cidade Sitiada.** 7ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- _____. **Laços de Família.** 9ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- _____. **A Maça no Escuro.** 8ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- _____. **A Legião Estrangeira.** 13ª edição. São Paulo, Siciliano, 1995.
- _____. **A Paixão Segundo G.H.** 15ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.
- _____. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres.** 19ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.
- _____. **Felicidade Clandestina.** 8ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- _____. **Água Viva.** Rio de Janeiro, Artenova, 1973.

- ____. **A Via Crucis do Corpo**. 4ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.
- ____. **Onde Estivestes de noite**. 6ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- ____. **De Corpo Inteiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Siciliano, 1992.
- ____. **Visão do Esplendor**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- ____. **A Hora da Estrela**. 2ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- ____. **Para não esquecer**. São Paulo, Ática, 1979.
- ____. **Um Sopro de Vida (Pulsações)**. 10ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- ____. **A Bela e a Fera**. 4ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- ____. **A Descoberta do Mundo**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- ____. **Quase de Verdade**. 3ª edição. Rio de Janeiro, Rocco, 1981.
- ____. **O Mistério do Coelho Pensante**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Rocco, 1976.
- ____. **A Mulher que Matou os Peixes**. 7ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- ____. **A Vida Íntima de Laura**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- ____. **O Primeiro Beijo**. Antologia de contos. 6ª edição. São Paulo. Ática. 1992.
- ____. **Como Nasceram as Estrelas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.